

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**ADALGISO SILVA SILVEIRA**

Turismo nas Fazendas Imperiais do Vale do Paraíba  
Fluminense

Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo no Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de Doutor, na área de Concentração em Ciências da Comunicação da linha de Pesquisa em Turismo e Lazer.

**Orientador: Prof. Doutor Mário Jorge PIRES**

***São Paulo***

2007

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ADALGISO SILVA SILVEIRA

**TURISMO NAS FAZENDAS IMPERIAIS  
DO VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE**

**Área de concentração em Ciências da Comunicação  
Linha de Pesquisa em Turismo e Lazer**

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

**Profº Dr. Mário Jorge Pires  
Presidente da Banca**

**Banca Examinadora:**

**Profº Dr. (a)** \_\_\_\_\_

**Profº Dr. (a)** \_\_\_\_\_

**Profº Dr. (a)** \_\_\_\_\_

**Profº Dr. (a)** \_\_\_\_\_

**São Paulo  
2007**



À minha avó Dona Isaura, que no auge dos seus 97 anos, lúcida e inteligente é inspiração para a vida.

Aos meus Irmãos e Sobrinhos que sirva como exemplo de perseverança na busca do caminho do bem e da vitória pela vida.

À Verônica, pela sua fé inabalável em Deus, pela paciência e a confiança na vitória.

Ao meu pai, homem desprovido de qualquer sentimento de vaidade e prepotência.

À minha mãe Dona Maria, a dor da saudade eterna, presente em espírito e sempre irradiando a esperança de dias melhores.

In Memoriam

À Evelyn Pasquale, pelo pioneirismo de uma idéia bem-sucedida.

In Memoriam

## AGRADECIMENTOS

Este é um momento muito especial, pois não são apenas palavras para cumprir formalidades.

Todos aqueles que nos ajudaram e nos apoiaram são dignos não apenas de agradecimentos, mas de reconhecimento pelo que representaram e representam nesta caminhada de afirmação e esperança, para se chegar a algum lugar, que sempre foi não só um sonho, mas uma opção de vida.

Este trabalho é resultado da colaboração e do desprendimento de todos que aqui citaremos, aos quais seremos eternamente gratos.

A **Mário Jorge**, muito mais que um orientador, um conselheiro, um amigo, uma pessoa de um caráter raro nos tempos atuais, a quem devo a consolidação da carreira acadêmica .

**Aos professores**, com os quais amenizei a insegurança e as dúvidas, fruto da inexperiência, Prof<sup>a</sup> Olga, Prof<sup>a</sup> Míriam, Prof. Reinaldo, Prof. René, vistos como um espelho em todos esses anos.

**A todos os proprietários das Fazendas pesquisadas**, pela acolhida e as informações determinantes para o desfecho da pesquisa. Em especial ao pessoal da Fazenda Ponte Alta, Roberto e sua equipe do Sarau Imperial. Ao Sr. João Reis da Fazenda União, Sra. Magid da Fazenda São João da Prosperidade, Sr. Paulo da Fazenda Florença, Sra. Aparecida Pentagna da Fazenda Pau D'alho, Sr. Celso da Fazenda São Paulo, Sra. Marta Brito da Fazenda do Secretário, Sra. Simone da Fazenda Mulungu Vermelho, Sra. Lílian da Fazenda Cachoeira Mato Dentro, Sr. Rubens da Fazenda Galo Vermelho, Sra. Ana da Fazenda da Taquara, ao Pe. Geraldo da Fazenda Santo Antonio do Paiol, Sr. Arturo da Fazenda Santo Antônio, Sta.

Cecília da Fazenda Santa Cecília, Sra. Tatiana da Fazenda São João da Barra, Sra. Débora da Fazenda Campos Elízeos.

**Ao Instituto PRESERVALE**, na pessoa da Sra. Sônia Mattos, proprietária da Fazenda Vista Alegre, sempre prestativa e incentivadora deste trabalho.

**A Sra. Nilza Rozemberg** profunda conhecedora do turismo nas fazendas do Vale do Paraíba

**Ao historiador Paulo Lamego** e esposa pelo apoio e incentivo

**À Cristina**, uma colega, uma parceira, uma irmã de coração, pelo apoio e incentivo.

**À Paula**, amiga dos tempos iniciais, sempre presente para apoiar.

**Aos alunos do Curso de Turismo da UNIRIO**, na pesquisa de campo.

**Aos alunos da primeira turma de Turismo da Cásper**, emanadores de uma energia sempre positiva,

**À Carolina Teixeira** “Fazendinha”, criativa e sempre disposta a colaborar.

**A Bárbara**, sempre disposta a colaborar.

**Aos funcionários do Depto de Pós da ECA**, pelos esclarecimentos e presteza nas informações.

**À Mary da Secretaria do CRP / ECA**, pela ajuda no Curriculum Lattes.

**A todos os colegas e amigos de outras áreas**, a tantos outros não citados, não propositalmente, mas que estão na minha lembrança para sempre.

**A todos**, o privilégio em conhecê-los e tê-los no nosso universo de vida.

**A minha eterna gratidão.**

# RESUMO

Este estudo realizado com base em fontes primárias e secundárias está embasado no trabalho de campo que consiste em entrevistas e observações in loco. Consiste em analisar as Fazendas Imperiais no Vale do Paraíba Fluminense para a implementação da atividade turística. Trata do elemento histórico e da cultura material como valor capaz de alavancar o turismo, tendo como sustentáculo a história cotidiana da região do Vale do Café, no período da cafeicultura durante o século XIX. Revela resultados abrangentes para a consolidação de um novo pólo turístico regional tendo as fazendas imperiais como fator motivador da destinação.

**Palavras-chave:** Turismo no Espaço Rural. Turismo Rural. Turismo Histórico Cultural. Interpretação patrimonial.

## **ABSTRACT**

This study done with basis on primary and secondary sources is based on the fieldwork that consists on interviews and observations in loco. It consists on analyzing the Imperial Farms in the Vale do Paraíba in Rio de Janeiro in order for the implementation of tourist activity. It is about the historical element and the material culture with value enough to promote tourism, having as basis the daily life story of the Vale do Café region, in the period of coffee growing during the 19<sup>th</sup> century. It reveals inclusive results for the consolidation of a new tourist regional pole having the imperial farms as a motivating factor of the destination.

**Keywords:** Tourism in the Rural Space. Rural Tourism. Cultural Historic Tourism. Patrimonial Interpretation.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Data de fundação.....	92
Gráfico 2: Área territorial da fazenda.....	93
Gráfico 3: Atividade produtiva de origem.....	94
Gráfico 4: Sede atual é a mesma desde a fundação.....	95
Gráfico 5: Mobiliário é o mesmo desde a fundação.....	96
Gráfico 6: Motivo para adquirir a fazenda.....	97
Gráfico 7: proprietários herdeiros.....	98
Gráfico 8: Estado de conservação da casa ao adquiri-la.....	99
Gráfico 9: Realizou alguma obra de restauração na casa.....	100
Gráfico 10: O que mudou na casa sede.....	101
Gráfico 11: A quanto tempo está sob a direção dos atuais proprietários.....	102
Gráfico 12: Atividade produtiva na atualidade.....	103
Gráfico 13: Atividade produtiva principal.....	104
Gráfico 14: A forma de administração da propriedade na atualidade.....	105
Gráfico 15: Forma de escoamento da produção.....	106
Gráfico 16: Ano de início da atividade do turismo.....	107
Gráfico 17: A decisão de implantar o turismo.....	108
Gráfico 18: O início da atividade, teve apoio de órgãos e de profissionais de Turismo.....	109
Gráfico 19: Para as reformas obteve algum tipo de financiamento, público ou privado.....	110
Gráfico 20: Serviços oferecidos por fazendas.....	111
Gráfico 21: Porque trabalha com hospedagem e visitação.....	112
Gráfico 22: Porque não trabalha com hospedagem.....	113
Gráfico 23: Quais as vantagens de trabalhar só com visitação.....	114
Gráfico 24 :O que é oferecido ao hóspede durante a estadia.....	116
Gráfico 25: Principal atrativo da fazenda.....	117
Gráfico 26: O que mais desperta o interesse do visitante da fazenda.....	119
Gráfico 27: Período da Alta temporada.....	120
Gráfico 28: Período da baixa temporada.....	121
Gráfico 29: Já recebeu turista estrangeiro.....	122
Gráfico 30: O turista estrangeiro tem interesse específico.....	123
Gráfico 31: Estando no Brasil de onde vêm o turista estrangeiro para a região.....	124
Gráfico 32: País com maior presença de turistas estrangeiros na região.....	125
Gráfico 33: Período do ano mais procurado.....	126
Gráfico 34: Perfil do turista estrangeiro.....	127
Gráfico 35: Como chega até às fazendas.....	128
Gráfico 36: Tempo de permanência na fazenda.....	129
Gráfico 37: Como ficam sabendo das fazendas.....	131
Gráfico 38: As agências são responsáveis pela vinda da maioria dos turistas?.....	132
Gráfico 39: De onde são as agências que trabalham com as fazendas.....	133
Gráfico 40: Sem a participação das agências, o número de visitantes seria o mesmo.....	140

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Data de fundação .....	92
Tabela 2: Área territorial da fazenda .....	93
Tabela 3: Atividade produtiva de origem .....	94
Tabela 4: Sede atual é a mesma desde a fundação .....	95
Tabela 5: Mobiliário é o mesmo desde a fundação .....	96
Tabela 6: Motivo para adquirir a fazenda.....	97
Tabela 7: proprietários herdeiros .....	98
Tabela 8: Estado de conservação da casa ao adquiri-la.....	99
Tabela 9: Realizou alguma obra de restauração na casa .....	100
Tabela 10: O que mudou na casa sede.....	101
Tabela 11:A quanto tempo está sob a direção dos atuais proprietários.....	102
Tabela 12: Atividade produtiva na atualidade .....	103
Tabela 13: Atividade produtiva principal.....	104
Tabela 14: A forma de administração da propriedade na atualidade .....	105
Tabela 15: Forma de escoamento da produção .....	106
Tabela 16: Ano de início da atividade do turismo.....	107
Tabela 17: A decisão de implantar o turismo .....	108
Tabela 18: O início da atividade, teve apoio de órgãos e de profissionais de Turismo .....	109
Tabela 19: Para as reformas obteve algum tipo de financiamento, público ou privado.....	110
Tabela 20: Serviços oferecidos por fazendas .....	111
Tabela 21: Porque trabalha com hospedagem e visitação .....	112
Tabela 22: Porque não trabalha com hospedagem .....	113
Tabela 23: Quais as vantagens de trabalhar só com visitação.....	114
Tabela 24 : O que é oferecido ao hóspede durante a estadia.....	116
Tabela 25: Principal atrativo da fazenda .....	117
Tabela 26: O que mais desperta o interesse do visitante da fazenda.....	118
Tabela 27: Período da Alta temporada .....	120
Tabela 28: Período da baixa temporada .....	121
Tabela 29: Já recebeu turista estrangeiro.....	122
Tabela 30: O turista estrangeiro tem interesse específico .....	123
Tabela 31: Estando no Brasil de onde vêm o turista estrangeiro para a região.....	124
Tabela 32: País com maior presença de turistas estrangeiros na região.....	125
Tabela 33: Período do ano mais procurado .....	126
Tabela 34: Perfil do turista estrangeiro .....	127
Tabela 35: Como chega até às fazendas .....	128
Tabela 36: Tempo de permanência na fazenda .....	129
Tabela 37: Como ficam sabendo das fazendas.....	130
Tabela 38: As agências são responsáveis pela vinda da maioria dos turistas?.....	132
Tabela 39: De onde são as agências que trabalham com as fazendas .....	133
Tabela 40: Sem a participação das agências, o número de visitantes seria o mesmo .....	134

# SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 APRESENTAÇÃO DO ESTUDO .....	14
1.1.1 O café chega às terras fluminenses.....	15
1.1.2 Do apogeu à decadência .....	17
1.1.3 O destino das fazendas .....	17
1.1.4 Surgem os Palacetes rurais .....	18
1.1.5 Do abandono à restauração – o turismo como salvação?.....	20
1.1.6 As fazendas e o turismo - programação e atratividade.....	21
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA .....	23
2 A ORIGEM E A PROPAGAÇÃO DA RUBIÁCEA PELO MUNDO E A MONOCULTURA CAFEIEIRA NO VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE. ....	25
2.1 A descoberta para o consumo humano .....	25
2.2 A entrada e a disseminação da rubiácea no Brasil.....	26
2.3 A Coroa Portuguesa ignora o café.....	28
2.4 O primeiro fazendeiro de café do Brasil.....	29
2.5 O Café ocupa as terras do Vale do Paraíba Fluminense:.....	30
2.6 A formação das Fazendas, uma nova configuração ao Vale do Paraíba Fluminense ...	33
2.7 O surgimento de uma fazenda .....	33
3 CONCEITOS, MODALIDADES, CATEGORIAS ESPAÇO, E TURISMO .....	36
3.1 Espaço.....	36
3.1.1 O significado do Espaço .....	37
3.1.2 Espaço Turístico .....	38
3.1.3 Espaço Rural.....	39
3.1.4 Espaço cultural .....	42
3.2 Modalidades turísticas no Espaço Rural.....	43
3.2.1 Turismo no Espaço Rural .....	47
3.2.2 Turismo em áreas rurais e turismo no meio rural.....	48
3.2.3 Turismo Rural.....	49
3.2.4 Turismo Alternativo .....	50
3.3 As fazendas Imperiais do Vale do Café Fluminense – descrição histórica e implantação da atividade turística.....	52
3.3.1 Fazenda Cachoeira Mato Dentro – Vassouras – RJ .....	52

3.3.2 Fazenda Florença – Valença (Conservatória) – RJ .....	54
3.3.3 Fazenda Santo Antonio do Paiol – Valença – RJ .....	55
3.3.4 Fazenda União – Rio das Flores – RJ .....	57
3.3.5 Fazenda Campos Elízeos – Rio das Flores – RJ .....	58
3.3.6 Fazenda da Taquara – Barra do Piraí – RJ .....	60
3.3.7 Fazenda do Secretário – Vassouras – RJ .....	61
3.3.8 Fazenda Mulungu Vermelho – Vassouras – RJ .....	63
3.3.9 Fazenda Ponte Alta – Barra do Piraí – RJ .....	65
3.3.10 Fazenda do Arvoredo – Barra do Piraí – RJ .....	67
3.3.11 Fazenda Chacrinha – Valença – RJ .....	69
3.3.12 Fazenda São Paulo – Valença – RJ .....	70
3.3.13 Fazenda Pau D’alho – Valença – RJ .....	71
3.3.14 Fazenda Cachoeira Grande – Vassouras – RJ .....	72
3.3.15 Fazenda São Fernando – Vassouras – RJ .....	74
3.3.16 Fazenda Santo Antonio – Rio das Flores – RJ .....	75
3.3.17 Fazenda Santa Cecília – Miguel Pereira – RJ .....	77
3.3.18 Fazenda São João da Barra – Miguel Pereira – RJ .....	79
3.3.19 Fazenda do Paraíso – Valença – RJ .....	80
3.3.20 Fazenda São João da Prosperidade – Barra do Piraí – RJ .....	81
3.3.21 Fazenda Vista Alegre – Valença – RJ .....	83
3.3.22 Fazenda Galo Vermelho – Vassouras – RJ .....	84
3.4 CLASSIFICAÇÃO DAS FAZENDAS POR CATEGORIA E SERVIÇOS .....	86
4 PESQUISA DE CAMPO .....	91
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	140
REFERÊNCIAS .....	147
APÊNDICE .....	151
ANEXOS .....	155

## 1 INTRODUÇÃO

Patrimônio e história, independente da dimensão populacional ou territorial, representam o passado de um povo, de uma sociedade ou de uma comunidade. Seus remanescentes materiais, simbolizam hábitos, costumes e culturas passadas, funcionando como ponto de referência e reflexões de experiências vividas, para as gerações do presente e futuras.

O Vale do Paraíba Fluminense, é a região onde a lavoura do café atingiu índices máximos de produção e valorização, para, em curto espaço de tempo, se transformar no maior produto de exportação do Brasil. Com esta monocultura, fez acumular fortunas que proporcionaram a construção de residências no espaço rural, monumentais para a época.

A força do dinheiro e a presença européia nos hábitos de consumo daquela sociedade do oitocentos, influenciada que foi, por modelos importados, fez surgir, em função da riqueza, mas impulsionados pelo desejo da ostentação, e a necessidade de mostrar padrão de vida, centenas de casas rurais, verdadeiros palacetes, erguidos em meio à mata, da então intocada Floresta de Mata Atlântica da Província do Rio de Janeiro.

Passados um século e meio, em média, da sua existência, esses palacetes rurais, representam hoje, a memória material de uma história de contrastes e paradoxo entre a riqueza, o glamour e a decadência, retratados na sua arquitetura imponente, composta por um cenário em que se confundem, um misto de obras de arte e objetos de decoração, o que de melhor existia para a época, integrados com ferramentas de trabalho e castigo, do sistema escravista.

As conjunturas econômicas, sociais e políticas, pelas quais o país enfrentou, ao longo dos dois últimos séculos, atingiram também a região do Vale Fluminense e contribuíram para que as fazendas, formadas no período de valorização do café, passassem por diversas fases, de

apogeu à decadência a ponto de um grande número terem desaparecido, não apenas pela ação do tempo, mas também, por fatores de ordem familiar e econômica

Esse conjunto de propriedades históricas, de características marcantes, e imponente arquitetura, complementado por rica decoração com objetos de época, fez com que os atuais proprietários percebessem serem essas residências um recurso para o turismo.

Ao optarem pelo turismo, respeitando as suas limitações como recurso turístico, seus proprietários assim o fizeram, com um único objetivo, resgatar a história do café, do Vale do Paraíba Fluminense, dando oportunidade, para que as pessoas conheçam a vida dos personagens dessa história que transformou o país.

Observadas as novas modalidades de Turismo no Espaço Rural, as Fazendas Imperiais do Vale do Café Fluminense, palacetes rurais, abertos para visitação, também funcionam como meios de hospedagem.

Com base nesse patrimônio, concentrado em uma única região, a idéia de desenvolver esse estudo, nasceu de uma série de fatores influenciadores, para a decisão por sua realização. Primeiramente, a opção pelo tema, é resultante da experiência com a Dissertação de Mestrado, realizada na mesma região, sobre um estudo que indiretamente, está ligado à tese de doutorado. O tema de Mestrado, *“Ambientação de Base Histórica: ferramenta de incremento do turismo – o exemplo de Vassouras – RJ. Tinha como proposta conhecer as técnicas de interpretação do patrimônio, estudar o perfil do público e o potencial atrativo do evento, “Chá Imperial”, como ferramenta de revitalização de museus e casas históricas.*

O desenvolvimento desse estudo, é resultado da Dissertação de Mestrado, pesquisa feita a partir da experiência pioneira do Museu Casa da Hera de Vassouras no Estado do Rio de Janeiro, com educação patrimonial no ano de 1989. Na época foi apresentado nas

dependências do museu, O Chá Imperial que retratava parte do cotidiano da história dos Barões do Café.

A partir daquela data, o Chá Imperial se transformou numa experiência com Ambientação de Base Histórica. Os resultados de público serviram de modelo para outras experiências, como o Sarau Histórico da Fazenda Ponte Alta, apresentado como a principal atração da fazenda. A partir dos anos noventa, o crescimento do turismo no Brasil despertou a região do Vale do Café para uma nova realidade. A região passa a trabalhar com a possibilidade de incrementar uma nova função às antigas casas sedes das fazendas de café.

Na perspectiva de descrever o tipo de turismo praticado nas Fazendas Imperiais do Vale do Paraíba Fluminense, a pesquisa avalia a forma como cada propriedade se preparou para iniciar na atividade.

Na tentativa de conhecer essa modalidade de turismo, única no Brasil concentrada numa mesma região, e com os mesmos recursos, optou-se em trabalhar como amostragem, todas as fazendas associadas ao Instituto Preservale, organização não governamental que nasceu com a missão de preservar aquele patrimônio e também o meio ambiente da região.

Para conhecer os recursos utilizados, todas as vinte e duas propriedades foram visitadas, seguindo um critério único para coletar dados. Em cada propriedade foram feitas visitas internas e externas, acompanhadas de entrevista com cada proprietário e, concluindo essa etapa do trabalho de campo, as edificações foram fotografadas interna e externamente, sendo esse material usado como elemento de verificação do turismo praticado individualmente e no conjunto geral, em todas as fazendas.

Diante do exposto, a natureza do tema, e a delimitação dos objetivos que conferissem a probabilidade das hipóteses, levaram a estruturar o texto em três capítulos: natureza do tema; fundamentação teórica e a pesquisa de campo.

No Primeiro capítulo – é apresentada a história do café, a descoberta para o consumo humano e a propagação da planta pelo mundo: Até sua chegada no Brasil, as regiões por onde foi cultivado, e a implantação no Sudeste, onde surgiu, provavelmente, o primeiro fazendeiro de café. Anos depois, o café ocupou as terras fluminenses na região do Vale do Paraíba. A formação das fazendas foi do apogeu à decadência até chegar aos dias atuais a um novo uso que foi a opção pelo turismo a partir do final do século XX e início do século XXI.

O Segundo capítulo – destinado a tratar do referencial teórico, apresenta o espaço enquanto território onde acontece o fenômeno do turismo em todas as suas modalidades, fator determinante do tipo de espaço consumido.

Neste mesmo capítulo, o estudo traz para a discussão, o Turismo no Espaço Rural, o Turismo Rural e o Turismo Alternativo, este último para tentar definir o que se considera como alternativo hoje no turismo.

O objeto de estudo, as fazendas, como elemento de fomento do turismo da região do Vale do Café, neste capítulo é feita uma descrição de cada propriedade e a forma como desenvolve o turismo.

O Terceiro capítulo, apresenta a pesquisa de campo, acompanhada de entrevistas com os proprietários das fazendas. Para melhor ilustrar os resultados da compilação, tabelas e gráficos foram confeccionados, para aferir a coleta dos dados. Todos interpretados para a análise do resultado final.

Como fechamento do trabalho, as conclusões a que se chegou com este estudo, deixam evidentes a perspectiva do turismo no Vale do Café Fluminense, constatando ser esse tipo de turismo implementado no Espaço Rural, da região, de características inteiramente diferenciadas ao Turismo Rural, até então praticado no Brasil.

Quanto à justificativa deste estudo, a sua realização, é oportuna por se tratar de um tema que no turismo, necessita de mais pesquisas, que contribuam para definir as diversas modalidades implantadas no espaço rural.

Justifica-se a metodologia e o método aplicados, na realização do estudo, por ser o que ofereceu melhores condições ao trabalho de campo, e o mais apropriado às características do objeto de estudo.

## 1.1 APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

O uso do café para o consumo humano provavelmente, se deu na Etiópia no século XV, nesta época não se sabia a sua utilidade, permanecendo a planta naquele território do século XV ao século XVII.

No século XVII, chega à Europa, possivelmente trazido por um Holandês, se espalhando por todo o continente, nesse mesmo período. Os primeiros países onde se registraram sua propagação foram Holanda, Inglaterra e França. No século XVIII, através das colônias britânicas, o café chega à América, nas Antilhas e na Guiana Francesa.

Na segunda metade do século XVIII, o café entra no Brasil, pelo Pará, e logo se espalha por toda a Região Norte. Na Amazônia, o café foi plantado por Índios e Padres Jesuítas.

No Nordeste, o cafezeiro se propagou por todas as províncias, embora se tenha conhecimento que na Província da Bahia, no século XVIII já produzia e exportava.

A planta chegou ao Centro Oeste nas províncias de Mato Grosso e Goiás, para fixar com intensidade na Região Sudeste, nas províncias do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de

Janeiro e São Paulo. Sendo que nas duas primeiras províncias, não tem impulso na sua produção.

Sua epopéia, aconteceu nas províncias do Rio de Janeiro e São Paulo. Ainda nas últimas décadas do século XVIII, a colônia cultivava como produto principal, o fumo, o açúcar e outras drogas do Sertão. Embora o café já estivesse disseminado por toda a colônia.

A Coroa Portuguesa não reconhecia essa nova planta. Insistia em ignorá-la. Autoridades da Coroa, padres, bispos, botânicos, todos conhecedores e estudiosos da floresta tropical, por motivos políticos, insistiam em ignorar o café no Brasil. Portugal que dominava o comércio do açúcar, via seus estoques diminuírem. Assim, era iminente a perda do monopólio do mercado para a Holanda, Inglaterra e França.

O café chega às terras do novo mundo, em um momento onde a conjuntura internacional era desfavorável à Coroa, esta que se abastecia do açúcar, do ouro e de outros produtos agrícolas da colônia. Para impedir o cultivo da planta, o governo português incentivava a produção do açúcar e outras culturas.

Na colônia, os movimentos pró - independência, eram cada vez mais fortes e eclodiam em diversas partes. De Norte a Sul, já se falava nesta nova planta chegada das Antilhas. Seus resultados como bebida despertava o interesse da população, em todas as partes.

### **1.1.1 O café chega às terras fluminenses**

De planta de jardim, à monocultura produtiva, se espalha desde a capital até as regiões serranas. As primeiras plantações foram constatadas na região onde hoje é o bairro da Tijuca e a floresta do mesmo nome.

O café tomou rumos “Serra acima” até Petrópolis, mas não se adaptou ao clima. As geadas não favoreciam a propagação da cultura do cafeeiro. Volta para a “Baixada Fluminense”, na região de Santa Cruz, para novamente, subir a serra em direção às margens do Paraíba.

No ano de 1790 provavelmente Rezende teria recebido as primeiras mudas. A partir dali, logo a planta se espalha nas terras fluminenses, por toda a região do Rio Paraíba. Após Rezende, a próxima área a receber o café seria a região de Vassouras.

Naquele município o café se propagaria por toda a redondeza. Estava formada a região do *Vale do Café*. Vassouras chegou a receber o título de *A capital do café do Brasil, a Terra dos Barões*. Região desabitada, com floresta exuberante, terras férteis e disponíveis, tudo favorecia para a implantação da cultura do café.

As famílias mineiras, Os desbravadores da região, formaram as primeiras fazendas no Vale do café. O ouro já não mais oferecia perspectivas de lucro. Os pioneiros enfrentaram as maiores dificuldades. Desafiavam os índios, colocavam em risco a própria vida. Tudo em busca de um novo eldorado. A riqueza com o café.

Nasceu uma nova cultura, em meio a um conflito político, econômico e social. Os interesses da coroa, a crise do açúcar, e a mão – de - obra escrava. A aventura na adversidade e a falta de técnica. Assim, começou o cultivo de café no Vale do Paraíba Fluminense. Florestas tombavam fugazmente, sem nenhuma preocupação com o meio ambiente. Eram os chamados “*Fazendeiros do deserto*” como dizia Euclides da Cunha.

A produção aumentava a cada dia. Novas fazendas eram formadas com rapidez. As terras das Sesmarias, agora tinham novos donos. Tudo para o Café. A província fluminense era o novo centro do poder. Os barões se aproximavam da Corte, muda-se o destino de uma nação e a vida de uma sociedade.

Dos braços escravos constrói-se impérios, acumula-se fortunas, cria-se estilo de vida. Riqueza, Luxo, poder, glamour. É tudo muito fugaz. Tudo parecia eterno. A vida como um conto de fadas. Nada transparecia que o fim estava próximo.

### **1.1.2 Do apogeu à decadência**

Na primeira metade do século XIX, cerca de duzentas fazendas, ou quem sabe mais, foram formadas. A cada dia as exportações aumentavam, novas cidades surgiam, assim como novas fortunas. O progresso chega. A aristocracia rural constituída, goza do luxo e glamour, internacional.

Essas conquistas eram às custas de mãos humanas, um futuro obscuro, com a mesma intensidade, se aproxima. As intempéries do tempo e a agressão à natureza, têm um custo. Chega a década de 1870, o começo do fim. Com os fazendeiros endividados com os bancos, mão de obra cara, prestes a acabar a escravatura, o mercado internacional em baixa, o solo esgotado e a hipoteca das fazendas, era o fim de uma época que parecia eterna. No final do século XIX, os cafezais desapareceram, mas o clarão da floresta permaneceu. Com o fim da escravidão, os barões estão falidos. É a decadência.

### **1.1.3 O destino das fazendas**

**A primeira fase – a possibilidade de fazer fortunas.** Nesta etapa, da valorização da monocultura do café, a perspectiva do enriquecimento levou os antigos exploradores do ouro e plantadores da cana de açúcar a migrarem para o Vale Fluminense.

Homens com muita terra e pouca visão de futuro, usavam a mão de obra escrava, desmatava a floresta para cultivar o café. Sem técnica e sem preocupação com o ambiente, a floresta vinha morro abaixo e a erosão levava os nutrientes do solo.

**A segunda fase - as evidências da crise.** Passadas poucas décadas do aparecimento e a euforia com o café, como novo horizonte de riqueza, as evidências da crise começam a surgir. Mas isso não impede que os barões levem uma vida com esbanjamento de dinheiro.

#### **1.1.4 Surgem os Palacetes rurais**

As chamadas “*Casas Antigas*”, residências simples de trabalho, no estilo mineiro não duraria muito tempo. Os “pioneiros” migrantes da zona do ouro mineiro, tinham muito dinheiro e seus filhos, os futuros barões estudavam na Europa.

**A volta ao Brasil** – aqui chegando, com uma nova mentalidade, implementavam reformas nas antigas sedes das fazendas. Muitas foram demolidas para reconstrução, outras reformadas, alterando totalmente a edificação original.

**O luxo** – determinava o estilo de vida dos Barões. Jóias, louças, prataria, tudo era importado. A partir da década de 1860, período em que já havia uma aristocracia rural consolidada, nesta fase, a Europa era o sonho de consumo. Tudo era importado do bom e do melhor. Havia um verdadeiro esbanjamento de dinheiro, e um gosto pelo luxo e a ostentação. Os “*Barões do café*”, agora uma outra geração originária dos pioneiros, conquistavam e cortejavam o Poder. A Corte torna-se mais íntima e se transforma numa referência para os novos padrões de vida.

**O futuro obscuro** – Em meio a tanta ostentação, rondam os problemas que levariam em curto espaço de tempo à falência, os barões do café. A mentalidade conservadora e a falta de visão de futuro, não os fazem perceber que as dificuldades seriam praticamente insuperáveis. O café já não era mais o eldorado para a fortuna. A produção diminuía, faltava mão de obra para a colheita, o Brasil enfrentava forte concorrência internacional com o café de outros países.

**Surtem os atravessadores** – a alternativa era recorrer aos bancos, empréstimos eram feitos, colocando a propriedade como garantia do negócio. Os custos da produção tornaram-se altos, a produção não cobria as despesas. Uma vez vencidos os empréstimos a única solução era hipotecar as terras.

**A terceira fase – novos donos.** No início do século XX, a realidade do Vale é outra. O café definitivamente já não é lucrativo. As propriedades passam para novas mãos, (herdeiros e proprietários). Muda de donos, muda a atividade produtiva, agora é a vez da pecuária leiteira. Os casarões luxuosos são ocupados para outros fins. Cassinos, hotéis, outros continuam com a atividade agrícola, mas sem a mesma importância.

**O século XX** é marcado por conflitos de herança envolvendo as famílias herdeiras dessas fazendas. Há uma indefinição da atividade produtiva, os testamentos reduzem drasticamente a área territorial.

**A falta de recursos financeiros** – aliado às questões de herança, fez com que, muitas dessas fazendas, hoje, restassem apenas as ruínas ou desaparecessem. Embora o tempo tenha se encarregado de manter erguida parte dessas obras primas da arquitetura rural brasileira.

**A partir da década de 1950** – houve uma valorização da história. Assim, começou esse movimento de compras de fazendas. Os novos proprietários da época, nem sempre eram de famílias ricas, mais já eram considerados “*novos ricos*”. Parte deles, eram herdeiros dos

fundadores. São os mesmos os responsáveis por novas reformas, que acabaram, por falta de material, ou de técnicos especializados, tendo de alterar a originalidade dos casarões.

**A quarta fase - de mãos em mãos.** - as fazendas entram em uma nova fase a partir da década de 1970. Desse período em diante, as propriedades que no século XIX, pertenceram a uma classe de novos ricos “Os Barões do Café”, agora voltam para as mãos de uma nova elite, sem nenhuma ligação com as famílias fundadoras, nem com o latifúndio cafeeiro. Com algumas exceções, todas as fazendas do período da cafeicultura no Vale Fluminense não pertencem a famílias de herdeiros dos fundadores e pioneiros.

**Nos tempos atuais** - possuir uma propriedade rural é um desejo de consumo, uma realização pessoal com o simbolismo da volta ao passado. O campo é novamente objeto de desejo de uma elite econômica com alto poder aquisitivo, ligada ao mundo empresarial, à política e outros setores econômicos.

### **1.1.5 Do abandono à restauração – o turismo como salvação?**

As fazendas, com uma atividade produtiva definida, mas, não tão rentável como no passado, do período do café, com um custo de manutenção alto, vêm no turismo uma alternativa complementar de renda, embora o resgate da história da região torna-se um elemento decisivo para essa nova atividade. Essa nova fase, de abertura para o público, inicia-se nos anos oitenta em algumas propriedades, mas, só a partir dos anos noventa é que a atividade veio a se consolidar.

**A abertura para a visitação pública** – trata-se de uma iniciativa dos proprietários, de valorização do patrimônio, através do acesso do público. A idéia de resgatar a história do café

na região do Vale do Paraíba Fluminense, teve o incentivo e o pioneirismo das sras. Nilza Rozemberg e Evelin Pasquale.<sup>1</sup>

A primeira, profissional do mercado do turismo e grande incentivadora do turismo nas fazendas do Vale do Café, trabalha hoje com cerca de quatrocentas agências de turismo na cidade do Rio de Janeiro, e teve como primeira experiência, um castelo pertencente à família, na cidade de Mendes – RJ. 1

A segunda, proprietária herdeira da Fazenda Ponte Alta no município de Barra do Piraí – RJ, se inspirou no Chá Imperial do Museu Casa da Hera, em Vassouras - RJ. Adaptando para a fazenda uma experiência com Sarau Imperial, este que, terminou por consolidar o turismo nas fazendas do Vale do café Fluminense.

**A criação do Instituto Preservale** – Fundado no ano de 1994 com o objetivo de divulgar promover e assessorar os proprietários nas questões que envolvem o turismo, atua na preservação do patrimônio, no resgate da história da região e a proteção do meio ambiente do Vale do Café. O Instituto Preservale tem como interesse específico atuar na região do Vale do café e na consolidação do turismo nas fazendas imperiais<sup>2</sup>

### **1.1.6 As fazendas e o turismo - programação e atratividade**

Existe uma categoria para as fazendas, determinado pelo Instituto Preservale, que estabelece três critérios para esta classificação.

---

<sup>1</sup> Nilza Rozemberg – empreendedora do turismo nas fazendas do Vale do Paraíba Paulista e Fluminense. Membro e fundadora do Instituto Preservale. Entrevistada pelo autor em março de 2007.

Evelin Pasquale – proprietária herdeira da Fazenda Ponte Alta, é a pioneira com encenações nas fazendas do Vale. Uma das idealizadoras do Instituto Preservale.

<sup>2</sup> Instituto Preservale – ver histórico em anexo

**O projeto fazendas do Brasil** – é uma rede de alojamentos de caráter familiar complementada com atividades de animação e interpretação turísticas, fomentando a sustentabilidade do Turismo no Espaço Rural. As fazendas do Brasil, são classificadas em três grandes grupos:

**Fazendas Históricas – FH.** São fazendas com interesse histórico e valor patrimonial, referências da arquitetura tradicional brasileira, com mobiliário e decoração adequadas à época da construção. São elas:

Fazenda Mulungú Vermelho

Fazenda Santo Antônio

Fazenda União

Fazenda São Paulo

Fazenda Florença

Fazenda Ponte Alta

Fazenda do Arvoredo

Fazenda do Secretário

Fazenda Santa Cecília

**Fazendas de Produção – FP** proporcionam alojamento e animação de agro-turismo, satisfazendo sempre elevados padrões de qualidade.

Fazenda Galo Vermelho

Fazenda da Taquara

Fazenda São Fernando

Fazenda São João da Barra

Fazenda Campos Elízeos

**Fazendas de Lazer.** – FL são propriedades vocacionadas para programas de entretenimento de caráter lúdico, cultural e ambiental.

Fazenda Cachoeira Grande

Fazenda Cachoeira do Mato Dentro

Fazenda Pau D'Alho

Fazenda Paraíso

Fazenda Vista Alegre

Fazenda São João da Prosperidade

Fazenda Santo Antonio do Paiol

Fazenda Chacrinha

## 1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

*O que representa, a variável histórico – cultural, intrínseca à todas propriedades abertas ao turismo, em termos de atratividade, uma vez que outros empreendimentos rurais, que atuam na área do turismo, não possuem essa variável.*

O Vale do Paraíba Fluminense, de reconhecido valor histórico – cultural, tem com o turismo, a perspectiva de gerar receita para a manutenção das antigas casas das fazendas imperiais e aliado a este fator, também o resgate da história do café na região, fez surgir a partir dessa iniciativa, um novo pólo de turismo com base no patrimônio histórico – cultural representado pelas fazendas do período do café.

Com o número de fazendas, aberta à visitação e adaptadas para hospedagem, existentes na região, levantou-se o problema, para identificar a influência do elemento histórico e sua atratividade como recurso para o turismo em termos de demanda.

O elemento histórico é o diferencial dessas propriedades agrícolas em relação às propriedades rurais no Brasil.

## **2 A ORIGEM E A PROPAGAÇÃO DA RUBIÁCEA PELO MUNDO E A MONOCULTURA CAFEIEIRA NO VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE.**

### **2.1 A DESCOBERTA PARA O CONSUMO HUMANO**

As versões sobre a origem do café dão conta que a planta foi conhecida primeiramente na Etiópia. Segundo Argolo (2004, p. 19)

A Etiópia é tida como o país de origem do café. Daí, ele teria migrado para a Arábia, em data não estabelecida corretamente. Admite-se, contudo, que já no século XV os árabes tomavam café, cabendo a eles a exclusividade da lavoura até o século XVII.

Simonssen<sup>3</sup> (1940, apud ARGOLLO, 2004, p. 19) observa que:

[...] A mais antiga narrativa de que se tem notícia sobre o café como produto consumido em determinada escala... trata-se de um manuscrito árabe sobre sua introdução como bebida na região, no século XV da era cristã atribuída a um tal Gemaleddin, que numa de suas viagens teria visto vários nativos tomando a bebida.

Ainda segundo Simonssen (1940, apud ARGOLLO 2004, p. 19).

O preparo da bebida pelo uso das sementes cabe exclusivamente aos árabes que dessa forma já no século XVI podem ser considerados os autênticos descobridores do café, tal qual o conhecemos hoje em dia.(uma bebida obtida pela infusão de grãos, torrados e moídos em água quente).

Taunay em sua obra, História do café no Brasil, conta que:

[...] Em 1718, Suriname a colônia Holandesa na América do Sul, começou a cultivar o café. Em 1722, Monsieur de La Motte Aigron, governador de Caiena, iniciou uma plantação que, já em 1725, resultava em produção relativamente significativa. Em 1727 (mesmo ano em que o café chegou ao Brasil, os franceses percebendo que essa cultura poderia significar boa alternativa econômica para suas demais colônias, levaram algumas mudas à Martinica, de onde, provavelmente, o café se alastrou para as ilhas vizinhas, chegando à Jamaica em 1732 [...]. Assim, a trajetória do cafeeiro pelo mundo ocidental iniciou-se no final do século XVII, quando a título de ensaio, mudas foram enviadas para o Jardim Botânico de Amsterdã. Isto viria a se constituir no ponto de irradiação para a formação de cafezais no Ocidente, sobretudo Suriname, de onde passariam para a Guiana Francesa, que abrigou os ancestrais da lavoura brasileira. Taunay (1939, p. 245)

---

<sup>3</sup> R. C. SIMONSSSEN, “Aspectos da História Econômica do Café”, Revista do arquivo do Estado, nº LXV. São Paulo, 1940

O fato é que desde as primeiras notícias da existência da espécie, o café provocou grandes mudanças no comportamento das pessoas e influenciou a humanidade em todos os setores. Da cultura à economia e à política o café foi protagonista nas transformações impostas às sociedades.

Quer pelas substâncias, supostamente atribuídas à bebida, quer pelo seu valor nutricional, ou efeitos colaterais que provoca em seus consumidores, o café sempre foi protagonista por transformações, há séculos.

## 2.2 A ENTRADA E A DISSEMINAÇÃO DA RUBIÁCEA NO BRASIL

Com a entrada da bebida no Brasil, por aqui, também os comentários e a crença sobre as qualidades da planta, não foi diferente que no restante do mundo, onde se plantou e consumiu a bebida.

[...]Sobre o café era impossível conciliar as opiniões médicas. Affirmavam huns que o café he hum princípio de vida e que tem todas as virtudes contra todas as moléstias”. Dizem outros que embebeda, corrompe a massa do sangue e destróe os princípios da geração.”[...]hoje opinião commum que o café põem o sangue em movimento, ajuda a disgestão, desperta do smno, precipita os alimentos que por tanto o seu uso será saudável às pessoas gordas, fleumáticaos pelo contrário as pessoas magras, seccas de hum temperamento ardente e biloso, só devem usar delle com muita reserva. (TAUNAY,1939, p. 26)

A entrada das primeiras sementes de café plantadas no Brasil deu-se em 1727, por intermédio de Francisco de Melo Palheta, sargento – mor, oficial de linha do Exército português, [...] que houvera estado por ordem do Sr. João da Maia da Gama, Governador geral da Província do Maranhão, em Caiena, na Guiana Francesa, para resolver questões de fronteira levantadas pelo Sr. Cláudio d’Olliviers, governador daquela colônia”[...] Ainda de

acordo com Taunay, no final do século XVIII, a cultura do café era, ainda, economicamente insignificante no Brasil (TAUNAY, 1939, p. 281).

A fixação do café como produto agricultável transformar-se-ia em um curto espaço de tempo em uma cultura tão valiosa tal qual o foi o ouro nas Minas Gerais e que, nas palavras de Sobrinho, 1978, p. 8 defendia-se:

[...] uma nova mina havia aparecido. [...] logo todavia, só recebeu real estímulo com o Decreto de 1761, que retirava daquele produto gravames de exportação. Ao vice-rei Marquês de Lavradio, deveram-se medidas sábia e práticas, que vieram incrementar a cafeicultura nascente.

De acordo com Taunay, no século XVIII, acontece uma disseminação por toda a colônia. Na Amazônia

[...] a experiência da longa estada no Amazonas levava o Padre João Daniel a ultimar os seus considerados por um conselho aos lavradores [...] tratando do café, expendia o jesuíta: “A planta do café foge dos alagadiços, e quer terra secca, e he huma das mais estimadas plantas pelo muito que carrega, e fructifica logo no segundo ou terceiro anno, e, por isso, deve levar huma das primeiras atenções aos lavradores do Amazonas”... (TAUNAY, 1939, v. II p. 10)

Nos Estados do Nordeste, têm-se relatos de uma produção insignificante. Na província da Bahia relatos confirmavam

[...] o uso dessa bebida do café está tão generalizado, que ricos e pobres, pretos e índios, todos o tomam muitas vezes ao dia e a comarca de Caravellas promete para o futuro tornar-se assas importante pela grande exportação de café, visto que hoje muitos lavradores de mandioca abandonaram esta, e plantam o café (TAUNAY, 1939, v. II p. 38).

De norte a sul, verificou-se a presença do cafeeiro, como uma agricultura alternativa, mas em pequena escala de produção, o que só veio a ocorrer a partir do plantio em terras fluminenses.

## 2.3 A COROA PORTUGUESA IGNORA O CAFÉ

A colônia portuguesa na América estava muito próxima de conquistar a sua independência, à proporção que eclodiam, por todas as províncias, movimentos pró independência. O mais notável, a Inconfidência Mineira, movimento de luta contra a exploração do ouro e a cobrança irracional de impostos, evidenciava a insatisfação da população contra a Coroa.

Portugal tinha como base da sua economia o açúcar, que segundo Taunay (1939, p. 100-101),

[...] a propósito de enorme alta do gênero provocada pelos acontecimentos da Revolução Franceza e a perturbação do comércio mundial. Em Paris a libra de assucar estava custando 400 réis, ao passo que em Lisboa valia de 140 a 160 réis. [...] Havia enorme falta de “stocks” assucareiros. A descoberta das minas de ouro havia causado incalculável damno à lavoura, os portugueses, mestres dos demais povos em matéria de indústria saccharífera, estavam agora distanciadísimos dos francezes, inglezes e hollandezes. Perdera Portugal a antiga superioridade de sua agricultura.

O surgimento do café, logo se espalhando por toda a colônia, representava um risco para a Coroa. Naquela fase, não podia o Rei D. Manuel admitir ou incentivar uma nova lavoura, que não o açúcar. Contudo, o cafeeiro prosperava.

[...] Se em 1796, pela barra de Guanabara haviam sahido 8,495 arrobas de café, despachados para a Europa, dez annos mais tarde esta exportação havia quase decuplicado, attingindo 82.245 arrobas, no valor de 328:990\$000, doze vezes o valor da safra exportada em 1796, pois as cotações haviam subido de quase 25 por cento (TAUNAY, 1939, p. 115).

Era real a preocupação da Coroa, em impedir que a lavoura do café prosperasse em detrimento do açúcar. Ao que parece, não só as autoridades, como pessoas de outros escalões ignoravam mesmo que propositalmente a existência do café na colônia. Um grande contraste, já que tudo que a colônia produzia era para o interesse da Coroa. Açúcar, algodão, anil, fumo, cacau, entre outras culturas.

Para Taunay é surpreendente como no final do século XVIII, bispos, naturalistas, advogados, se negavam a reconhecer a existência do café no Brasil. O autor relata que:

[...] Em 1790, escrevendo Joaquim de Amorim Castro sobre a cochonilha do Brasil nas Memórias Econômicas da Academia Real de Ciências de Lisboa, aconselhava aos lavradores do nosso país, sobretudo aos de canna e fumo, que se ocupassem da criação do hemíptero corante que Linneu baptisara *Coccus caactus*. Nem uma única allusão se encontra em suas paginas de que soubesse da existência de lavradores de café no Brasil.” [...] Ao limiar do século XIX era o café assumpto de que quase não cogitavam os portugueses ilustrados em geral. (TAUNAY, 1939, v. II p. 100 -103).

## 2.4 O PRIMEIRO FAZENDEIRO DE CAFÉ DO BRASIL

Após a chegada dos Portugueses na colônia, os europeus manifestavam seu encantamento pelas florestas tropicais. São muito conhecidos os relatos de viagens dos naturalistas nas terras brasileiras. A maioria vieram para realizar pesquisas, mas também muitos aqui chegaram por outros motivos. Supostamente, segundo Taunay (1939, p. 210-211) o neerlandex Conde Theodoro van Hogendorp, capitão de granadeiros, ministro da guerra de Luis Bonaparte, chegou ao Rio de Janeiro em 1817, após recusar posto militar oferecido por D. João VI,

[...]recolhendo-se à solidão pitoresca da Tijuca,[...]para só se ocupar do cultivo da terra e do estudo da natureza[...]Construindo uma singela habitação puzera-se a derrubar largo trecho da mata, a fim de fabricar carvão [...] Aos poucos foi substituindo a floresta por uma lavoura de café, considerável para a época, pois chegou a contar 30.000 pés, cifra bem avultada até 1820, para uma fazenda.

## 2.5 O CAFÉ OCUPA AS TERRAS DO VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE:

A chegada do café e o cultivo, ao longo do curso do Rio Paraíba, em terras fluminenses, provocou em curto espaço de tempo, mudanças, não só na paisagem, mais também, transformou a região, em todos os aspectos: seja cultural, econômico ou político.

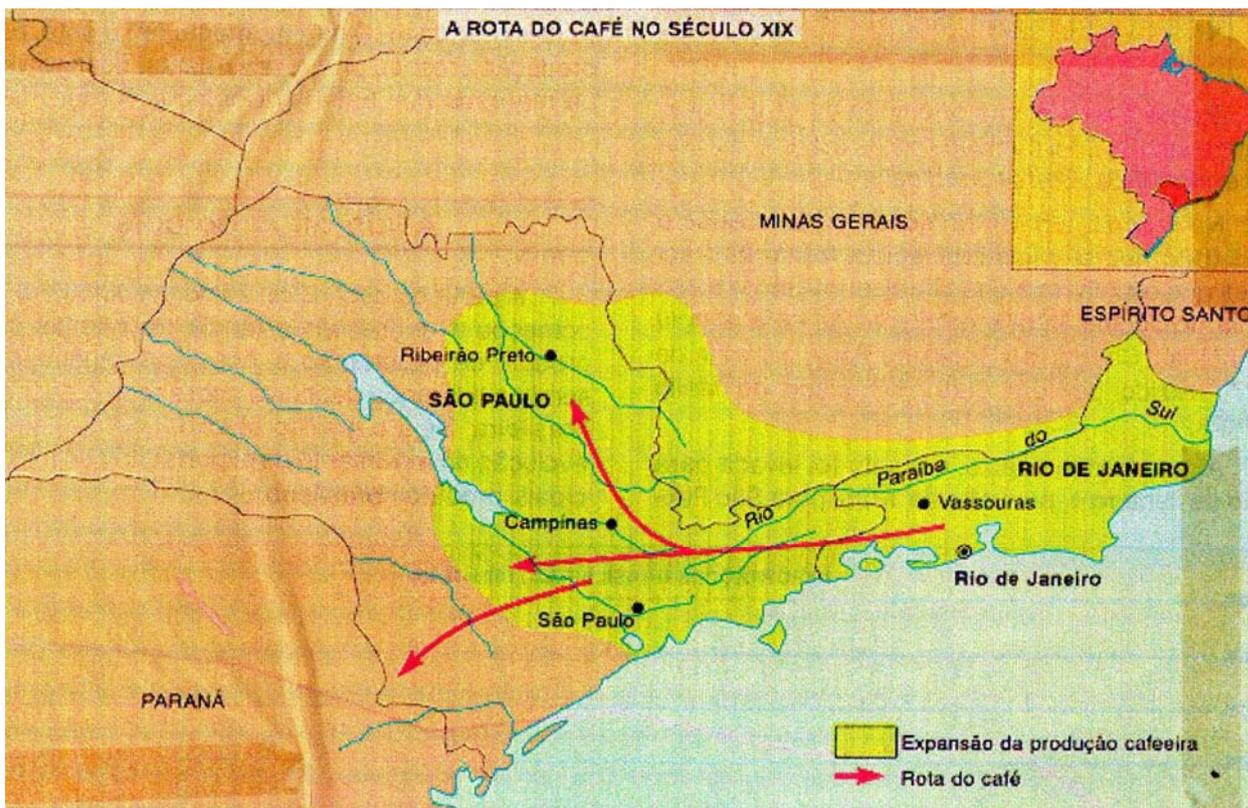
A historiadora Lielza Machado descreve a região da seguinte forma:

O Vale, formado pelo rio que percorre 1.019 km do território nacional antes do seu encontro com o Oceano Atlântico em Atafona (Campos – RJ.), começou a ser ocupado com a chegada das primeiras bandeiras. Seguiu-se a elas, o tráfego dos que se destinavam a Minas Gerais em busca do ouro, dando origem aos primeiros povoados resultando em sua extensão uma grande atividade agrícola que atingiu seu ápice com a cultura do açúcar no baixo Vale e o Café no médio e alto (MACHADO, 2000, p. 69).

A trajetória do café no Estado do Rio de Janeiro foi em seqüência, à medida que os fatos políticos iam decorrendo. Assim que a planta é trazida para o Brasil, chegou a várias províncias em curto espaço de tempo. “[...] Referindo-se à lavoura cafeeira no Vale do Paraíba, [...] implantou-se definitivamente, tanto lá como aqui, na década de 1830. Seu período áureo, na província do Rio de Janeiro vai de 1850 a 1870” STANLEY<sup>4</sup>, (1961, apud SOBRINHO, 1978, p. 24).

---

<sup>4</sup> STEIN, Stanley J. Grandeza e decadência do café, 1961



Mapa: A ROTA DO CAFÉ NO SÉCULO XIX

Fonte: Livro didático do ensino médio.

A implantação da monocultura do café se deu simultaneamente em todo o Vale do Paraíba, hoje os Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. De mão em mão as sementes partiram para província do Maranhão, com um desertor, e pés de café lá se formaram, na década de 1770.

O Dr. J. Gualbeto Castelo Branco, vindo assumir o cargo de desembargador da Relação, em 1774, na cidade do Rio de Janeiro, trouxe duas mudas de café que, aqui no sul, cresceram e floresceram em jardins, multiplicando sementes, até que um estrangeiro conhecido por Mooke com elas formou o primeiro cafezal, na periferia da Corte. Tanto êxito financeiro lhe foi proporcionado, que não demorou a ser seguido por todos quantos, no Rio e no resto do país.

[...] Em 1817, D. João VI, ainda residindo na Corte de São Sebastião do Rio de Janeiro, recebeu de sua outra colônia, Moçambique, tantas sementes da rubiácea, que distribuiu aos pacotes, entre proprietários de terra. Com o real incentivo do monarca português, as experiências já aprovadas foram-se repetindo, das chácaras da Tijuca e Corcovado, no Rio, aos sítios da Baixada Fluminense, de onde os cafeeiros marcharam sobre o Vale do Paraíba, para sua arrancada civilizadora. Em pouco tempo, só o café produzido nessa região será superior às quantidades provenientes do resto do mundo cafeeiro: Java, Somatra, Índia, Arábia, Arquipélago Oriental, Costa Oriental e Costa Ocidental da África. Fará a riqueza de São Paulo, enriquecendo e fazendo progredir o Brasil. (SOBRINHO, 1978, p. 8-9).

Para Lamego, (2003, p. 55) o Vale foi escolhido devido à sua situação geográfica e seu aspecto topográfico. Ainda conforme Lamego, o Vale do Paraíba nos idos dos anos de 1800, era coberto por uma mata primária, um contínuo e entrelaçado matagal que cobria as serranias, desdobrava-se por morros e colinas, abafava os vales apertados, onde os cursos d'água desapareciam sob os tetos das ramagens. O Vale era quase um indevassável labirinto vegetal, uma selva virgem.

De acordo com Sobrinho (1978, p. 21), o cafeeiro foi introduzido ao longo do Paraíba, quase ao mesmo tempo que no vale fluminense e no paulista, logo após o esgotamento das minas.[...]

As condições climáticas dessas terras, fizeram com que no início do século XVIII a região viesse a se transformar na maior produtora de café do mundo.

## 2.6 A FORMAÇÃO DAS FAZENDAS, UMA NOVA CONFIGURAÇÃO AO VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE

*“A formação de uma fazenda de café era tarefa árdua”*

*Paulo Lamego*

Até se constituir como uma propriedade produtiva, agora preparada para a monocultura do café, dotada de toda condição para a produção extensiva, formar uma fazenda passava por etapas anteriores, que dependiam de situações que envolviam diretamente a Corte.

Contudo, as primeiras fazendas instaladas no Vale do Paraíba Fluminense, seus proprietários, enfrentavam aquilo que PELLEGRINI (2001) chama de **ruidezas do Sertão**. Tudo começava com a doação do terreno como Sesmaria.

## 2.7 O SURGIMENTO DE UMA FAZENDA

Demarcada a sesmaria, ou como muitas vezes era feita, arbitrariamente, a posse da terra, vários fatores eram estudados para a implantação da fazenda.

[...] Quanto às conclusões sobre a fertilidade do solo, não havia dificuldade: a roupage que encobria a terra era seu índice seguro. Se a floresta aparentava um verde intenso, vista de longe, de algum espigão, mostrava-se azulada a sua boa qualidade estava assegurada. Nela se encontrava o cedro, o jacarandá, o jequitibá, a canela. Nela a natureza seria pródiga, nela o solo retribuiria com generosidade as mudas que se plantassem ou a semente que se lhe enterrasse! Era o lugar indicado! LAMEGO<sup>5</sup>, (1963, apud LAMEGO, 2003, p.45 ).

---

<sup>5</sup> LAMEGO, Alberto R. “O Homem e a Serra” IBGE, 1963

Outras condições eram indispensáveis para que a propriedade obtivesse êxito com a produção do café. Ainda conforme Lamego, era necessário que a casa sede estivesse próxima de um córrego com bom volume d'água, o terreno teria que apresentar a forma de um largo tabuleiro, onde houvesse espaço suficiente para, com largueza, conter, além da casa grande, todas as edificações subsidiárias: paiol, tulhas, engenho, senzalas, currais, chiqueiros e, principalmente, os terreiros para secagem do café.

As etapas seguintes, o fazendeiro com seus escravos passariam para a lida no campo que duraria anos, nesta primeira fase da instalação das fazendas de café. O primeiro passo era roçar um pequeno trecho, por baixo da mata, em seguida da derrubada das árvores:

[...] Esse penoso serviço nunca era feito pelos escravos, mas pelos caboclos, geralmente mineiros, segundo fielmente a técnica de seus mestres, os índios. Faziam incisões a machado no tronco das árvores maiores, à medida que iam subindo o morro. Lá em cima era derrubado o “matador”, árvore mais alta, previamente escolhida, que com sua queda, derrubaria as demais VALVERDE<sup>6</sup>, (apud Lamego, 2003 P. 56).

Estava então, construído o embrião da futura fazenda, uma casa simples onde ali se acomodava a família e seus escravos de confiança. As etapas seguintes seriam aproveitar os melhores troncos, e ao restante da floresta ateava-se fogo. Concluída esta etapa, passava-se para o alinhamento do futuro cafezal, tudo tocado pelas mãos dos escravos.

As primeiras fazendas desbravadas no Vale do Paraíba, por volta de 1830, exigiram de seus fundadores muito esforço, coragem, dedicação e paciência.

[...] assim, vencidos os primeiros anos, tornavam-se fazendeiros, que [...] dez anos mais tarde estavam ricos, vinte anos depois, opulentos, senhores de propriedades com enormes benfeitorias, casas colossais e escravatura numerosa Taunay<sup>7</sup>, (1939, apud ARGOLLO)

---

<sup>6</sup> VALVERDE, Orlando. Citado por Lamego em sua obra O Brasil é o Vale, 2003. Sem indicação bibliográfica

<sup>7</sup> TAUNAY, Afonso de E. História do café no Brasil. Rio de Janeiro, Departamento Nacional do Café, 1939, 2 vol.

A partir do momento da descoberta do café, como uma bebida possuidora de valores terapêuticos e nutricionais, consumida pelo mundo, desde o século XV, até chegar à formação das fazendas no Vale do Paraíba Fluminense, muitos episódios aconteceram.

A formação das fazendas está, portanto, ligada à situação política do Reino e Portugal e seus conflitos com a Inglaterra. A partir das guerras Napoleônicas e suas conseqüências para o mundo, isto veio a refletir na colônia portuguesa.

O Brasil, até então uma colônia, viveu desde o século XVI como uma fonte de suprimento e extração das riquezas para serem repassadas à colônia. Assim se sucedeu desde o cultivo do açúcar, e a extração do ouro. O café veio ocupar o vazio do esgotamento do processo extrativista agrícola e mineral para a Coroa Portuguesa.

Com a vinda da Coroa portuguesa para o Brasil, aportaram no Rio de Janeiro muitos nobres financeiramente arruinados. Dom João VI, na época príncipe regente,

[...] para remediar tal situação, distribuiu largamente sesmarias na região então semi deserta entre o litoral, o Paraíba e a fronteira de Minas Gerais,” as quais , com enorme expansão dos cafezais ali ocorrida, [...] tornaram-se bastante valorizadas, beneficiando muitos portugueses e brasileiros, fidalgos e pessoas distintas Taunay<sup>8</sup>, (1939, apud ARGOLLO, 2004, p. 27 ).

Na visão de Argollo, muitos desses proprietários eram especuladores de terra, que visavam apenas vender as propriedades e apurar lucros fáceis. No final do século XVIII, o Vale do Paraíba era então uma região despovoada, habitada por indígenas.

---

<sup>8</sup> IDEM

### **3 CONCEITOS, MODALIDADES, CATEGORIAS ESPAÇO, E TURISMO**

#### **3.1 ESPAÇO**

A formação do espaço é resultante da atividade humana e a sua consolidação, provêm dos avanços da sociedade. A diferenciação está na sua formatação, que resulta, na consolidação de um novo tipo de espaço.

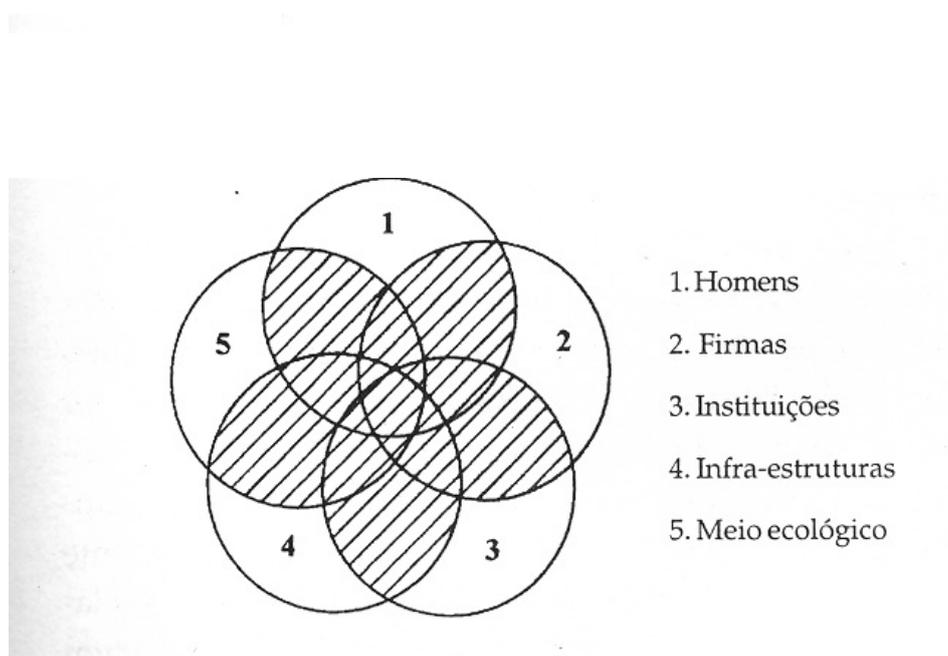
O conceito de espaço é determinado por diferentes áreas do conhecimento e está condicionado ao campo de interesse dessas mesmas áreas. Quer seja no campo das ciências sociais, das ciências humanas e das ciências sociais aplicadas, entre outras.

O turismo nas fazendas do Vale do Paraíba Fluminense, se configura como uma atividade realizada a princípio, em área, no meio, ou no espaço rural. Para precisar sobre esses conceitos e identificar o termo mais adequado às prerrogativas do estudo, buscou-se na literatura existente, suporte teórico, que descreva todas as nuances sobre o espaço, o espaço rural e o turismo no espaço rural.

Autores como, Boullón (1994, p.61) ao criar categorias para o espaço físico divide – o em sete tipos distintos. Espaço físico: real, potencial, cultural, natural , artificial, natural virgem e vital. Para o autor, alguns desses tipos de espaços, correspondem a distintas expressões materiais do espaço físico (cultural, natural, virgem, artificial) Outros são classificações conceituais próprias do planejamento (real e potencial). A definição de espaço está, portanto, condicionada à forma de sua ocupação, quer seja física, ou não.

### 3.1.1 O significado do Espaço

O espaço, segundo Milton Santos (apud Balastrieri, 1997:65), é formado pelos [...] homens, as firmas, as instituições, o chamado meio ecológico e as infra-estruturas. Na atividade turística, esses elementos, exercem seu papel na configuração do espaço turístico.



Esquema: elementos do espaço segundo Milton Santos (1985)

Fonte: org. por Adyr A. B. Rodrigues, 1996.

Balastrieri (1997) ao associar lugar, imaginário e o espaço turístico, a autora define o espaço turístico como [...] “resultante das conquistas do tempo livre das classes trabalhadoras, que resultam na necessidade de viajar. Esta necessidade é algo fabricado, incultado na mente dos indivíduos,[...] “enquanto os promotores do espaço turístico, procuram captar essas imagens e ir ao encontro delas.”Este seria, um espaço criado e reforçado pela mídia, que, segundo a autora, gera e reforça o processo fantasioso. No final resulta no que a autora classifica como “o consumo produtivo do espaço”.

O lugar, para a autora, [...]“como categoria filosófica, não trata de uma construção objetiva, mas de algo que só existe do ponto de vista do sujeito que o experiencia. [...]é o referencial da experiência, vivida pleno de significado.” (BALASTRERI, 1997:32)

### 3.1.2 Espaço Turístico

Nomear o espaço em função do uso é uma forma de caracterizá-lo, enquanto atividade nele exercida. Esta questão da nomenclatura, no turismo, cria uma profusão de termos e conceitos, passivos de equívocos.

Como vimos, até o momento neste capítulo, são muitas as interpretações que se dá ao espaço físico. Esta problemática está sendo tratada com cautela por parte do autor, tendo o cuidado de não tomar partido, com relação às interpretações dadas nas diversas áreas do conhecimento científico, sobre o tema.

Feitas essas ressalvas, buscou-se respaldo teórico sobre o assunto, nas áreas do conhecimento, com interesse sobre o fenômeno turístico, especialmente a geografia, ligada aos estudos do turismo, enquanto atividade social, de lazer e de mercado, que interfere diretamente na formação do espaço.

A complexidade conceitual do espaço e do turismo, na visão de BALASTRERI é vista da seguinte forma. (1997:43) “[...] A dificuldade para definir-se o espaço turístico está basicamente em captar o peso ou a força que essa atividade exerce na produção do espaço”. A autora divide em dois tipos, os espaços turísticos – “*contrastantes*” - “os grandes redutos de espaços ditos naturais” e os “grandes centros turísticos, produzidos pela ação do homem”.

Isto significa que, o turismo é capaz de produzir e transformar espaços, não criados por ele, mas que tem vocação, e outros que foram criados especificamente para a atividade turística propriamente dita.

A autora conclui, consumando como sendo os elementos básicos do espaço turístico, [...] “a oferta turística, demanda, serviços, transportes, infra estrutura, poder de decisão e de informação, sistema de promoção e de comercialização”.

Desta forma, entende-se que,[...] “o espaço turístico, como todo espaço geográfico, não pode ser definido por fronteiras “euclidianas”, mesmo porque, pelo menos um dos seus elementos básicos, lhe é exterior – a demanda.” BALASTRERI (1997:45)

### **3.1.3 Espaço Rural**

No cotidiano das pessoas, especialmente a população interiorana do Brasil, especialmente aquelas pessoas que tem ligação direta com a fazenda, ou o mundo rural, é comum a expressão “*vou para a roça*” ou *vou para a fazenda*. Isto significa, estar falando dos mesmos ambientes. O oposto seria o ambiente da cidade, por tanto, o ambiente urbano, em contraposição ao ambiente da zona rural. Ao tratar dessa ambigüidade que é hoje, falar sobre o que é rural e o que é urbano, principalmente, delimitar as fronteiras entre um e outro (CRISTÓVÃO,2002:81) acrescenta que [...] “o espaço rural é bem mais do que um simples fornecedor de matérias primas. É no fundo um espaço multifuncional.” [...] o espaço tem hoje uma nova legitimidade, identitária, e não a legitimidade alimentar do passado.”

Significa que, aquela expressão dita anteriormente, nos dias atuais, na visão desse autor e de outros não é mais suficiente para delimitar esses dois ambientes. Até porque esta é

uma discussão, que a academia, não se chegou a um consenso. Sobre esta questão do urbano com o rural.

O IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística considera como:

“Zona Urbana“ como a área inteira do perímetro urbano de uma cidade, incluindo as áreas isoladas ou vilas dotadas de serviços públicos.

“Zona Rural” como a área externa ao perímetro urbano, incluindo os aglomerados rurais.

Em sua pesquisa, sobre Turismo em espaço rural, Moreira (2004:6) usa uma expressão que simboliza o que foi no passado, aquela imagem construída de pureza, de bucolismo, uma idéia romântica e saudosista da “fazenda”.

O autor é muito oportuno quando trata o campo com a realidade dos tempos atuais, onde já não existe a mesma cara de décadas passadas, quando então não existia nenhum meio de comunicação, conforme bem observou Moreira, sobre a função do espaço rural, de servir apenas para fornecer gêneros alimentícios, complementa o autor. [...] “longe vai o tempo em que através de uma simples observação das fisionomias dos lugares era possível uma arrumação quase instantânea entre cidade e campo”.MOREIRA (2004)

O universo rural mudou substancialmente, o Brasil, até meados do século XX, era um país eminentemente rural. A grande maioria da nossa população vivia no campo. Daquele período, até os dias atuais, esta situação inverteu completamente. Hoje, em torno de 20%, ou quem sabe menos, da população brasileira, está na zona rural. Essa transformação, refletiu diretamente no campo. Talvez esse seja o motivo de Moreira (1994), afirmar que o espaço rural tem sido objeto de infindáveis interpretações. Cita o autor:

[...] Desde reservatório de todas as virtudes, para escritores do romantismo, versão à escala nacional do mito do bom selvagem de Rousseau, até às mais sofisticadas criações dos cientistas rurais, a multiplicidade de abordagens análises e interpretações tem sido, talvez, o traço mais característico deste espaço (MOREIRA: 1994, p.5)

O autor aprofunda sua análise do rural em contraposição ao urbano ao afirmar que:

[...] É na realidade, virtualmente impossível considerar o espaço rural sem o perspectivar em função do crescente poder do fenómeno urbano (ibidem: 5). Para M. Bodiguel (1986) ibidem Moreira (1994) :

[...] é um certo tipo de relações entre uma aglomeração e o espaço enquadrante que caracteriza a ruralidade ou a urbanidade e não as características do meio natural.

Para ilustrar esse tema, em todas as suas especificidades, que aliás, não podem ser ignoradas, até mesmo pela questão cultural, que sobrepõe à questão jurídica. Essas múltiplas interpretações terminam se transformando em entrave, sobre a formação e a multiplicidade de conceitos que caracterizam o espaço rural, conceitos esses, dada a especificidade de cada país, ou região, ultrapassa fronteiras, cada uma com a sua própria definição. Significa que, cada país entende o que é o rural, em contraposição ao urbano, de acordo com sua legislação, com a cultura regional, e mesmo as atividades desenvolvidas no espaço rural de cada país, ou região.

Moreira (1994) cita que:[...]”Em países tais como a R.F.A. Holanda, Bélgica, Luxemburgo e França, espaço rural está intimamente ligado ao habitat pouco aglomerado”. (MOREIRA, 1994, p:105).Vejam os como exemplo, alguns países:

[...] “O caso da Itália, apesar da noção de espaço rural, não ser muito diferente, já, as áreas de montanhas são consideradas como pertencentes a este espaço”. (MOREIRA, p. 106)

[...]”Na Irlanda e Grã – Bretanha, devido à tradição anglo – saxônica, o espaço rural é associado ao conceito de “Country” (MOREIRA, p. 106)

[...]”Noutros países como Portugal , Grécia e Espanha, o espaço rural é fortemente associado aquele cuja vocação é agrícola, daí a íntima ligação do turismo rural àquela actividade”. (MOREIRA, p. 106)

Nota-se que, nesses países, a idéia do rural, está associada a vários fatores que se originam a partir dos aspectos físicos da natureza, e se estende até ao estilo de vida.

### 3.1.4 Espaço cultural

Dentre tantas funções e atividades no espaço, a cultura está presente. Ao descrever sobre as relações ambientais, no sistur sobre o subsistema ecológico, Beni. define o *espaço cultural* da seguinte forma:

[...] é aquela parte da crosta terrestre que, devido à ação do homem, mudou sua fisionomia original. Para destacar que é consequência do trabalho do homem, destinado à preparação da terra para suas necessidades, também é denominado “espaço adaptado. Conforme variam os tipos de tarefa que o homem realiza no espaço cultural ou adaptado, originam-se o espaço natural adaptado e o espaço artificial.(Beni, 2001, p.56)

O autor define o conceito de espaço cultural dividido em dois aspectos. Primeiramente o espaço enquanto porção de terra da superfície terrestre. Em seguida entende que a formação do espaço se dá em função da ação laborial do homem agindo nesse mesmo espaço. Dessa ação humana, surgem os novos espaços como o cultural.

Outros autores analisam a formação do espaço diretamente ligado ao turismo como consequência da ação do homem ao apropriar de um espaço promovendo as transformações não somente fisicamente como também culturalmente.

Podemos entender, desta forma, que a formação do espaço e a denominação de diferentes espaços, se dá por processos impostos pela ação do homem. O turismo neste sentido é pródigo na formação de espaços, por ser uma atividade que exige construções e adaptações dos espaços para sua prática. Esta questão do espaço e do turismo é tratada por

diferentes áreas do conhecimento, como por exemplo a Geografia. Segundo Rodrigues (1999: 56)

[...] o turismo é uma atividade que produz (mesmo quando se apropria sem transformar) um espaço[...] é evidente que quando se mudam algumas características do espaço – construindo observatórios, portos, transformando antigas casas em “pousadas, hotéis”, casas de “personalidades “históricas em museus etc, já temos uma transformação do espaço, mesmo que nada de “novo” tenha sido edificado

A autora entende que a presença da atividade turística em qualquer ambiente transforma o espaço. Portanto, a forma como o ser humano ocupa o espaço, no caso do turismo, gera uma nova modalidade.

### 3.2 MODALIDADES TURÍSTICAS NO ESPAÇO RURAL

O uso aleatório de termos, sem estar rigorosamente ligado ao tema, é um problema que dificulta a conceituação, para as manifestações do turismo no espaço rural.

O uso da expressão modalidade, ou tipologia, significa estar se falando de algo semelhante, embora o turismo, especialmente o turismo no espaço rural, apresente múltiplas formas e atividades.

Modalidades turísticas, segundo Tulik (2003)[...] “constituem um modo particular de fazer turismo e disso resultam os diferentes tipos relacionados a um conjunto de características e conceitos”. Para a autora, modalidades e tipos compõem um elenco de assuntos polêmicos e ingratos, presente em muitas áreas do conhecimento.

Em Portugal, Moreira (1994) define em três, as modalidades do Turismo no Espaço Rural. *Turismo rural, Turismo de Habitação e Agro turismo.*

No Brasil, Balastrieri (2001) para fins de classificação do turismo rural, sugere:[...] “dois grandes grupos, relacionados basicamente ao patrimônio cultural – o primeiro, de cunho histórico e o segundo, de natureza contemporânea”. Seriam esses grupos divididos em turismo rural tradicional, onde faria parte as modalidades: de origem agrícola, de origem pecuarista, de origem européia. E turismo rural contemporâneo integrando as modalidades - hotéis fazenda, pousadas rurais, spas rurais, segunda residência campestre, campings e acampamentos rurais, turismo rural místico ou religioso, turismo rural científico e pedagógico e turismo rural etnográfico.

No Chile, (ESPINOSA,1997:14) em sua obra, Agroturismo e Turismo Rural, apresenta as modalidades de turismo rural naquele país, todas com início a partir dos anos oitenta do século passado, *Ecoturismo, agroturismo, turismo de aventura, etnoturismo*. Projetos considerados como autênticos de turismo rural, conforme Espinosa (Ibidem, 15-17) *excursões rurais, rotas turísticas rurais, turismo campesino, projetos territoriais de povos e de áreas rurais, agroturismo, acampamentos ecológicos e granjas escolas, agrocamping, complexos turísticos rurais, festivais e encontros campesinos*.

Em sua tese de doutorado, (Dias, 1996: 26-49) faz um levantamento pelo mundo, sobre as modalidades de turismo praticadas no espaço rural dos países europeus, onde o turismo rural é mais difundido. Portugal, França, Alemanha, Áustria, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Grécia, Holanda, Irlanda, Itália, Suíça, Reino Unido.

**Portugal** – *turismo rural, turismo de habitação, turismo de casas antigas, agroturismo, casas rústicas, quintas e herdades*.

**França** – *Albergues hospedaria ou pousadas, casas rurais, residências para crianças ou casas de colônias, fazenda pousada, quartos de hóspedes, albergues de etapas, mesa de*

*hóspedes, camping - granja, granja para hóspedes, granja eqüestre, vilas de férias para famílias.*

**Alemanha** – apesar do país ter uma tradição de mais de 150 anos com turismo rural, o mesmo não acontece com a pesquisa sobre o tema. O turismo rural no país é definido como “turismo em um território não - urbano onde certa atividade humana (economia relacionada à terra) se desenvolve, primariamente agricultura. Muitos fazendeiros permanecem no negócio do turismo mais pelos contatos sociais que fornece, do que pelo dinheiro que possa receber dele.

**Áustria** – as origens remotas do turismo rural encontram-se na oferta de hospedagem em casas particulares.

**Dinamarca** – férias nos arredores do campo ou alojamento com famílias, albergues, chalets, quartos de hóspedes, Agroturismo (habitações de hóspedes e alojamentos rurais)

**Espanha** – turismo desportivo, turismo ambiental, turismo em alojamentos rurais (turismo em casas rurais e agroturismo)

**Estados unidos** – Os Bed & Breakfast, Farm houses ou country vacation hospedagem em ranchos para caçadores e pescadores nas temporadas. Outros nomes desses estabelecimentos (working farm, working ranch, guest ranch, ranch resort ou lodge resort, e wildness lodge)

**Grécia** – cooperativas femininas de agroturismo (inspiradas no desenvolvimento das habilidades tradicionais da mulher rural e na administração do lar, pelas mulheres), as cooperativas oferecem café da manhã tradicional, baseado em produtos feitos em casa,

*acomodações em quartos Standard, com mobiliário tradicional e banheiro privativo. Vendem artesanato tradicional e alimentos, organizam atividades recreativas e culturais, seminários de treinamento e conferência de turismo e oferecem a oportunidade do visitante participar de atividades tradicionais agrícolas e ecológicas.*

**Holanda** – *pequena agricultura e aluguel de quartos.*

**Irlanda** – *o turismo rural funciona com o aluguel de quartos em explorações agrícolas (farmhouses) quartos em outras habitações no campo (country houses)*

**Itália** – *o turismo rural está ligado ao setor agrícola, confundido largamente com o agroturismo. Distingue-se entre os tipos de montanha, colinas e cultural.*

**Suíça** – *a estagnação das grandes áreas agrícolas e regiões montanhosas, fez surgir o Green Tourism (diversificação do trabalho no campo e uma nova alternativa ao turista, baseado na qualidade de vida)*

**Reino Unido** – *pioneiro no turismo rural da Europa, existem diversos tipos de alojamentos rurais (casas de campo, pequenos hotéis rurais, camping – caravanning, casas granja (agroturismo), quartos de hóspedes (bed & breakfast).*

### 3.2.1 Turismo no Espaço Rural

Quanto à atividade turística, na prática, as denominações *turismo no espaço rural*, *Turismo em áreas rurais*, *turismo rural*, ou *turismo no meio rural*, *agro-turismo*, às vezes levam a uma série de dúvidas, sobre qual conceito é o mais adequado, para determinada atividade.

O turismo no espaço rural, tem características próprias em todo o mundo. A idéia de ruralidade não é homogênea entre os países. No caso do Brasil, também não é diferente. A profusão de conceitos, leva a interpretações, se não equivocadas, às vezes criadas aleatoriamente.

Roque e Mendonça (1999) afirmam que:

[...] O turismo no espaço rural brasileiro é recente e ainda confunde com múltiplos conceitos como o turismo de interior, o agro-turismo, o turismo alternativo, endógeno, turismo verde, eco-turismo, turismo de rotas agrícolas, roteiros ou circuitos no meio rural, pesque – pague, entre outros. Desta forma, pode se entender o "Turismo no Espaço Rural" como sendo toda maneira turística de visitar e conhecer o ambiente rural enquanto se resgata e valoriza a cultura regional..(Roque & Mendonça, 1999: 145)

Para Tulik (2003), existe uma confusão terminológica em relação à modalidade turística processada no espaço rural do Brasil.

“[...] No turismo, apesar dos esforços já realizados neste sentido, a classificação dos diferentes tipos ainda não foi resolvida”[...] Modalidades e tipos compõem um elenco de assuntos polêmicos e ingratos, presente em muitas áreas do conhecimento. No caso do turismo, e especialmente do Turismo Rural, existe uma profusão de abordagens, de conceitos e de classificações sujeitas aos mais diversos critérios ou, o que é pior, sem qualquer alusão aos procedimentos utilizados para identificar as categorias de análise. (TULIK, 2003:28),

Conforme a exposição de Tulik (2003), as denominações sobre as modalidades de turismo, especialmente no campo do turismo no espaço rural, são comuns. Os proprietários ou administradores das fazendas, conforme a proposta para a implantação do turismo, mais os pertences, que supostamente considera como um grande atrativo de forma consciente, ou mas por força de mídia e o boca a boca. Os proprietários terminam denominando certos tipos de atrativos, conscientes ou inconscientes?

### **3.2.2 Turismo em áreas rurais e turismo no meio rural**

Essas duas expressões são utilizadas corriqueiramente, em trabalhos sobre turismo “rural”. Como já foi citado anteriormente e com base nas observações de Tulik (2003), não há nenhuma preocupação com as denominações que possam ser dadas a este assunto. Turismo em áreas rurais, ou turismo no meio rural, invariavelmente, são aceitos como sinônimos de turismo rural, em todas as suas modalidades.

Autores brasileiros, como Silva, Carlyle e Dale, (apud Tulik, 2003:42) [...]“julgam ser mais apropriado referir-se à totalidade dos movimentos turísticos que se desenvolvem no meio rural com as expressões Turismo no Espaço Rural ou Turismo nas Áreas Rurais.

Para Tulik (ibidem 42) “[...] Na área rural, a complexidade das modalidades e as dificuldades para categorizar os tipos de turismo têm relação com a já mencionada diversidade de critérios para estabelecer o que é ou não rural”.

Muitas vezes, os autores utilizam no título dos trabalhos, o termo “Turismo em áreas Rurais” e no conteúdo nomeiam como “Turismo no Meio Rural”. Outros, têm como título “turismo no meio rural” quando estão tratando de turismo rural, propriamente dito.

Essa ambigüidade conceitual leva á denominações de censo comum, dadas por seus responsáveis, muitas vezes totalmente desconectadas da realidade da atividade.

### **3.2.3 Turismo Rural**

Afinal, a modalidade Turismo Rural foi a que consolidou o turismo no “espaço”, “meio” ou “área rural”. Como definir convictamente o que é turismo rural? É o grande dilema da academia.

Neste estudo, não é objeto único de interesse, a definição, ou o conceito de turismo rural. Esta denominação, ou modalidade é parte do referencial teórico, que trata de uma modalidade de turismo, desenvolvida no “espaço”, “meio” ou “área” rural.

Neste sentido, não se baseou em uma única definição. Buscou-se, identificar a abrangência dessa modalidade, para o desenvolvimento e a caracterização do estudo. Entre várias interpretações existentes, o conceito adotado pela EMBRATUR diz que:

[...]Turismo Rural é o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade (www.embratur.org.br)

Com base na definição do Programa leader (ligação entre as Ações de Desenvolvimento da Economia Rural, apud Tulik (2003:40) entende que [...] Turismo Rural é uma expressão genérica que, na maioria dos países que acompanham as diretrizes europeias, é aplicada a qualquer forma de turismo no espaço rural”. Para a autora, [...] no sentido amplo, percebe-se que TR consiste no conjunto de atividades desenvolvidas no espaço rural. Questiona-se, porém, se tudo o que existe nessa área é, de fato, rural.”

Nota-se, portanto, a existência de interpretações com a profusão de termos diferenciados, mas com a mesma idéia para melhor definir o que é Turismo Rural.

Relatar outros autores, nesse momento tornaria repetitivo, o que não acrescentaria, em qualquer contribuição para os objetivos do estudo.

### **3.2.4 Turismo Alternativo**

Alternativo, é sinônimo de uso para uma infinidade de situações. No caso do turismo, esse termo é utilizado como diferentes denominações, para uma série de modalidades, pelo mundo afora.

Como não é objeto desse estudo, entrar no mérito conceitual, busca-se explicar, na medida das necessidades da pesquisa, o que significa turismo alternativo, até mesmo porque, o objeto de estudo, está inserido nesse indefinido universo conceitual.

Para Tulik, (2003: 30) “[...] o ponto em comum entre aqueles que adotaram Turismo Alternativo, expressão que mais de perto interessa ao Turismo Rural, é entender essa forma como oposta ao Turismo Convencional.

Macleod (2001:165)[...] afirma: “como conceito, “turismo alternativo” é bastante amplo;é um conceito fundamentalmente problemático quando submetido à análise e revela muitas reações emocionais – uma característica comum do turismo como tema. Segundo o autor [...] Não há uma definição absoluta e inequívoca, embora haja algumas tentativas muito boas e vários estudiosos forneçam uma relação de critérios contra os quais ele deveria ser avaliado. Continua sendo umas questão importante a ser tratada.”

O trabalho de Macleod mostra vários pesquisadores, que debruçaram sobre o tema. Gonsalves, teria localizado o conceito de turismo alternativo, e afirma ter surgido em 1980 no Seminário Internacional de Manila. Porém, só [...] em 1984, em Chiangmai, na Tailândia, quando os 44 participantes da Coalizão Ecumênica para o Turismo do Terceiro Mundo (CETTM) concordaram quanto ao que ele foi considerado:

[...] um, processo que promove uma forma justa de viagem entre membros de diferentes comunidades e busca alcançar a compreensão mútua, a solidariedade e a igualdade entre os participantes.

A conclusão de Gonsales é que o turismo alternativo, a partir dessa coalizão, funciona como um influenciador do turista convencional. Afirma

[...] A viagem, ao longo da história, tem sido um meio de educação, comunicação entre culturas e desenvolvimento de relações significativas. O turismo alternativo considera esses objetivos ainda válidos e trabalha na direção deles.

Cohen divide o turismo alternativo em duas concepções principais. *Uma reação ao consumismo moderno, uma resposta contra cultural ao turismo de massa.* formada de tipos como *o aventureiro, o sem destino, o viajante.* A segunda seria o “*turismo alternativo participante*” uma reação à exploração do Terceiro Mundo, onde surge a idéia de um turismo “justo”, que favorece a compreensão mútua, impedindo a degradação ambiental e cultural e a exploração.

Cazes vê o turismo alternativo como um turismo integrado dividido em seis campos setoriais: *O turista como indivíduo; os participantes; o destino da viagem; o tipo de acomodação; os organizadores e parceiros de viagens; o modo de inserção na comunidade anfitriã.* Na análise individual de cada campo, chega à conclusão de que do turismo alternativo é fundamentalmente elitista.

Hitchcock, numa definição mais direta sugere que, na forma mais pura, o turismo alternativo é sustentado por alguns princípios:

[...] Ele deve ser erigido sob a base do diálogo com a população local, que deve estar ciente de seus efeitos e ter peso político com relação à questão.

[...] Deve ser estabelecido sobre sólidos princípios ambientais, sensível à cultura local e à tradição religiosa.

[...] Deve ser um meio de dar aos pobres uma participação razoável e mais equitativa nos lucros. [...] A escala do turismo, na visão desse autor, deve ser planejada de forma a acompanhar a capacidade de sustentação da área local, medida em termos estéticos e ecológicos.

### 3.3 AS FAZENDAS IMPERIAIS DO VALE DO CAFÉ FLUMINENSE – DESCRIÇÃO HISTÓRICA E IMPLANTAÇÃO DA ATIVIDADE TURÍSTICA

#### 3.3.1 Fazenda Cachoeira Mato Dentro – Vassouras – RJ



**Foto 1: fazenda Cachoeira Mato Dentro aberta para visitação**  
**Fonte Instituto PRESERVALE (José Inácio Parente)**

Fundada em 1840, há mais de cem anos pertence à mesma família. O atual proprietário, um dos herdeiros adquiriu todas as terras. Os quatro filhos, todos nascidos na fazenda, serão os futuros herdeiros, que darão continuidade ao trabalho de manutenção da propriedade.

Com uma área de 320 alqueires (mineiro), a fazenda se originou com a monocultura do café. Na atualidade, é a pecuária leiteira e a produção artesanal de queijo (frescal) a produção principal. Por quinze anos, funcionou como hotel fazenda, sendo reconhecido como o primeiro hotel fazenda do Estado Rio de Janeiro.

Aberta para a visitação desde 2002, o turismo surgiu como uma atividade esporádica, sem conotação de empreendimento, e mais como alternativa de preservação da memória histórica das fazendas do Vale do café.

A fazenda recebe visitantes mediante agendamento prévio, por meio de agências, ou direto com os proprietários. O destaque desta propriedade é a originalidade do seu mobiliário e a construção. Tal qual à época da sua fundação, são mantidos em perfeito estado de conservação.

A visita é feita no interior da casa sede, com a monitoria da proprietária, com duração entre uma hora e meia a duas horas. Está incluso na taxa de visitação, um lanche ou almoço (opcionais).

### 3.3.2 Fazenda Florença – Valença (Conservatória) – RJ



**Foto 2: Fazenda Florença – aberta para visitação e hospedagem**  
**Fonte: produzida pelo autor (ASS)**

Fundada pelos filhos da família Teixeira Leite, fundadores de Barra Mansa, teve sua origem com a finalidade de produzir café no século XIX. Adquirida há oito anos, os atuais proprietários não têm nenhum vínculo com a família fundadora da fazenda.

Com uma área de 31 alqueires (mineiros) equivalente a 110 hectares, a sua atividade produtiva de origem é o café. Atualmente a fazenda produz, cana de a ugar e desenvolve a pecuária, que continuam como atividade principal.

Funcionando como Hotel desde 2004, para a implanta o do turismo foram realizadas obras de instala es para hotelaria, restaurante e recep o nas antigas instala es da fazenda. Em estado de ruínas, com paredes já caindo, foi feito um projeto de restauro baseado no que restou da constru o original, a partir de uma pesquisa histórica – arquitet nica, com base em fragmentos existentes.

O turismo hoje é uma atividade complementar, embora já se equipara em termos de faturamento com a pecuária. Por enquanto não registra faturamento, por ser uma atividade muito recente. Atualmente trabalham 22 pessoas, todas diaristas.

Oferece-se visita guiada, acompanhada de lanche ou almoço (opcionais). Atende grupos para almoço, jantar e eventos, agendados com antecedência.

### 3.3.3 Fazenda Santo Antonio do Paiol – Valença – RJ



**Foto 2: Fazenda Florença – aberta para visitação e hospedagem**  
**Fonte: produzida pelo autor (ASS)**

Fundada em 1804 e a segunda sede em 1852, pela Família Esteves, a propriedade foi doada a instituição religiosa em 1969, com o compromisso de manter intacto todo o acervo existente desde a época da fundação.

A área atual da fazenda é de 29 alqueires (mineiros). Originalmente fazia divisa com a fazenda da Taquara, alcançando o Município de Barra do Piraí na altura do Belvedere.

Na atualidade a produção se baseia na criação de gado de corte e gado leiteiro, para a subsistência da própria fazenda e fornecimento para cooperativa leiteira, agricultura, verduras, para o próprio consumo e o turismo.

O turismo está em operação desde 1995, e a receita é apenas um recurso a mais que ajuda na manutenção da propriedade, um incremento à receita atual gerada pela fazenda, não só pelo turismo mas, por intermédio da pecuária e a casa de retiro espiritual (hospedagem). A Fazenda é administrada por uma Congregação religiosa, como filantropia. A visitação ajuda na manutenção, porém é muito pequena esta receita e não merece uma segurança.

A abertura para visitação se deu em respeito e memória à Dona Francisca Esteves que desejava preservar a fazenda para a história. Pensou no futuro e seu desejo era que essa fazenda fosse conhecida. A atividade do turismo é uma oportunidade para o turista conhecer a história da fazenda, da região e a história do Brasil..

Nada foi mudado, conservou-se tudo, tal qual o pedido da doadora. Os bens foram preservados e, como desejo da mesma, a fazenda deveria ser transformada em um centro de espiritualidade. Todos esses pedidos constam nas cláusulas de doação.

Nenhuma adaptação foi realizada na casa, para receber o visitante. O que acrescentou foi a construção do prédio, hoje centro de espiritualidade, no local onde funcionava o hospital dos escravos.

A visita pode ser agendada via agências, ou por meio da própria congregação diretamente na fazenda.

### 3.3.4 Fazenda União – Rio das Flores – RJ



**Foto 4: Fazenda União – aberta para visitação e hospedagem**  
**Fonte: Produzida pelo autor (ASS)**

Fundada em 1836. O atual Proprietário a adquiriu a 14 anos e não tem qualquer liga o familiar com os fundadores. A atividade produtiva de origem foi o café, sendo administrada de forma familiar.

Na atualidade a atividade produtiva é o turismo, e para sua implanta o a fazenda teve de adaptar alguns ambientes internos da casa para receber o hóspede. Parte do mobiliário hoje, substituído não pertencia à fazenda originalmente. O estado da casa, ao adquiri-la, era de abandono, fato comum neste período de transi o do café para a agropecuária.

O turismo está em opera o desde 1998, aberta para visita o e hospedagem. Com a implanta o da atividade, a mudança deu-se apenas com a instala o de banheiros para equipar as suítes e a pintura.

A visita   feita com monitoria dos proprietários, sendo que na recep o o visitante   acolhido com as boas vindas dadas pelos mesmos e seus funcionários, estes últimos vestidos

em trajes de época. A casa sede é a própria atratividade, o que segundo os proprietários já garantem a presença do visitante.

A visita pode ser agendada via agências, ou direto com os proprietários, com opção de refeições ou lanches. No percurso da visita são apresentadas as peças de mobiliário, as dependências e narrada a história da cafeicultura na região, a contribuição da cultura e do trabalho do negro no período, e a vida dos barões, maior protagonista de toda essa história, além de eventos culturais, também promovidos na casa sede.

Em termos de faturamento, o que é gerado com a receita do turismo é suficiente para a manutenção da casa.

### **3.3.5 Fazenda Campos Elízeos – Rio das Flores – RJ**



**Foto 5: Fazenda Campos Elízeos- aberta para visitação e hospedagem**  
**Fonte: Revista**

Fundada em 1851 pelo Visconde de Ipiabas, o mesmo que construiu a Fazenda Sto. Antonio e a Fazenda Guarita. Esta fazenda foi adquirida no ano de 2000 pelos atuais

proprietários, que não têm nenhuma ligação parentesco com a família dos fundadores, no século XIX.

Após a fundação, a propriedade já passou por outros donos, como, o Barão de Aliança Manoel Vieira da Cunha, casado com a filha do Visconde de Ipiabas, Maria Pelegrina. Somente em 1955, o bisneto do Visconde de Ipiabas Marcos Vieira da Cunha comprou as três fazendas. Na atualidade a atividade produtiva desenvolvida é a pecuária (criação de gado leiteiro) a agricultura e, por último, o turismo.

A abertura da casa sede para visitação, se deu por influência de outros proprietários de fazendas vizinhas, que já disponibilizavam as suas casas com este mesmo fim e por acreditar na riqueza histórica cultural da região, e na fazenda como atrativo principal.

A implantação do turismo levou a fazer reformas na parte da frente da casa, e outras obras por toda a fazenda, como, a construção de curral, galpão da ordenha, haja vista que toda a propriedade estava em estado de abandono.

As reformas não foram realizadas com consultas a profissionais de turismo, ou mesmo especialistas em restauração. Tudo foi feito pelo próprio proprietário, que embora tenha adquirido a propriedade fechada há mais de três anos, nada mudou na sua estrutura interna. Porém, uma reforma total foi realizada, haja vista que estava tudo abandonado.

A visita pode ser agendada via proprietários ou por intermédio de agências de turismo, ou mesmo hotéis onde o visitante esteja hospedado.

### 3.3.6 Fazenda da Taquara – Barra do Pirai – RJ



**Foto 6: Fazenda da Taquara – aberta para visitação**  
**Fonte: Instituto PRESERVALE (José In cio Parente)**

Fundada em 1810, pertence à mesma família há seis gerações. A atividade produtiva de origem foi a monocultura do café sendo que, hoje, desenvolve a criação de suíno, mant m a plantação de café e o turismo, como última opção de renda.

Na atualidade a receita gerada pela fazenda, com o turismo, está crescendo e ajudando na criação dos suínos. Em termos de receita e despesa, o faturamento com o turismo, ajuda na manutenção da casa, mas também entra como complemento na manutenção do criatório de suínos. Há uma tendência para aumentar, embora oscile muito, em função do que esteja acontecendo no país ou na região.

A implantação do turismo se deu a partir de 1999, incentivados por Evelin da Fazenda Ponte Alta, e Ilza Rozemberg incentivadora do turismo nas fazendas. Foram elas as pioneiras na implantação do turismo nas fazendas históricas do Vale do café fluminense.

Após a abertura da fazenda para visitação, começou uma procura grande por turistas estrangeiros. Em termos de atratividade, nesta fazenda, o próprio visitante enfatiza o valor da

fazenda para o turismo. A sede mantém sua originalidade, com documentos e mobiliário, embora haja pequenas alterações em função do desgaste natural.

O serviço oferecido ao visitante se restringe à visita monitorada pelo próprio proprietário à sede da fazenda se estendendo até a lavoura de café, hoje com 150 mil pés, plantados. A visita poderá ser agendada diretamente com os proprietários ou por meio de agências, acompanhada de lanche ou refeições (almoço e jantares), para grupos.

### 3.3.7 Fazenda do Secretário – Vassouras – RJ



Foto 7: Fazenda do Secretário – aberta para visita

Fonte: Produzida pelo autor (ASS)

Fundada pelo Barão de Campo Belo, ao longo de sua existência – desde o Barão fundador até a atual foram 10 proprietários. O último proprietário o Dr. Mário Crespo – ficou com a fazenda por 40 anos, passando para a atual proprietária há 19 anos, e qual, não tem nenhuma ligação com a família dos Barões.

A propriedade hoje com 23 alqueires, foi fundada para a monocultura do café, sendo que atualmente a única atividade produtiva é o turismo, implantado no ano de 1997. A receita atual gerada pela própria fazenda vem exclusivamente do turismo.

Com a aquisição da fazenda foram feitas reformas no jardim, sendo que o paisagismo foi criação pela própria proprietária (arquiteta), restauração das pinturas de José Maria Vilaronga, e continua em restauração a torre do relógio e a capela. Na época o estado de conservação da casa encontrava-se em precárias condições.

Sobre a atividade turística, a opção pelo turismo – no momento em que a fazenda foi comprada, completamente vazia, começou aos poucos a ser mobiliada dentro do estilo da casa da época, (vitoriano). Quando a fazenda ficou basicamente pronta, tem início a visitação, com isto deveria cumprir com esta obrigação social, ao disponibilizar o acesso às dependências da fazenda. Não tinha que guardar aquela riqueza histórica e cultural, e teria que dividir com as pessoas aquela cultura, aquele passado importantíssimo. Um patrimônio educativo que vai ficar para o futuro.

A implantação do turismo deve-se a Nilza Rozemberg, a pessoa responsável pela abertura das fazendas, no Vale do Café. A decisão de trabalhar com o turismo se deu pela riqueza histórica da fazenda, como patrimônio.

O principal atrativo da fazenda é a monumentalidade, uma das mais suntuosas do ciclo do café, o seu interior com pinturas artísticas (afrescos) e o mobiliário são destaques, além do jardim externo ornamentado por estátuas em bronze, também o bosque com espécies nativas e exóticas.

A visita, com reserva antecipada, pode ser complementada com lanche ou almoço.

### 3.3.8 Fazenda Mulungu Vermelho – Vassouras – RJ



**Foto 8: Fazenda Mulungu Vermelho – aberta para visitação**

**Fonte: Instituto PRESERVALE (José Inácio Parente)**

Fundada em 1840. Em 1825 ocorrera uma doação de sesmaria para o casal do clã Santos Werneck, a construção da casa sede é de 1831 e se chamava Fazenda São Francisco. O casal teve quatro filhos homens e cada filho construiu uma casa em lugares diferentes que levava o seu nome sempre de um santo.

Na Mulungu vermelho era antes chamada de São Francisco porque o filho que construiu a residência se chamava Francisco. O filho Antonio construiu a Fazenda Sto. Antônio, o filho Luiz a Faz. São Luiz, e o filho Fernando, a Fazenda São Fernando. Todos esses foram os primeiros proprietários fundadores.

A área atual de 25 alqueires, mantém uma produção artesanal de queijos, para o consumo da família e cultiva pequenas hortas, produção em pequena escala e por último o turismo.

A propriedade foi adquirida pelos atuais proprietários em 1988, de herdeiros da Família Werneck. Foram quatro os proprietários da Fazenda, desde os fundadores até o atual proprietário. A casa sede de linhas sóbrias e de românticos jardins, acolhe visitantes e viajantes desde 1870, encontrava-se em estado de ruínas, correndo risco de desabamento, quando pertencia ao proprietário anterior ao atual. Criava-se porco e galinha e mantinha um criatório de cobra, fora da casa para produzir veneno.

Atividade produtiva que deu origem á fazenda foi a monocultura do café. A fazenda possuía na época, 120 escravos e 300 mil pés de café. Na atualidade funciona com o turismo desde 2002. A receita gerada pela fazenda hoje se auto-sustenta somente com o turismo, a receita para sua manutenção vem de outras fontes da própria família. O turismo é apenas um complemento muito pequeno.

A Implantação da atividade turística se deu devido a terra ser improdutiva para a agricultura. Após adquirir a propriedade, foram feitas reformas de adaptação para a residência da família, como, piscina, churrasqueira, sauna.

A visita guiada acompanhada de lanche, aliado ao clima bucólico e a paisagem rural, proporcionam com o silêncio do ambiente, ouvir o cantar dos pássaros, numa casa de arquitetura rural intocada. Para conhecer a fazenda, a visita deve ser agendada com antecedência, através de agências, hotéis da região, ou direto com os proprietários.

### 3.3.9 Fazenda Ponte Alta – Barra do Pirai – RJ



**Foto 9: Fazenda Ponte Alta – aberta para visitação e hospedagem (turismo pedagógico)**  
**Fonte: Produzida pelo autor (ASS)**

Fundada pelo Barão de Mambucaba no ano de 1830, os atuais proprietários, adquiriram a propriedade no ano de 1982, passando a ser a terceira família proprietária da fazenda e a segunda geração da família, proprietária atual. Os proprietários anteriores, a Família P scole teve a posse da fazenda de 1960 a 1982.

Administrada por arrendatário desde 2004. O último proprietário no ano de 1900 contribui para que a fazenda saísse das mãos dos herdeiros

A fazenda surgiu na época da disseminação do café no Vale Fluminense, sendo que hoje, a atividade produtiva, é a criação de gado, juntamente com o turismo, muito embora as duas sejam administradas de forma isolada. O turismo funciona apenas na parte social da casa sede da fazenda, que não desenvolve nenhum tipo de agricultura.

A implantação da atividade turística se deu por volta do ano de 1990 a cerca de 16 anos. Na atualidade a fazenda produz gado de corte e paralelamente o turismo histórico – cultural também como uma atividade produtiva.

A razão de optar pelo turismo se deu a partir da proprietária que passou a perceber a fazenda como um patrimônio histórico. O início da atividade turística na fazenda começa efetivamente quando passa a receber grupos terapêuticos, e trabalhos de psicólogos. Os grupos locavam a fazenda para trabalhos de terapia e a partir daí a fazenda foi se firmando com estas atividades para chegar definitivamente ao turismo como é hoje.

A idéia de abrir a fazenda para o turismo foi uma iniciativa isolada da proprietária que se transformou na pioneira e grande incentivadora do turismo nas demais fazendas da região do Vale do Café.

A implantação do turismo não teve a participação de nenhum órgão público, ou responsáveis pelo turismo no Estado e do país. A receita atual gerada pela fazenda vem do turismo e da parte rural, embora sejam duas administrações distintas, até então.

A sede da fazenda foi muito modificada, mas, apesar dessas reformas, é considerada uma das poucas que preservou a originalidade, embora contenha algumas adaptações. A sede ficou fechada durante muitos anos, para finalmente, no ano de 1970 ser reaberta, após passar por uma reforma para ser finalmente, totalmente restaurada. A Fazenda Ponte Alta é a única que manteve a estrutura completa. Senzala, hospital dos Escravos, o engenho e a Casa Grande.

A Pousada recebe para hospedagem, oferecendo também visitas turísticas e educativas, guiadas e interpretadas pelo “personagem” Barão de Mombucaba, que acompanha o visitante por todas as dependências da casa sede, os jardins, o museu do escravo, a capela.

A Pousada Fazenda Ponte Alta se destaca pela encenação do Sarau Histórico, evento cultural, que narra a saga do café através de personagens de época, vestidos a caráter, e que leva o visitante a uma verdadeira viagem de retorno no tempo. O sarau é apresentado de duas formas, dependendo da opção do visitante. Ele pode ser apresentado com o personagem de um ou dois Barões. Além do Sarau Imperial, também a fazenda realiza outros eventos que retratam a história da região, como Bailes de época, e outras comemorações durante o ano.

Durante todo o ano a fazenda desenvolve um trabalho pedagógico, para o público escolar, além de outras atividades de lazer, especialmente para os hóspedes.

As visitas podem ser agendadas por agências, ou diretamente com a recepção, com o opcional do sarau, incluindo o lanche ou refeições.

### 3.3.10 Fazenda do Arvoredo – Barra do Pirai – RJ



**Foto 10: Fazenda Arvoredo – aberta para visitação e hospedagem**  
**Fonte: Instituto Preservale (José In cio Parente)**

Fundada pelo Barão de Santa Maria, em 1854, a sede foi inaugurada em 1859, conta ainda hoje com 1.200 hectares de Mata Atlântica, preservada e habitada por raras espécies da nossa fauna e flora.

Transformada e adaptada para hospedagem nos anos oitenta, a casa de 150 anos é hoje um ponto de encontro das gerações, através do turismo no espaço rural, e em várias modalidades.

A fazenda dispõe de uma completa infra – estrutura para lazer, encontros, festas e convenções. Oferece também, outras atividades não ligadas ao turismo histórico, como “caminhadas,” “cavalgadas”, piscinas, banho de açudes,

Para a visita, é encenado o Chá Imperial, com o personagem do Barão de Santa Maria, fundador da fazenda, homem de grande influência política no período do Império do Brasil, que vestido a caráter, com roupas de época, leva o visitante a uma viagem no tempo, retornando ao século XIX, vivenciando o cotidiano dos Barões do Café. Durante algumas horas o visitante tem a sensação de nostalgia e história revivendo um passado remoto, mais presente no seu imaginário.

O programa de visitação à fazenda inicia com, caminhada pela mata Atlântica, almoço, disponibilidade da área de lazer, e finaliza a programação com o Chá Imperial. Oferece ainda outros opcionais, como, arborismo, aventura, passeios a cavalo e trilhas. O agendamento é feito via agências, Internet, ou diretamente com a recepção da fazenda.

### 3.3.11 Fazenda Chacrinha – Valença – RJ



**Foto 11: Fazenda Chacrinha – visitação**

**Fonte: Instituto PRESERVALE (José In cio Parente)**

Fundada na primeira metade do século XIX, pelo Barão de Vista Alegre, esta fazenda recebeu esse nome, por ter sido construída a casa sede, em uma chácara, para ser presenteadada a seu filho que se casaria em breve. Nesta época de fausto da cafeicultura, era comum os barões pioneiros, fundar fazendas para cada um de seus filhos, ele que era apaixonado por cria o de cavalos de corridas.

No início do século XX, a fazenda mudou de dono, sendo que do atual proprietário a adquiriu no ano de 1989, para fins de lazer da família, quando então realizou novas reformas. Atualmente a casa sede passa por mais uma reforma. A fazenda está aberta para visita o, a um ano, sendo uma das últimas a se filiar ao Instituto Preservale, ong que trabalha no resgate da história, na preserva o do patrimônio e a prote o do meio ambiente do Vale do Café Fluminense.

A visita a esta propriedade é restrita, por não haver interesse dos proprietários em disponibilizar para o acesso do público. Embora elas aconteçam, não depende de agendamento apenas.

### 3.3.12 Fazenda São Paulo – Valença – RJ



**Foto 12: Fazenda São Paulo - aberta para visitação**  
**Fonte: Instituto PRESERVALE (José Inácio Parente)**

Fundada, na década de 20 do século XIX, a fazenda foi adquirida no ano de 1994, pelos atuais proprietários. Como todas as demais propriedades rurais do Vale do Café, na primeira metade do século XIX, teve sua origem na cafeicultura, substituída pela pecuária.

A forma de administração profissional, fato que a difere das demais da região, fez com que fossem investido em outras áreas da produção agrícola, a, piscicultura e a apicultura.

A casa sede projetada com traços estilo gótico, é comprovada pelo formato das janelas, a longevidade e a riqueza desta bela fazenda. As pinturas documentando a galeria dos

fundadores, em óleos originais e outras telas completam, juntamente com o mobiliário, o cenário de um nobre solar aristocrático.

A visita ao solar, se estende às áreas externas da propriedade, incluindo passeios e banhos de cachoeira. A fazenda não trabalha com agências, portanto, o contato deve ser feito direto com a administração.

### **3.3.13 Fazenda Pau D’alho – Valença – RJ**



**Foto 13: Fazenda Pau D’alho – aberta para visitação**  
**Fonte: Produzida pelo autor (ASS)**

Fundada em 1835, apesar de não se ter informação exata da época da construção, a fazenda foi originada de uma venda de “sorte de Terra” da Fazenda Santa Rosa, que levou o nome de Pau D’alho. Já em 1897, com a decadência da cafeicultura Fluminense e brasileira, novamente a fazenda foi vendida, agora para imigrantes italianos – o comerciante Vito

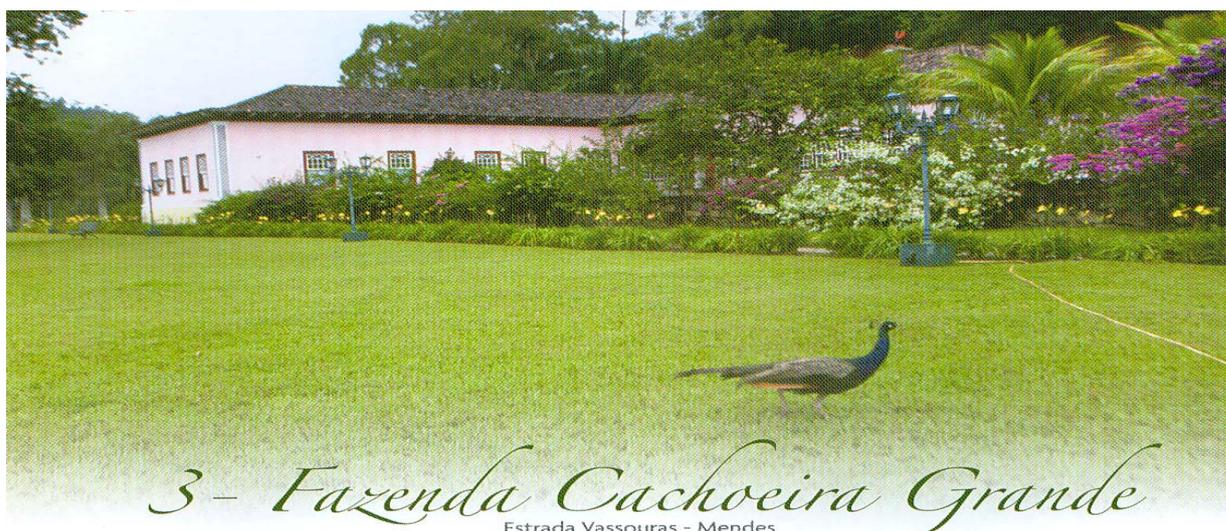
Pentagna. Esta nova linhagem aristocrática permaneceu com a propriedade até os dias atuais, já se encaminhando para a quarta geração

A principal atividade econômica sempre foi o café, que voltou a ser plantado nos anos 60 do século XX. Após inúmeras reformas, durante a sua existência, a última que durou cerca de seis anos, trouxe de volta o requinte de um autêntico casarão de arquitetura rural.

Apesar da mudança de compartimentos, para a configuração de novos, a casa mantém o aspecto aristocrata, recomposto com mobiliário bem definido nos ambientes, retratando o estilo de uma residência da aristocracia colonial brasileira.

A visita poderá ser realizada para grupos “turistas” visitantes ou público escolar, através das agências, ou direto com os proprietários na própria fazenda. Sempre finalizando com um lanche e as guloseimas d época.

### 3.3.14 Fazenda Cachoeira Grande – Vassouras – RJ



**Foto 14: Fazenda Cachoeira Grande – aberta para visitação**  
**Fonte: Instituto PRESERVALE (José In cio Parente)**

Fundada no século XIX pertenceu ao Barão de Vassouras, e no no século XX, após a decadência do café, foi restaurada nos anos oitenta, nesta época, a maioria das fazendas imperiais passaram para novos donos. A reforma devolveu à fazenda, todo o seu requinte e glamour, transformando-a em um dos mais belos solares da região, com linhas sóbrias e refinadas, conforto e estilo.

Praticamente sem produção nos tempos atuais, a casa senhorial mantém como principal atrativo, uma verdadeira coleção de móveis e objetos de arte que decoram todos os seus compartimentos. Destaque para, a coleção de carros antigos, todos de meados do século XX.

A implantação do turismo se deu no momento em que todas as demais fazendas, do mesmo padrão de requinte e beleza, começaram a abrir suas portas para a visita pública, mediante agendamento direto com os proprietários, ou através de agências.

### 3.3.15 Fazenda São Fernando – Vassouras – RJ



**Foto 15: Fazenda São Fernando – aberta para visita escolar**

**Fonte: Instituto PRESERVALE (José Inácio Parente)**

Fundada no ano de 1813, a sede atual foi construída por etapas, ao longo do século XIX sendo concluída no ano de 1850, como aconteceu com a maioria das fazendas da região, no período do café.

Desde a sua fundação, o segundo proprietário permaneceu com a posse por mais de quarenta anos. Os atuais donos, adquiriram a propriedade no ano de 1983 com a proposta de transformá-la em área de cultural.

No projeto de restauração, desenvolvido com a participação de técnicos do IPHAN e arqueólogos da Universidade de São Paulo, a casa sede foi re-decorada com mobiliário e obras de arte de grande apuro e beleza. Razão pela qual, muitos a consideram como um museu, dado o requinte do acervo.

Aberta para a visitação desde o ano de 1983, a idéia do proprietário não é o turismo propriamente dito, como um negócio, e sim, uma proposta pedagógica, aliada à história da fazenda, da região e da cafeicultura brasileira, a partir do século XIX.

A visita  , basicamente para público escolar, mas o público em geral, interessado pode fazê-la mediante agendamento prévio.

### **3.3.16 Fazenda Santo Antonio – Rio das Flores – RJ**



**Foto 16: Fazenda Santo Antonio – aberta para visita o e hospedagem**

**Fonte: Produzida pelo autor (ASS)**

Fundada no ano de 1842, pelo Visconde de Ipiabas, esta fazenda foi uma em que o visconde presenteava seus filhos, ao se casarem. A constru o da casa sede em estilo “chalé” se estendeu até o ano de 1865, sendo restaurada nesse período de tempo, até ser adquirida pelos atuais proprietários no ano de 1998 quando também passou a sofrer reformas.

Atualmente a fazenda desenvolve a pecuária “leiteira e de corte,” e o turismo como uma atividade complementar, sendo que esta fazenda, além da visitação, também trabalha com hospedagem

Uma das características diferenciais dessa propriedade é o requinte e da beleza do lugar. Postada entre morros, por onde correm nascentes de córregos, em meio a uma área de floresta preservada.

A implantação do turismo se deu a partir do ano de 1998, sendo que a sua proposta com a atividade é mostrar não só a história dos Barões e a riqueza da aristocracia rural fluminense, mas, exaltar a contribuição da cultura africana, nesse período de escravidão, em que o “Negro” foi na verdade o grande protagonista, se não o único de todo aquele fausto do período do Império.

A visita à casa sede, é realizada com a monitoria dos proprietários, que estão iniciando uma ambientação de base histórica, apresentando a figura do Barão e de Baronesa, ambos vestidos a caráter, simbolizando o que foi no passado, a vida cotidiana daquele sociedade, que conheceu o auge da riqueza e limite da pobreza.

Além da hospedagem e visita guiada, a fazenda programa eventos históricos de época, para grupos, uma vez que agendados com antecedência, além de outras atividades disponibilizadas para os hóspedes, todas ligadas ao turismo no espaço rural, tais como: passeios a cavalo, carro de boi, pesca, trilhas, cachoeiras, entre outras.

### 3.3.17 Fazenda Santa Cecília – Miguel Pereira – RJ



**Foto 17: Fazenda Santa Cecília – aberta para visitação e hospedagem**  
**Fonte: Produzida pelo autor (ASS)**

Fundada em 1870, originalmente como terceira morada do Barão de Paty do Alferes, a casa em estilo colonial, já modificada, hoje com traços da arquitetura Neoclássica, é uma fazenda que teve como atividade produtiva inicial a cana de aucar. Propriedade que deu origem ao cl  dos Wernecks. A sede original chamava –se Piedade.

Esta é uma das fazendas, que ao longo da sua existência, pertenceu a vários proprietários. Aliás, uma característica de todas as fazendas da região. Passaram por várias fases, desde a fundao até os dias atuais.

Depois do fundador, a fazenda passou a ser propriedade da senhora Madame Blen , uma francesa, que no ano de 1935, a transformou em hotel, e em seguida entrou em decadência, a ponto de ficar abandonada, passando em 1949, para novo proprietário, que tinha claras pretensões de transformá-la em cassino, caso o jogo fosse liberado no Brasil. Nesta mesma época sofre uma restaurao que descaracterizou a casa sede, vindo a ser vendida no

ano de 1974, período que se encontrava em estado de ruínas. Dois anos depois, em 1976, começa-se uma reforma de restauração completa, que a levaria ao estado em que se encontra hoje.

A implantação do turismo no início dos anos 2000, se deu por uma série de fatores, entre os quais, por ser uma propriedade de pequena extensão e improdutiva, mas que o fator histórico foi decisivo nesta nova função que lhe caberia no futuro.

O projeto para transformá-la em atrativo turístico, prevê a adaptação para hospedagem, além de outros serviços voltados para o lazer no espaço rural. A visitação seria um complemento, uma vez que, a casa sede, ao longo da sua existência, perdeu parte do seu mobiliário e mudaram alguns compartimentos, tirando-lhe, em parte, seu valor atrativo histórico.

A fazenda em fase de implantação do turismo, oferece visitação e hospedagem, que podem ser agendadas via agências, ou direto com os proprietários.

### 3.3.18 Fazenda São João da Barra – Miguel Pereira – RJ



**Foto 18: Fazenda São João da Barra – aberta para visitação**  
**Fonte: Instituto PRESERVALE (José Inácio Parente)**

Fundada em 1830, a sede da fazenda mantém ainda o esplendor e a tração das antigas fazendas do Ciclo do Café. Em mãos de novos proprietários, desde 1996, a fazenda que teve origem com a plantação de café, hoje matem como atividade produtiva, a pecuária.

A recente reforma porque passou a casa sede, devolveu o requinte de épocas passadas, com a manutenção de um mobiliário que mostra o glamour das fazendas dos Barões do Café, em pleno século XIX, além de belíssimo acervo, onde pode ser visto gravuras e documentos originais da época áurea da cafeicultura brasileira, que retratam a relação entre os Barões e os escravos naquele período.

A implantação da atividade do turismo, a cerca de dois anos, se deu como uma contribuição para o conhecimento da história da região, no período da cafeicultura, mas também, por compromisso social com a história da região e a própria história do Brasil, em se

tratando de um patrimônio de real significado para o visitante, interessado em conhecer esta fase do Brasil. A fazenda está aberta apenas para visitação, por ser uma segunda residência dos proprietários.

Na visita o pelo interior da casa, são mostradas todas as dependências, o mobiliário, além de um acervo de documentos sobre a escravatura. Ao final, é servido um lanche com serviço personalizado, utilizando de pratos “brasonados” e talheres, simbolizando o requinte da época. A visita à fazenda, poderá ser agendada via agências, ou diretamente com os proprietários.

### 3.3.19 Fazenda do Paraíso – Valença – RJ



**Foto 19: Fazenda do Paraíso – aberta para visita o**  
**Fonte: Instituto PRESERVALE (José In cio Parente)**

Constru o erguida entre 1845 a 1853, é uma das raras fazendas que se construiu em curto espaço de tempo. Considerada como a mais bela fazenda da região, a casa de dois

pavimentos em forma de U, é formada por grande capela, numerosos salões. A primeira a instalar a energia a gás, numa época em que não se conhecia este sistema em nenhuma parte do país.

Segundo consta, a Paraíso foi o expoente do esplendor econômico e social da época, a principal fazenda de Domingos Custódio Guimarães, o Visconde do Rio Preto, grande cafeicultor e notável figura humana, a Paraíso foi palco de festas suntuosas. O solar tem acabamento sofisticado: portas amofadadas, pinturas nas paredes, assoalhos especiais, bandeiras das portas e janelas artisticamente desenhadas, papéis de parede estrangeiros, escadas entalhadas e sacadas com gradil de ferro. FRAGOSO (1980:42)

### 3.3.20 Fazenda São João da Prosperidade – Barra do Piraí – RJ



**Foto 20: Fazenda São João da Prosperidade – aberta para visitação**  
**Fonte: Instituto PRESERVALE (José Inácio Parente)**

A fazenda continua nas mãos da mesma família, sendo esta a quarta geração de herdeiros, com a missão de manter a originalidade do conjunto, das instalações como: tulha, engenho, pátio de secagem e mecanismos originais do período cafeeiro, além da arquitetura, interna com pinturas do Mestre Villaronga, estátuas em bronze, adornando as escadarias e o mobiliário.

A visitação, que deve ser agendada com antecedência, teve início a partir do ano 2001, é acompanhada de um lanche com guloseimas típicas da época e da região. O detalhe é que esta é a única fazenda onde a monitoria é realizada por um guia local.

Fundada por Antonio Gonçalves de Moraes, conhecido como “Capitão Mata gente” entre as décadas de 20 e 30 do século XIX, o mesmo foi o fundador do povoado que hoje é a cidade de Barra do Piraí.

A Casa sede possui 15 quartos e 6 salões, caracterizada por uma fachada frontal simples e extensa. Do antigo conjunto composto de tulha, moinho, senzalas e a casa grande, restaram apenas o núcleo central da antiga sede. A propriedade hoje, com 40 alqueires mineiros tem como principal atividade, a pecuária de leite e corte.

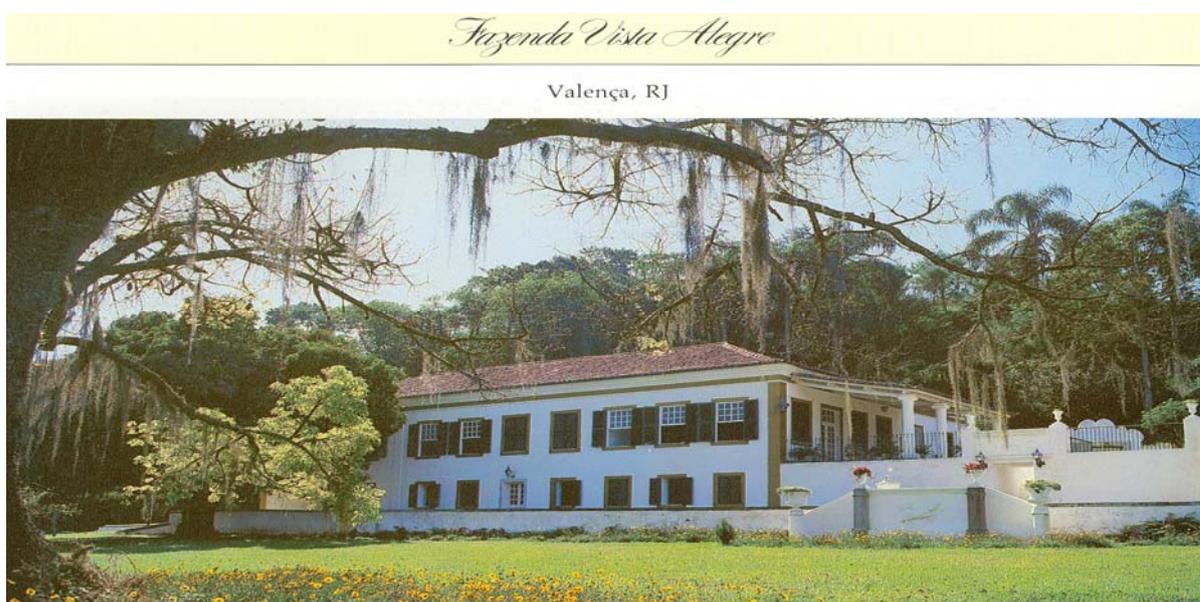
Propriedade adquirida no ano de 1976, pelos atuais proprietários, a fazenda foi aberta para visitação a partir do ano de 1998, seguindo uma tendência, a partir dessa época, de todas as fazendas abrirem para visitantes.

Seguindo uma tendência de outras propriedades do mesmo período, a prosperidade recebe visitantes com uma proposta baseada em técnicas interpretativas, para melhor retratar a história da fazenda originária do período áureo do café do Brasil.

A visita que, como todas as demais propriedades, abertas ao público, deve ser agendada com antecedência. É realizada por todo o interior da casa, monitorado pela proprietária, interpretando com vestimentas de época, personagens da história da fazenda. Ao

final do tour interno, o visitante é saudado com um lanche e degustação de produtos locais e regionais como parte da culinária do dia a dia das pessoas da região.

### 3.3.21 Fazenda Vista Alegre – Valença – RJ



**Foto 21: Fazenda Vista Alegre – aberta para visitação**  
**Fonte: Instituto PRESERVALE (José Inácio Parente)**

Pertencente ao Barão de Vista Alegre, esta propriedade fundada em 1852, pertence aos atuais proprietários desde 1980. A estrutura da casa evidencia seus traços arquitetônicos neoclássicos, mantendo intactos seus aspectos de originalidade.

A abertura para a visitação pública, a partir do ano de 1990, é uma oportunidade para conhecer as diversas fases da ocupação da casa. Significa uma representação material dos diversos períodos, econômicos e sociais, tendo o Vale do Café como principal protagonista.

O acervo mobiliário da residência senhorial e todos os objetos de decoração, simbolizam as influências culturais ocorridas na região. A visita

Monitorada é realizada no interior da residência, pela proprietária acompanhada de lanche ou refeição (opcional).

A proposta de abrir a casa sede, para visitação, faz parte de um projeto regional, que resultou em 1994 com a funda o do Instituto Preservale, organiza o não governamental, que tem como princípios fundamentais o resgate da história da região ex produtora de café, a preserva o do patrimônio histórico – cultural e a prote o do meio ambiente da região do Vale do Café, no Estado do Rio de Janeiro.

A visita poderá ser feita, mediante agenda prévia que poderá ser feita diretamente com a sede da fazenda ou através de agentes da região.

### 3.3.22 Fazenda Galo Vermelho – Vassouras – RJ



**Foto 22: Fazenda Galo vermelho – aberta pra visita o e hospedagem**  
**Fonte: Instituto PRESERVALE (José In cio Parente)**

Propriedade típica para atividade de lazer no espaço rural, suas características contrastam com as demais fazendas históricas da região. A casa sede, com cerca de cinquenta anos, não se configura como uma casa histórica, embora a propriedade tenha uma história.

A trinta anos, a atividade produtiva da fazenda se limita à criação de cavalo de raça, introduzindo a hospedagem como valor agregado à propriedade. Como “hotel fazenda” oferece trilhas, cavalgada, passeios pela floresta, e outros esportes radicais.

A casa sede, por não ser uma construção da época da epopéia cafeeira, como opção ao hóspede, organiza passeios para as fazendas históricas do município e da região.

A proposta da fazenda é agregar mais valores à propriedade, oferecendo novos serviços e melhor infra – estrutura para seus clientes. A idéia é criar novos ambientes para que o hóspede e os clientes tenham mais opções. Faz parte dos planos construir um espaço para eventos.

Para visita ou hospedagem é necessário fazer reserva com antecedência, direto à fazenda, ou através de agências, sendo que atividades extras, como passeios a outras fazendas é opcional.

### 3.4 CLASSIFICAÇÃO DAS FAZENDAS POR CATEGORIA E SERVIÇOS

*FAZENDAS DO VALE DO CAFÉ, DO VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE*  
 PROJETO FAZENDAS DO BRASIL – INSTITUTO PRESERVALE.

<b>Fazendas na categoria histórica com hospedagem e visitação</b>	
Santa Cecília	
Ponte Alta	
União	
Santo Antônio	
Florença	
Arvoredo	
Campos Elízeos	
<b>Total</b>	<b>7</b>

<b>Fazendas na categoria Histórica com visitação</b>	
Do Secretário	
São Paulo	
Mulungú Vermelho	
São João da Barra	
<b>Total</b>	<b>4</b>

<b>Fazendas na categoria histórica</b>	
<b>Total</b>	<b>11</b>

<b>Fazendas na categoria lazer com hospedagem e visitação</b>	
Santo Antônio do Paiol	
<b>Total</b>	<b>1</b>

<b>Fazendas na categoria lazer com visitação</b>	
Cachoeira Grande	
Cachoeira Mato Dentro	
Pau D' alho	
Paraíso	
Vista Alegre	
São João da Prosperidade	
Chacrinha	
<b>Total</b>	<b>7</b>

<b>Fazendas na categoria Lazer</b>	
<b>Total</b>	<b>8</b>

<b>Fazendas na categoria de Produção com hospedagem e visitação</b>	
Galo Vermelho	
<b>Total</b>	<b>1</b>

<b>Fazendas na categoria de Produção com visitação</b>	
Da Taquara	
São Fernando	
<b>Total</b>	<b>2</b>

<b>Fazendas na categoria de Produção</b>	
<b>Total</b>	<b>3</b>

**RELAÇÃO DAS FAZENDAS POR CATEGORIA E MUNICÍPIOS:**

<b>Fazendas Históricas / municípios</b>	
Barra do Piraí	
Conservatória (Distrito de Valença)	
Miguel Pereira	
Rio das Flores	
Valença	
Vassouras	
<b>Total de Municípios</b>	<b>5</b>
<b>Total de Distritos</b>	<b>1</b>

<b>Fazendas de Lazer /Municípios</b>	
Barra do Piraí	
Conservatória (Distrito de Valença)	
Miguel Pereira	
Rio das Flores	
Valença	
Vassouras	
<b>Total de Municípios</b>	<b>5</b>
<b>Total de Distritos</b>	<b>1</b>

<b>Fazenda de Produção / Municípios</b>	
Barra do Piraí	
Vassouras	
<b>Total de Municípios</b>	<b>2</b>

#### RELAÇÃO DAS FAZENDAS POR SERVIÇOS E MUNICÍPIOS:

#### HOSPEDAGEM E VISITAÇÃO

Ponte Alta	
Arvoredo	
<b>Município: Barra do Piraí</b>	
<b>Total</b>	<b>2</b>
Florença	
Distrito de Conservatória (Valença)	
<b>Total</b>	<b>1</b>

Santa Cecília	
<b>Município: Miguel Pereira</b>	
<b>Total</b>	<b>1</b>

Santo Antonio do Paiol	
<b>Município: Valença</b>	
<b>Total</b>	<b>1</b>

Galo Vermelho	
<b>Município: Vassouras</b>	
<b>Total</b>	<b>1</b>

União	
Santo Antônio	
Campos Elízeos	
<b>Município: Rio das Flores</b>	
<b>Total</b>	<b>3</b>

## VISITAÇÃO

Da Taquara	
São João da Prosperidade	
<b>Município: Barra do Pirai</b>	
<b>Total</b>	<b>2</b>

Vista Alegre	
São Paulo	
<b>Distrito: Conservatória (Valença)</b>	
<b>Total</b>	<b>2</b>

São João da Barra	
<b>Município: Miguel Pereira (Morro Azul)</b>	
<b>Total</b>	<b>1</b>

Pau D' alho	
Paraíso	
Chacrinha	
<b>Município: Valença</b>	
<b>Total</b>	<b>3</b>

## RELAÇÃO DAS FAZENDAS POR SERVIÇOS

### HOSPEDAGEM E VISITAÇÃO

Ponte Alta  
 Arvoredo  
 União  
 Campos Elízeos  
 Santo Antonio  
 Galo Vermelho  
 Santa Cecília  
 Florença  
 Santo Antonio do Paiol

## **VISITAÇÃO**

Do Secretário  
 São Fernando  
 Cachoeira Grande  
 Mulungú Vermelho  
 Cachoeira do Mato Dentro  
 Da Taquara  
 São João da Prosperidade  
 São Paulo  
 Vista Alegre  
 Chacrinha  
 São João da Barra  
 Pau D' alho  
 Paraíso

## **RESUMO DA AMOSTRAGEM**

<b>Vale do Café – Vale do Paraíba Fluminense</b>	
<b>Fazendas</b>	<b>22</b>
<b>Municípios</b>	<b>6</b>
<b>Distritos</b>	<b>1</b>

**Obs.:** Classificação elaborada pelo autor, com base em material promocional do Instituto Preservale.

## 4 PESQUISA DE CAMPO

A princípio o projeto para esta pesquisa tinha como meta trabalhar com todas as fazendas do Vale do Paraíba Fluminense e Paulista, funcionando para o turismo. Com o decorrer do tempo percebeu-se que seria uma amostra muito extensa, em termos de distância, o que inviabilizaria a sua realização, também por uma questão não só de tempo, mas os aspectos envolvendo custos terminaram influenciando para a mudança de estratégia.

Durante o período da pesquisa foram inúmeras as visitas à região, com isto constatou-se não ser produtiva a opção pelo universo inicial, por não haver entre as fazendas do Vale Paulista, uma atividade turística organizada. Ao contrário, o Vale Fluminense, o turismo a partir da década de noventa do século passado, começava a despontar como uma nova atividade para a região.

Analisadas essas circunstâncias, optou-se por trabalhar com as fazendas do Vale do Café Fluminense, filiadas ao Instituto Preservale: , organização fundada em 1994, por um grupo de “[...] 60 pessoas, dentre elas fazendeiros, pesquisadores, ambientalistas, arquitetos, agentes de viagem, historiadores e apaixonados pela história e pelo patrimônio do Ciclo do Café.”<sup>9</sup>

Dentro desse universo, a pesquisa deveria trabalhar com a demanda para as fazendas históricas e, mais uma vez, foi-se obrigado a mudar de estratégia, pela inviabilidade de abordar o visitante em todas as propriedades.

Finalmente, a pesquisa apresentada, foi possível com todos os proprietários das fazendas, através de entrevista, todas compiladas, a fim de analisar posteriormente, resultados que correspondessem aos objetivos da pesquisa

---

<sup>9</sup> Documento de fundação do Instituto Preservale adquirido pelo site <http://www.preservale.com.br> acessado em março de 2007

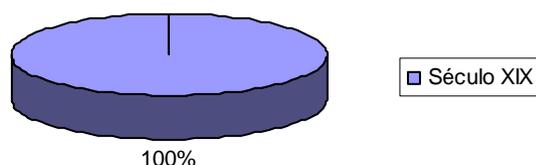
Portanto, esta pesquisa é resultado de um extenso trabalho de campo, onde o autor, com a decorrência da evolução da pesquisa visitou todas as sedes das antigas casas de fazendas, entrevistando seus proprietários e ou administradores e acompanhando grupos para visitação, finalizando cada visita com um trabalho fotográfico tanto na parte interna, como na parte externa das fazendas.

Como produto desse trabalho, os gráficos e figuras a seguir, mostram porque o turismo no Vale do Café Fluminense é uma atividade com reais possibilidades de crescimento.

### **SOBRE AS ORIGENS DAS FAZENDAS**

Tabela 1: Data de funda o

Data de funda�o	N �	%
<b>Século XIX</b>	<b>22</b>	<b>100</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>



**Gráfico 1: Data de Funda o**

Fonte: Elaborado pelo autor

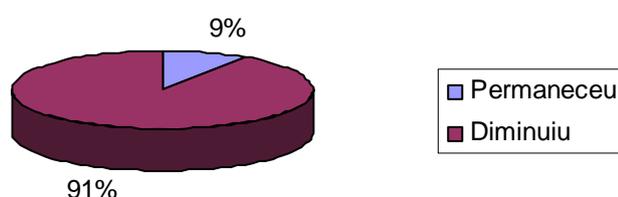
A data de funda o das fazendas é um dado significativo, até porque a originalidade e o diferencial das casas sedes   de serem constru es edificadas a cerca de 150 anos ou mais. Esse item comprovou serem todas surgidas durante a primeira metade do século XIX (100%). Esta fase  urea da monocultura do café é o momento em que o pa  passa por uma

transformação, refletida no estilo de vida da aristocracia rural.

A monumentalidade e o luxo das residências dos barões do café, decoradas com o que de melhor se produzia no mundo, em termos de ornamentos e decoração, além de objetos de uso das famílias, como pianos, pratarias, louças, etc. Muitas dessas propriedades foram restauradas e procurou-se manter as características originais, o que às vezes não era possível pelo estado em que se encontrava o casarão. Vale lembrar que essas residências passaram por reformas e restaurações. A primeira como serviço de manutenção e a segunda era inevitável até porque se encontrava em estado de abandono.

Tabela 2: Área territorial da fazenda

Área territorial da fazenda	Nº	%
<b>Permaneceu</b>	<b>2</b>	<b>9</b>
<b>Diminuiu</b>	<b>20</b>	<b>91</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>



**Gráfico 2: Área territorial da Fazenda**

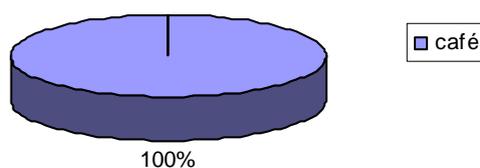
Fonte: Elaborado pelo autor

Todas as fazendas históricas surgiram em função da produção de café. Muitas foram doações de Sesmarias e outras foram glebas de terras compradas. Do total de 22 fazendas pesquisadas, 20 diminuíram drasticamente a sua área territorial (91%). Para se ter uma idéia das áreas dessas propriedades, muitas foram subdivididas em até três novas propriedades. Por

questões de herança, foram fragmentando e hoje a área não ultrapassa a média dos 100 alqueires, que para os padrões de propriedade agrícola do Brasil, podem ser consideradas pequenas. O fato de ter a área reduzida é consequência da divisão das terras entre os filhos. As duas propriedades (9%), que se mantiveram com a mesma área da época da fundação, pertencem às mesmas famílias dos pioneiros. Os novos proprietários são das novas gerações,

Tabela 3: Atividade produtiva de origem

<b>Atividade produtiva de origem</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
<b>café</b>	<b>22</b>	<b>100</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>



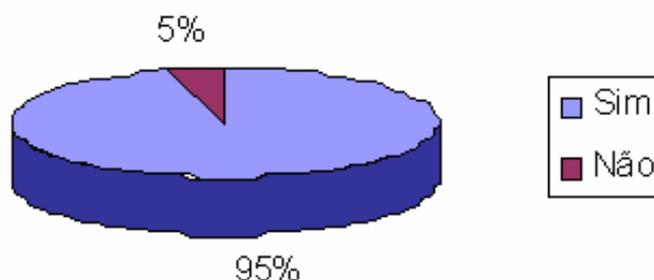
**Gráfico 3: Atividade produtiva de origem**

Fonte: Elaborado pelo autor

A atividade produtiva de origem é outro elemento que comprova todas as propriedades surgidas unicamente em razão da valorização do café. Em 100% daquelas fazendas, não havia outro motivo para que se abrissem tantas fazendas em tão curto período, ainda mais, numa região que na época, era totalmente desabitada e não havia outra atividade produtiva que abrisse a possibilidade de enriquecimento. Comprovadamente, todas foram instaladas com a perspectiva de riqueza rápida, numa época em que a corrida do ouro já não era mais compensadora, uma vez que era do conhecimento dos mineradores o esgotamento das minas.

Tabela 4: Sede atual é a mesma desde a fundação?

Sede atual é a mesma desde a fundação?	N	%%
<b>SIM</b>	<b>21</b>	<b>95</b>
<b>NÃO</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>

**Gráfico 4: Sede atual é a mesma desde a fundação**

Fonte:Elaborado pelo autor

Em vinte e uma propriedades, as casas sedes, são originais, significa (95%) do total. Para o turismo este dado é positivo, sabendo-se que as antigas sedes de fazendas no Vale do Paraíba, tem no tempo de construção o seu maior atrativo. O diferencial é a edificação. Não apenas a beleza e o luxo das antigas sedes, a construção é um documento materializado de uma época em que o requinte dos estilos e os traços arquitetônicos são fontes de informação para especialistas de diversas áreas do conhecimento.

Apenas uma propriedade, (5%) não manteve a sede original. O que não é algo raro, pois muitas surgidas neste período, desapareceram, por abandono dos proprietários, em razão da falta de recursos para a manutenção, ou em disputas por herança.

Tabela 5: Mobiliário é o mesmo desde a fundação

Mobiliário é o mesmo desde a fundação	N	%
<b>SIM</b>	<b>15</b>	<b>68</b>
<b>NÃO</b>	<b>7</b>	<b>32</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>

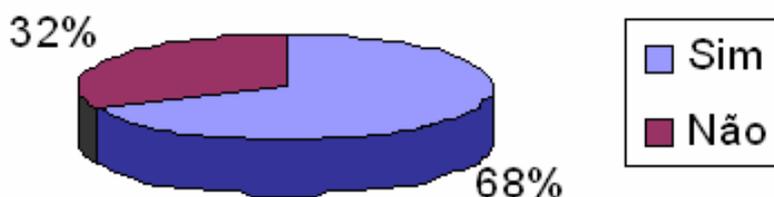


Gráfico 5: Mobiliário é o mesmo desde a fundação

Fonte: Elaborado pelo autor

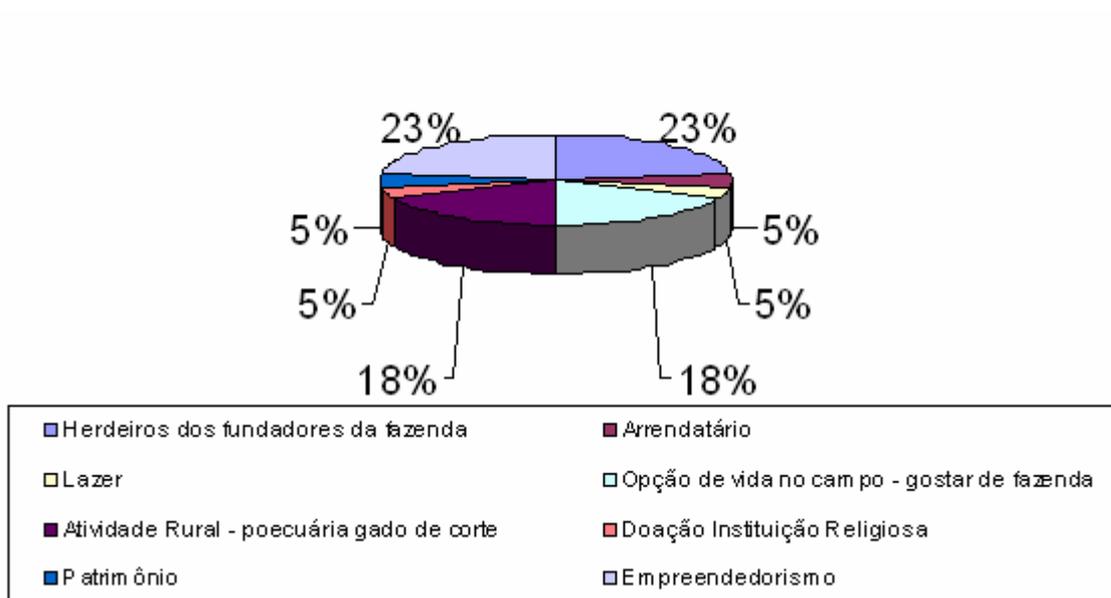
A maioria das residências manteve o mobiliário da época da fundação, embora não signifique que todos os móveis e objetos da casa, foram mantidos. Apesar da pesquisa constatar que (68%) das propriedades mantiveram o mobiliário original, algumas peças se perderam. Parte foi vendida pelos proprietários antecessores aos atuais, outras desapareceram por mau uso e conservação. Em sete propriedades, se confirmou não serem originais o mobiliário atual,(32%).

O que é compreensível, em se tratando de peças raras, cobiçadas por colecionadores. A decadência da cafeicultura contribuiu para que os objetos pessoais das famílias pioneiras, não tenham sido preservados. O mobiliário dessas residências foram readquiridos por seus atuais proprietários, todos, com poder aquisitivo privilegiado, o que possibilitou a recuperação de parte dessas peças.

## SOBRE OS ATUAIS PROPRIETÁRIOS

Tabela 6: Motivo para adquirir a fazenda

<b>Motivo para adquirir a fazenda</b>	<b>N °</b>	<b>%</b>
Herdeiros dos fundadores da fazenda	5	23
Empreendedorismo	5	5
Lazer	1	5
Opção de vida no campo – gostar de fazenda	4	18
Atividade rural (Pecuária – gado de corte)	4	18
Doação instituição religiosa	1	5
Patrimônio	1	5
Arrendatário	1	23
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>



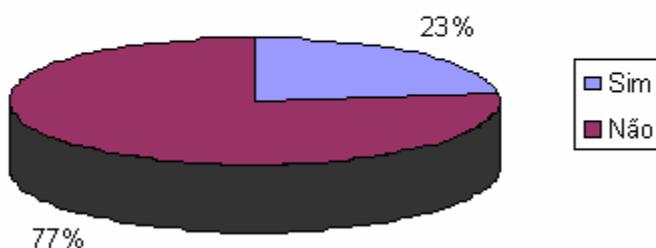
**Gráfico 6: Motivo para adquirir a fazenda**

Fonte: Elaborado pelo autor

Muito embora essas fazendas sejam reconhecidamente um patrimônio a ser preservado no Brasil, a maioria dos atuais proprietários, adquiriram -nas com diferentes finalidades. Como empreendimento, (23%) investiram para atividades produtivas. De igual modo, também (23%) das terras continuam em mãos de herdeiros dos fundadores. (18%) responderam terem adquirido as propriedades por uma questão pessoal de mudança de vida e gostar do campo. Também (18%) afirmaram investir para a criação de gado leiteiro e de corte. Uma afirmação como arrendatário, para lazer, pelo patrimônio que representam e uma doação a instituição religiosa, representou (5%) do total. Percebe-se haver uma profusão de motivos que fizeram os atuais proprietários adquirir essas fazendas. O que comprova a importância, não apenas como propriedade rural, mas principalmente como um bem patrimonial, razão pela qual essas propriedades estejam sendo redescobertas através do turismo.

Tabela 7: Proprietários herdeiros

Proprietários herdeiros	Nº	%
<b>SIM</b>	<b>5</b>	<b>23</b>
<b>NÃO</b>	<b>17</b>	<b>77</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>

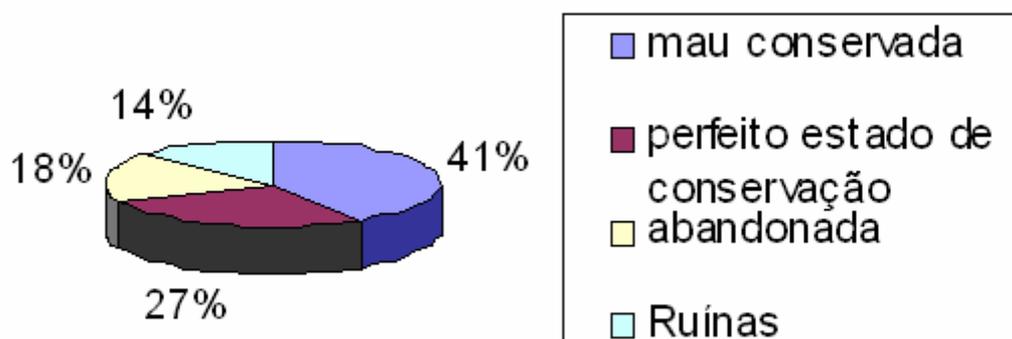
**Gráfico 7: proprietários herdeiros**

Fonte: Elaborado pelo autor

A maioria das propriedades, (77%) não pertencem atualmente aos herdeiros dos fundadores e pioneiros. Isto se deve à indefinição produtiva da região, aos custos altos de manutenção das casas sedes das fazendas, como também inventários das famílias levaram a essa mudança de donos. Vale lembrar que os atuais proprietários não as adquiriram direto dos familiares dos fundadores. Estas fazendas já pertenceram a vários donos, desde os fundadores. Apenas quatro propriedades (23%) se mantiveram com a mesma família. Estas fazendas nestas condições estão todas originais, não só a edificação, mas também, o mobiliário. Em alguns casos a mesma atividade produtiva é mantida. Nota-se que a continuidade da posse passando de geração a geração da mesma família, cria um vínculo emocional, entre a propriedade e os familiares dos fundadores, fazendo com que passe a ser uma questão de honra não desfazer do bem, como uma forma de homenagear os antepassados. Por esta razão cada objeto de época passa a ter um valor simbólico para os familiares.

Tabela 8: Estado de conservação da casa ao adquiri-la

<b>Estado de conservação da casa ao adquiri-la</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
mau conservada	9	41
perfeito estado de conservação	6	27
abandonada	4	18
Ruínas	3	14
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>



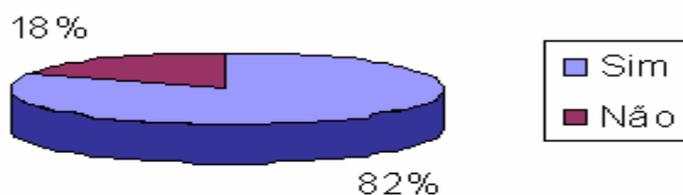
**Gráfico 8: Estado de conservação da casa ao adquiri-la**

Fonte: Elaborado pelo autor

A condição física em que se encontrava a maioria das casas, “mal conservadas” na opinião de (41%) dos entrevistados, é sintomático à crise, posterior à decadência do café. Outras seis residências (27%), foram adquiridas em bom estado de conservação, neste caso estas propriedades foram vendidas por motivos que não se relacionam com as conseqüências da decadência. Sendo assim, algumas propriedades foram vendidas por uma questão de idade dos proprietários anteriores, entre outras razões que podem levar alguém a se desfazer de um bem material. A pesquisa constatou que quatro propriedades estavam abandonadas (18%), quando foram comercializadas e três delas se encontravam em estado de ruínas (14%). As duas situações anteriores somadas à condição de mal conservadas, percebe-se que no geral a preservação dessas antigas casas, caso não fossem adquiridas por pessoas com poder aquisitivo, mas que também sabem valorizar aquele patrimônio, essas propriedades corria risco de desaparecerem. Significa dizer que (73%) do total das propriedades estavam degradadas, muitas só restaram as ruínas, outras desapareceram, além das residências que a ação do tempo não conseguiu destruí-las. São exatamente essas propriedades que hoje estão abertas à visitação e funcionam também como meio de hospedagem.

Tabela 9: Realizou alguma obra de restauração na casa

Realizou alguma obra de restauração na casa	Nº	%
<b>SIM</b>	<b>18</b>	<b>82</b>
<b>NÃO</b>	<b>4</b>	<b>18</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>



**Gráfico 9: Realizou alguma obra de restauração na casa**

Fonte: Elaborado pelo autor

Praticamente todas as propriedades passaram por restauração, sendo que (82%) sofreram reformas. Há que se fazer uma diferenciação entre restauração e reforma. A restauração das casas sedes das fazendas do Vale do Café, exigiu um trabalho que durou anos, isto em consequência do estado em que se encontravam, quando foram adquiridas pelos atuais proprietários. As reformas muitas vezes são obras de manutenção, que todas já realizaram, para adaptação à nova família, instalação de equipamentos, como banheiros, etc. (18%) do total das propriedades não passaram por restauração, isto quer dizer que, a edificação mantém sua originalidade. Embora também tenha passado por reformas de manutenção. Nas duas situações, as antigas casas não se descaracterizaram, o que não impede ter sofrido algum tipo de descaracterização, em certos casos inevitáveis a te mesmo para preservar a edificação.

Tabela 10: O que mudou na casa sede

O que mudou na casa sede	N	%
<b>Adaptou compartimentos</b>	<b>13</b>	<b>59</b>
<b>Manteve os compartimentos</b>	<b>9</b>	<b>41</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>

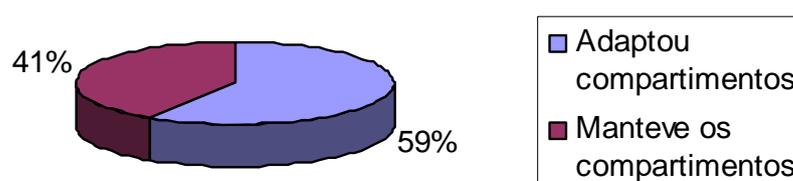


Gráfico 10: O que mudou na casa sede

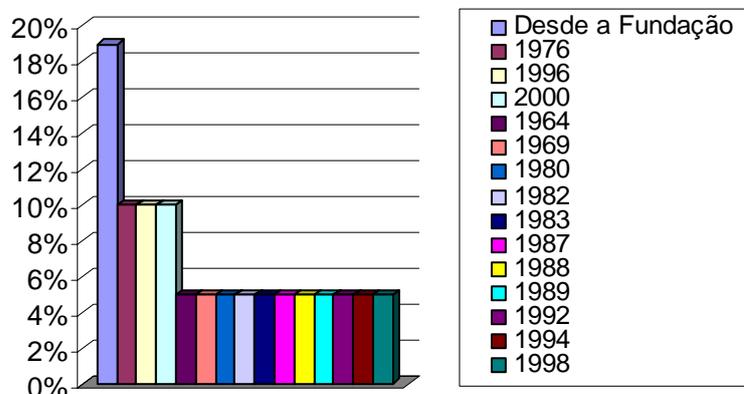
Fonte: Elaborado pelo autor

A mudança, refere-se a possíveis demolições na parte interna da casa, para instalar novos ambientes. A adaptação é exatamente os novos ambientes criados para a família. Tal como banheiros, cozinhas, e outras dependências. Apesar de 13 propriedades, (59%) terem

adaptado compartimentos, isto não mudou a fachada externa, embora internamente tenha havido alterações, imperceptíveis ao olhar do visitante, uma vez que, essas adaptações não chegam a ponto de demolir paredes. As 9 propriedades (41%), que mantiveram os compartimentos, são aquelas em que aconteceram reformas para manutenção, não desaparecendo compartimentos originais. A mudança, no caso desta pergunta, refere-se a possíveis demolições na parte interna da casa, para instalar novos ambientes para a família.

Tabela 11:A quanto tempo está sob a direção dos atuais proprietários

<b>Desde a fundação</b>	<b>4</b>	<b>19%</b>
<b>1976</b>	<b>2</b>	<b>10%</b>
<b>1996</b>	<b>2</b>	<b>10%</b>
<b>2000</b>	<b>3</b>	<b>10%</b>
<b>1964</b>	<b>1</b>	<b>5%</b>
<b>1969</b>	<b>1</b>	<b>5%</b>
<b>1980</b>	<b>1</b>	<b>5%</b>
<b>1982</b>	<b>1</b>	<b>5%</b>
<b>1983</b>	<b>1</b>	<b>5%</b>
<b>1987</b>	<b>1</b>	<b>5%</b>
<b>1988</b>	<b>1</b>	<b>5%</b>
<b>1989</b>	<b>1</b>	<b>5%</b>
<b>1992</b>	<b>1</b>	<b>5%</b>
<b>1994</b>	<b>1</b>	<b>5%</b>
<b>1998</b>	<b>1</b>	<b>5%</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100%</b>



**Gráfico 11: A quanto tempo está sob a direção dos atuais proprietários**  
 Fonte: Elaborado pelo autor

Tabela 12: Atividade produtiva na atualidade

	Nº	%
<b>Pecuária (gado de corte e gado leiteiro)</b>	<b>22</b>	<b>43</b>
<b>Turismo</b>	<b>14</b>	<b>14</b>
<b>Agricultura (orgânicos, grãos, café)</b>	<b>7</b>	<b>4</b>
<b>Outras</b>	<b>5</b>	<b>27</b>
<b>Agro - negócio</b>	<b>2</b>	<b>2</b>
<b>Criação de cavalos</b>	<b>1</b>	<b>10</b>

Obs. Foram dadas mais de uma resposta para esta questão

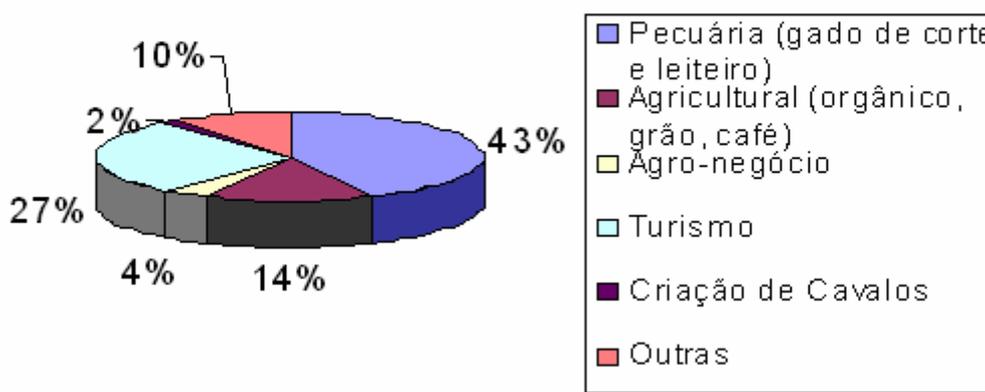


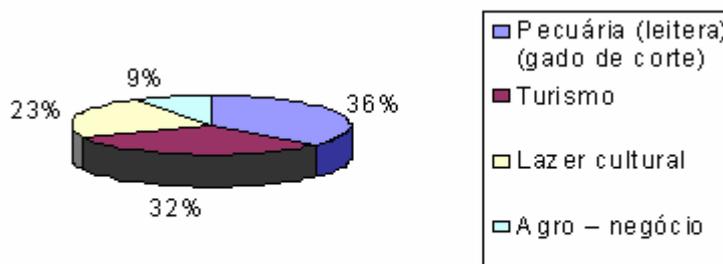
Gráfico 12: Atividade produtiva na atualidade

Fonte: Elaborado pelo autor

Com a decadência do café, toda a região do Vale, passou a desenvolver a pecuária leiteira e de corte. Cerca de (43%) das propriedades mantêm a pecuária como atividade produtiva atual. Entretanto, (27%) das propriedades adotaram o turismo como a segunda atividade, ultrapassando a agricultura e o agro negócio. O que comprova ser o turismo hoje, uma nova opção econômica para as propriedades. Outras atividades, (10%) representam aquelas propriedades que cultivam agricultura orgânica, produzem derivados do leite e fabricam cachaça artesanal, criam cavalos (2%) e complementam as atividades com a produção de doces caseiros. Essa multiplicidade de atividades, se por um lado significa oportunidades de complementação de renda, pode também ser um reflexo dessa indefinição produtiva da região do Vale do Café Fluminense.

Tabela 13: Atividade produtiva principal

Atividade produtiva principal	Nº	%
<b>Pecuária (leiteira) (gado de corte)</b>	<b>8</b>	<b>36</b>
<b>Turismo</b>	<b>7</b>	<b>32</b>
<b>Lazer cultural</b>	<b>5</b>	<b>23</b>
<b>Agro – negócio</b>	<b>2</b>	<b>9</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>

**Gráfico 13: Atividade produtiva principal**

Fonte: Elaborado pelo autor

O objetivo era saber qual a atividade, no momento, responsável pela receita da propriedade. Ou seja, aquela atividade que move o dia a dia da propriedade. A pecuária continua sendo a atividade produtiva principal, em oito propriedades, (36%) seguida imediatamente, da atividade do turismo e lazer cultural simultaneamente, que no tal ultrapassa a pecuária com (55%). Observa-se que turismo e lazer cultural são a mesma proposta, apenas com algum diferencial na forma de recepcionar. O que diferencia estas duas indicações é o fato das propriedades que responderam lazer cultural não estarem interessadas em turismo como uma atividade profissional. Diferentemente das propriedades que tem o turismo como atividade, se não a principal, porém como uma complementação da renda. Duas propriedades, (9%) do total, trabalham com agro negócio como principal atividade produtiva. O fato é que, em todas as 22 propriedades o turismo aparece como uma atividade que contribui com a manutenção da casa sede, incluindo não só despesas com materiais, mas também os custos de mão de obra e empregados fixos.

Tabela 14: A forma de administração da propriedade na atualidade

A forma de administração da propriedade	Nº	%
<b>Familiar (próprios proprietários)</b>	<b>17</b>	<b>77</b>
<b>Administração profissional</b>	<b>3</b>	<b>14</b>
<b>Arrendatário</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Congregação religiosa (filantropia)</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>

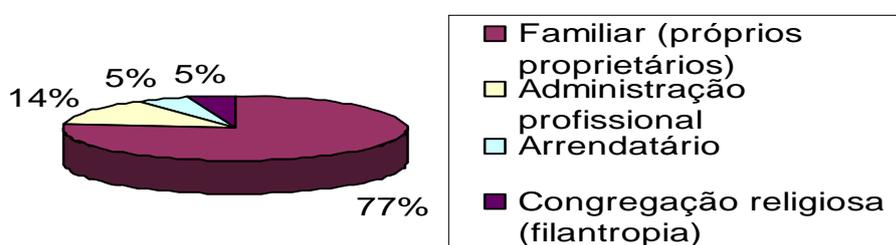


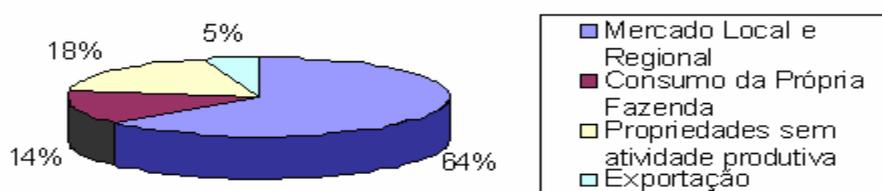
Gráfico 14: Forma de administração da propriedade na atualidade

Fonte: Elaborado pelo autor

A forma de administração, reflete os objetivos destas propriedades serem adquiridas, pelos atuais proprietários. Do total dezessete são administradas pela própria família, (77%) confirmando seu uso para a família com a finalidade de uma segunda residência, ou como residência fixa. Apenas três propriedades (14%) são administradas profissionalmente. Nestas fazendas são feitos investimentos visando lucro, independente de outras funções que elas exerçam. Uma única propriedade (5%), funciona com o sistema arrendatário e uma propriedade (5%) é resultado de doação para uma instituição religiosa. Isto denota que existem vários perfis de proprietários, das fazendas históricas. Há aqueles que adquiriram a propriedade para a produção de mercado, portanto, visam o retorno financeiro, outros são os que encaram o turismo como um negócio e por isso é a atividade principal e por último os proprietários que valorizam a fazenda como bem patrimonial de importância histórica e cultural.

Tabela 15: Forma de escoamento da produção

	Nº	%
<b>Mercado local e regional</b>	<b>14</b>	<b>64</b>
<b>Propriedades sem atividade produtiva</b>	<b>4</b>	<b>18</b>
<b>Consumo da própria fazenda</b>	<b>3</b>	<b>14</b>
<b>Exportação</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>

**Gráfico 15: Forma de escoamento da produção**

Fonte: Elaborado pelo autor

A produção, (64%) é comercializada no mercado local e regional. Do total das propriedades (18%) não têm atividade produtiva, somente três produzem para o consumo da própria fazenda (14%). Uma única propriedade tem como meta o mercado das exportações o que representa (5%)

Significa que, as propriedades que colocam a produção no mercado local regional, estão trabalhando com atividades que sempre caracterizaram a região. Ou seja agricultura e pecuária. Aquelas sem produtividade, são propriedades pequenas e seus proprietários não tem interesse ou não vêm resultado em investir na atividade produtiva da fazenda. Uma propriedade que visa às exportações está trabalhando com produtos novos como a cachaça.

## IMPLANTAÇÃO DO TURISMO COMO ATIVIDADE DE RENDA DA FAZENDA

Tabela 16: Ano de início da atividade do turismo

Ano de início da atividade do turismo	Nº	%
1998	3	14%
2000	4	18%
2002	3	14%
2005	2	9%
1983	1	5%
1990	1	5%
1991	1	5%
1992	1	5%
1994	1	5%
1995	1	5%
1999	1	5%
2001	1	5%
2004	1	5%
2006	1	5%
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100%</b>

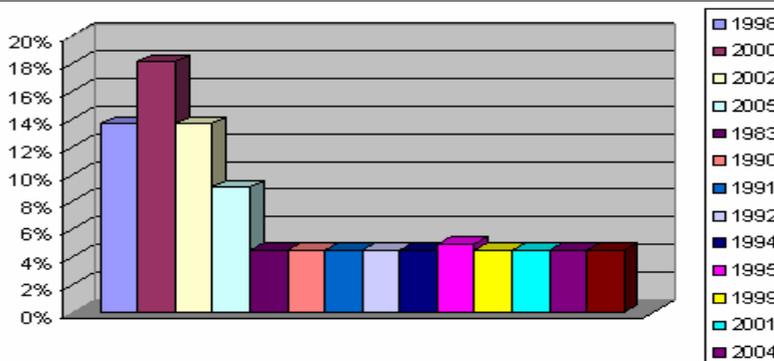


Gráfico 16: Início da atividade do turismo

Elaborado pelo autor

Do universo das fazendas pesquisadas três propriedades iniciaram no turismo no ano de 2000 e 2002, duas em 2005 sendo que as demais começaram em anos diferentes, porém com pequena diferença de tempo, exceto uma fazenda que iniciou no ano de 1983. A adesão ao turismo iniciou a partir dos anos noventa. Segundo informações do Instituto Preservale,

existe atualmente uma procura constante por fazendas históricas da região, para fins de investimento visando o turismo. Esse número de 22 propriedades, a tendência é crescer, nos próximos anos.

Tabela 17: A decisão de implantar o turismo

A decisão de implantar o turismo	Nº	%
<b>Riqueza histórica – cultural e potencial atrativo da fazenda, da região, e do patrimônio</b>	<b>7</b>	<b>32</b>
<b>Uma opção para as fazendas</b>	<b>3</b>	<b>14</b>
<b>Pioneiros e Influencia das demais fazendas</b>	<b>4</b>	<b>18</b>
<b>Compromisso social com a história</b>	<b>2</b>	<b>9</b>
<b>A proposta não é turismo e sim cultural</b>	<b>3</b>	<b>14</b>
<b>Compor as despesas de manutenção da casa</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Proximidade com o Rio de Janeiro, Incentivado pelo Preservale</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>

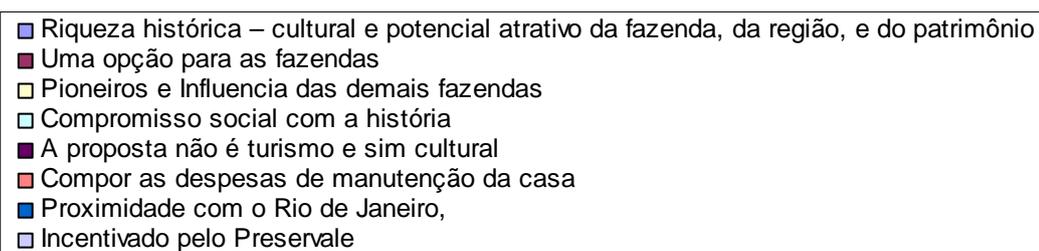
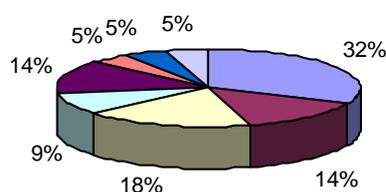


Gráfico 17: A decisão de implantar o turismo

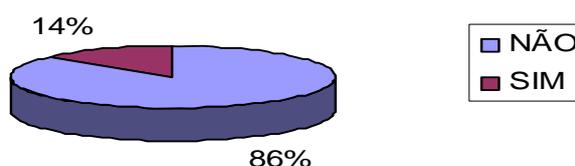
Fonte: Elaborado pelo autor

Os proprietários perceberam que com o turismo estariam valorizando a riqueza histórica – cultural e o potencial atrativo da fazenda e da região. Parte foram influenciadas por outros proprietários, ou afirmaram ser o turismo uma opção econômica para substituir a

atividade agrícola da propriedade. Entendem que abrir a sede para visitação é uma forma de devolver à sociedade um bem material, que é indiretamente de todos. Com opiniões diferentes, mas dentro do mesmo espírito do que pode representar o turismo para estas propriedades, com uma única resposta, cada proprietário demonstrou sua visão para com o turismo em suas respectivas propriedades. a vantagem de estar próximo ao Rio de Janeiro, maior centro emissor, a proposta cultural, compor as despesas de manutenção da casa sede, e por último ser incentivado pelo próprio Instituto Preservale a implantar a atividade do turismo. Nota-se que as razões para abrir a fazenda para o turismo, são muito diversificadas, mais todas, projetam no turismo uma nova fonte de renda, e confiança na sua consolidação como principal atividade da propriedade.

Tabela 18: O início da atividade, teve apoio de órgãos e de profissionais de Turismo

O início da atividade, teve apoio de órgãos e de profissionais de Turismo	N�	%
<b>NÃO</b>	<b>19</b>	<b>86</b>
<b>SIM</b>	<b>3</b>	<b>14</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>



**Gráfico 18: o início da atividade,teve apoio de órgãos e de profissionais de turismo**

Fonte: Elaborado pelo autor

As propriedades quando decidiram implantar o turismo, o fizeram com base no potencial histórico da casa sede, tal qual ela se apresenta, nas condições atuais, para visitação. (86%) das propriedades afirmaram não ter apoio de órgãos de preservação ou de profissionais.

Por serem particulares, seus proprietários não tem interesse em tombamento do imóvel, ou também não querem ter despesas iniciais com projetos pra a atividade. Apenas (14%) das propriedades afirmaram terem consultado profissionais especializados em restauração e arqueologia para não correrem o risco de descaracterização. Vale lembrar que estas iniciativas foram isoladas, não tendo, mesmo nesses casos a participação dos órgãos de preservação do Estado e da União.

Tabela 19: Para as reformas obteve algum tipo de financiamento, público ou privado

Para as reformas obteve algum tipo de financiamento, público ou privado	Nº	%
<b>NÃO</b>	<b>21</b>	<b>95</b>
<b>SIM</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>

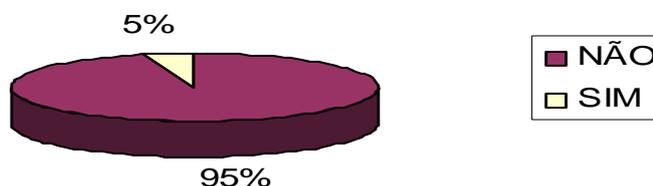


Gráfico 19: Para as reformas obteve algum tipo de financiamento, público ou Privado

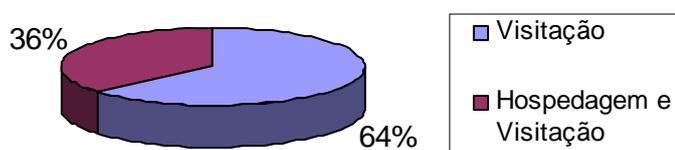
Fonte: Elaborado pelo autor

Em 21 propriedades, (95%) dos entrevistados ao decidirem pelo turismo, o fizeram sem recorrer a qualquer tipo de financiamento público ou privado. Mesmo porque, não são comuns, esse tipo de recurso destinado a bens com desta natureza. A única propriedade (5%) que obteve esse tipo de financiamento, assim o fez, por iniciativa do seu proprietário. As razões para esse quadro pode ser a própria dificuldade de viabilizar financiamentos, ou ainda os custos não serem viáveis e mesmo o desinteresse dos proprietários por esse tipo de investimento somados à falta de apoio institucional.

## O TURISMO NAS FAZENDAS

Tabela 20: Serviços oferecidos por fazendas

Serviços oferecidos por fazenda	Nº	%
<b>Visitação</b>	<b>14</b>	<b>64</b>
<b>Hospedagem e Visitação</b>	<b>8</b>	<b>36</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>



**Gráfico 20: Serviços oferecidos por fazendas**

Fonte: Elaborado pelo autor

14 fazendas estão abertas para visitação. O fato das propriedades serem a residência da família, sendo a visitação realizada em curto espaço de tempo, torna-se mais fácil, não demandando uma infra-estrutura para recepcionar.

Outra vantagem da visitação é que a presença do visitante é muito curta, cerca de 1 a duas horas no máximo. Mas o fator determinante para que essas fazendas não funcionem como meio de hospedagem é que as famílias não são do ramo de hotelaria ou não se interessam pela atividade, como também a visitação não depende de adaptar ambientes do interior da casa sede. 8 propriedades trabalham com visitação e hospedagem. Estas propriedades optaram pela hospedagem por vários fatores, entre os quais, as condições físicas da casa sede, mas também por uma questão de investimento. Nessas propriedades foram feitas reformas para adequação à hospedagem.

Tabela 21: Porque trabalha com hospedagem e visitação

Porque trabalha com hospedagem e visitação	Nº	%
<b>Trabalha só com visitação</b>	<b>13</b>	<b>59</b>
<b>Confia no potencial da propriedade para o turismo</b>	<b>2</b>	<b>9</b>
<b>Confia no movimento espontâneo do turismo na região</b>	<b>2</b>	<b>9</b>
<b>Uma é complementar a outra, a visitação funciona como uma mídia barata.</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Aproveitou as instalações</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Uma opção influenciada por outra propriedade vizinha</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Manter e gerir a história da fazenda</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Pelo clima romântico e bucólico que a fazenda oferece</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>

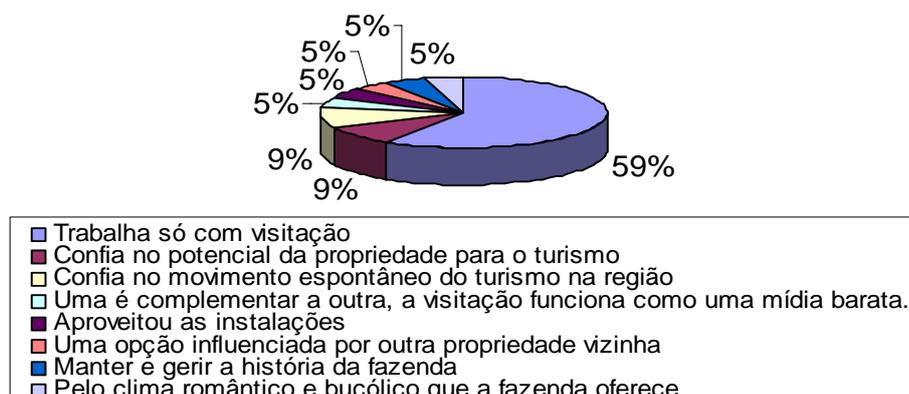


Gráfico 21: Porque trabalha com hospedagem e visitação

Fonte: Elaborado pelo autor

Constatou-se que (59%) das propriedades trabalham somente com visitação, sendo que (9%) confiam no potencial para o turismo. Por vários motivos (5%) as propriedades trabalham com os dois serviços. A visitação funciona como uma mídia para a hospedagem; confia no movimento espontâneo do turismo na região; aproveitou as instalações; influenciada por propriedade vizinha; manter e gerir a história da fazenda; pelo clima bucólico e romântico que a fazenda oferece. Os motivos mostram que cada proprietário tem uma visão sobre o turismo, tendo a casa sede como principal atrativo.

Tabela 22: Porque não trabalha com hospedagem

Porque não trabalha com hospedagem	Nº	%
<b>Não trabalha com hospedagem</b>	<b>13</b>	<b>59</b>
<b>Não é atividade da família</b>	<b>2</b>	<b>9</b>
<b>Fazenda produtiva e residência da família</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Não se interessa por esse ramo de negócio</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Não estar preparado com infra - estrutura para receber</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Não existir infra - estrutura de acesso</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>É muito trabalhoso, teria que mudar a estrutura interna da casa</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Estrutura ainda carente</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Depende de mão de obra e de empregados</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>



Gráfico 22: Não oferece hospedagem

Fonte: Elaborado pelo autor

Entre as fazendas 59% não trabalham com hospedagem. São várias as razões para não disponibilizarem a residência ao hóspede. A casa é a residência da família; (9%) não é uma atividade da família; não se interessa por esse ramo de negócio; não estar a casa, preparada para receber; não existir infra – estrutura de acesso; por ser muito trabalhoso e teria que mudar a estrutura interna da casa; estrutura ainda carente; não ter que depender de mão de obra e de empregados. (5%). Observa-se que os motivos para não implantarem a hospedagem, estão relacionados a questões pessoais ou de infra - estrutura, nada relacionado com o visitante.

Tabela 23: Quais as vantagens de trabalhar só com visitação

Quais as vantagens de trabalhar só com visitação	Nº	%
<b>Trabalha com visitação e hospedagem</b>	<b>9</b>	<b>41</b>
<b>A casa é residência da família</b>	<b>5</b>	<b>23</b>
<b>A proposta de visitação é de lazer cultural</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>E mais rápida e não altera o ritmo de trabalho da fazenda</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Não depender de mão de obra e de empregados</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Menos trabalho, ocupa só o tempo da realização,</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Nunca teve hospedagem, visitação é menos trabalhoso</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Não necessita de uma infra - estrutura montada</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Tempo curto de ocupação das pessoas, menos responsabilidade</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Atender a pedidos de historiadores em mostrar a história do Vale</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>

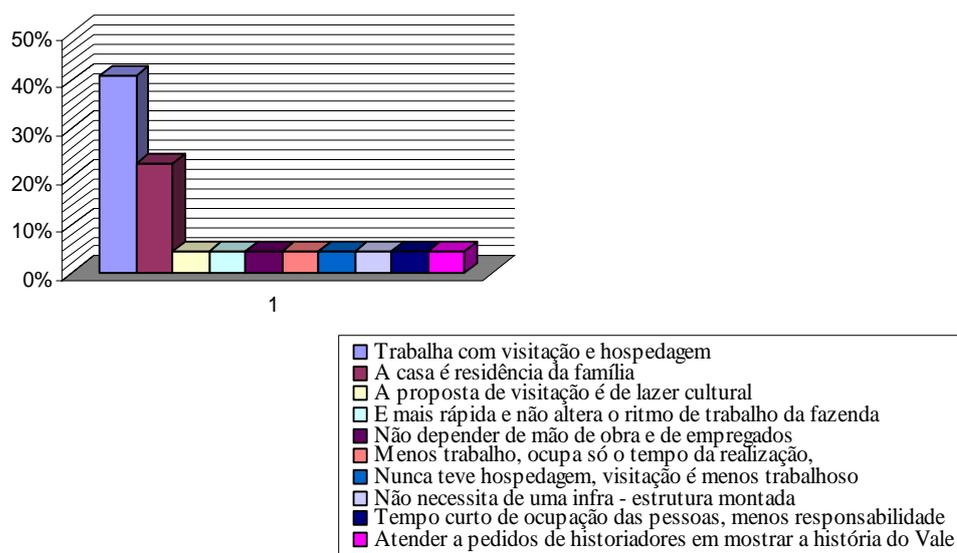


Gráfico 23: Quais as vantagens de trabalhar só com visitação

Fonte: Elaborado pelo autor

Mas de (40%) das propriedades trabalham com os dois serviços (hospedagem e visitação). Sobre as vantagens de trabalhar somente com visitação, para cerca de (20%) das fazendas, o motivo é a casa ser residência da família, para outros, a proposta da fazenda é de lazer cultural, já para os demais proprietários, em torno de (10%), os motivos para trabalhar

apenas com visitação são: a visitação torna-se mais rápida e não altera a rotina da fazenda; não depende de mão de obra e de empregados é menos trabalhoso, ocupa somente o período da realização; por nunca trabalhar com hospedagem e considerar a visitação menos trabalhosa o serviço não requer uma infra-estrutura montada, o tempo de ocupação e a responsabilidade com o visitante é menor, está aberta para visitação apenas para atender pedidos de pesquisadores, para que possa mostrar a história do Vale; a proposta de visitação é de lazer cultural.

Nota-se que, a opção apenas por visitação se dá por vários motivos, entre os quais o de ordem pessoal ou de infra - estrutura, embora seja um trabalho mais fácil e que atrai maior número de visitantes. Além do mais, a visitação cumpre o papel social de resgate da história local. Em nenhuma das respostas, o turismo em si como atividade, é questionado.

Tabela 24 : O que é oferecido ao hóspede durante a estadia

O que é oferecido ao hóspede durante a estadia	Nº	%
<b>Recebe apenas para visitação (dependências da casa sede)</b>	<b>13</b>	
<b>Atendimento com requinte à moda francesa</b>	<b>1</b>	
<b>Serviço e atendimento personalizado</b>	<b>2</b>	
<b>Caminhada, passeio a cavalo, piscina</b>	<b>1</b>	
<b>Passeio a cavalo, roteiros de visitação a outras fazendas</b>	<b>1</b>	
<b>Lazer e esportes</b>	<b>1</b>	
<b>História, cultura, lazer e conforto de uma casa rural e histórica</b>	<b>1</b>	
<b>Ambiente rural e conforto de uma construção histórica</b>	<b>2</b>	
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>

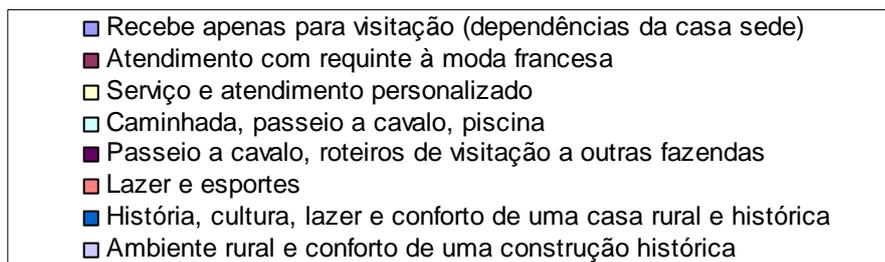
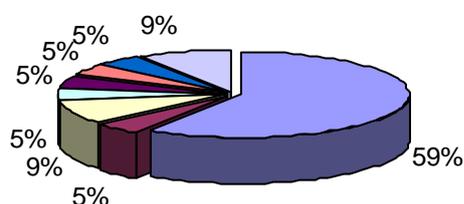


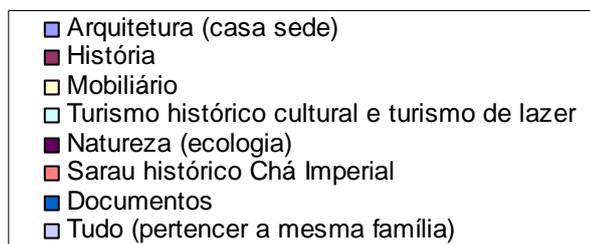
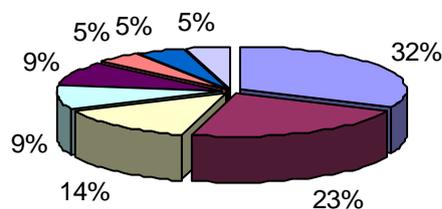
Gráfico 24: O que é oferecido ao hóspede durante a estadia

Fonte: Elaborado pelo autor

(59%) das propriedades estão abertas apenas para visitação. Para as demais, (5%) do total, as respostas dadas individualmente por proprietário, mostram que o atendimento com requinte é o diferencial, ter um serviço personalizado, oferecer outras opções de lazer, como piscina, caminhada, passeio a cavalo, oferecer a opção de visita a outras fazendas na região, oferecer lazer e esportes, vivenciar o ambiente rural, (9%), hospedar em uma edificação histórica. Em cada propriedade se cria uma identidade do visitante com o ambiente e coloca em prática os recursos para conquistar o visitante.

Tabela 25: Principal atrativo da fazenda

Principal atrativo da fazenda	Nº	%
<b>Arquitetura (casa sede)</b>	<b>7</b>	<b>32</b>
<b>História</b>	<b>5</b>	<b>23</b>
<b>Mobiliário</b>	<b>3</b>	<b>14</b>
<b>Turismo histórico cultural e turismo de lazer</b>	<b>2</b>	<b>9</b>
<b>Natureza (ecologia)</b>	<b>2</b>	<b>9</b>
<b>Sarau histórico Chá Imperial</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Documentos</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Tudo (pertencer a mesma família)</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>

**Gráfico 25: Principal atrativo da fazenda**

Fonte: Elaborado pelo autor

Cerca de (32%) dos proprietários afirmam ser a arquitetura do casarão, o que mais impressiona o visitante. Em seguida com (23%) o valor histórico é o maior motivador pra visitar as fazendas. Com (14%) o mobiliário é o que mais chama a atenção dos visitantes; (9%) entendem ser o próprio turismo histórico cultural e de lazer juntamente com a natureza os maiores recursos que a propriedade possui para o turismo. (5%) dos entrevistados apostam na conquista do visitante através de atividades histórico culturais como, o Sarau Histórico, o chá Imperial, a documentação existente na fazenda, e finalmente o fato de tudo pertencer por tanto

tempo a uma única família.

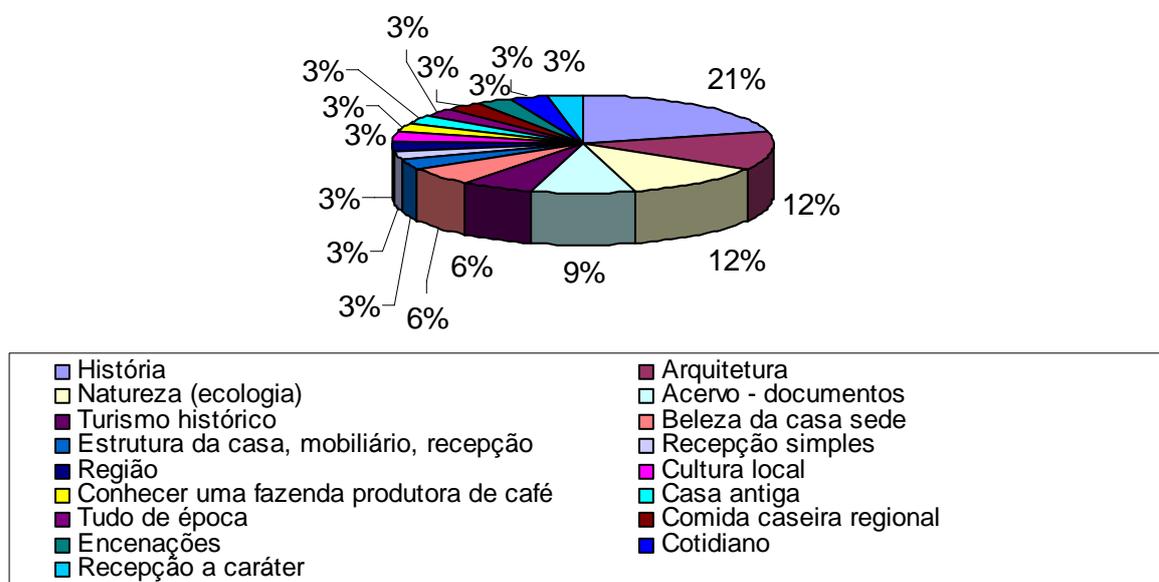
Apesar das variações, os atrativos estão todos vinculados à história da fazenda, da região ou fazem referência à cafeicultura. O que reafirma o apelo histórico – cultural do turismo implementado nas fazendas do Vale do Café Fluminense, como o diferencial da região.

## O VISITANTE

Tabela 26: O que mais desperta o interesse do visitante da fazenda

obs.: foram dadas mais de uma resposta para esta questão

O que mais desperta o interesse do visitante da fazenda	Nº	%
<b>História</b>	<b>7</b>	<b>21</b>
<b>Arquitetura</b>	<b>4</b>	<b>12</b>
<b>Natureza (ecologia)</b>	<b>4</b>	<b>12</b>
<b>Acervo - documentos</b>	<b>3</b>	<b>9</b>
<b>Turismo histórico</b>	<b>2</b>	<b>6</b>
<b>Beleza da casa sede</b>	<b>2</b>	<b>6</b>
<b>Estrutura da casa, mobiliário, recepção</b>	<b>1</b>	<b>3</b>
<b>Recepção simples</b>	<b>1</b>	<b>3</b>
<b>Região</b>	<b>1</b>	<b>3</b>
<b>Cultura local</b>	<b>1</b>	<b>3</b>
<b>Conhecer uma fazenda produtora de café</b>	<b>1</b>	<b>3</b>
<b>Casa antiga</b>	<b>1</b>	<b>3</b>
<b>Tudo de época</b>	<b>1</b>	<b>3</b>
<b>Comida caseira regional</b>	<b>1</b>	<b>3</b>
<b>Encenações</b>	<b>1</b>	<b>3</b>
<b>Cotidiano</b>	<b>1</b>	<b>3</b>
<b>Recepção a caráter</b>	<b>1</b>	<b>3</b>
<b>Total</b>	<b>32</b>	<b>100</b>



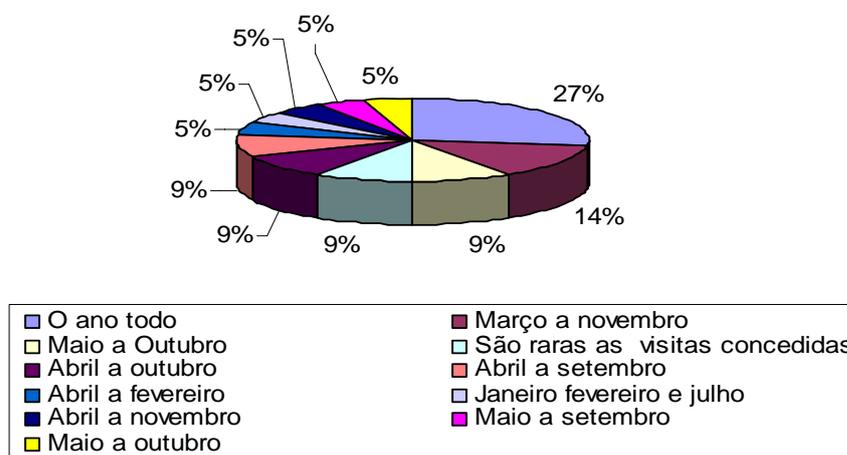
**Gráfico 26: O que mais desperta o interesse do visitante da fazenda**

Fonte: Elaborado pelo autor

Do ponto de vista do proprietário, o interesse do visitante muda muito, de acordo com o seu perfil. (21%) dos entrevistados, indicaram ser a história o que mais atrai o visitante, em seguida com (12%) vem a arquitetura e a natureza. (9%) entendem ser o acervo e documentos o que mais chama a atenção. Outros motivos os proprietários apontaram como de interesse maior do visitante, a estrutura da casa, incluindo nesse item o mobiliário, a própria recepção, a região como um todo, a cultura local, o desejo de conhecer uma fazenda de café, a casa antiga, tudo de época, a comida caseira regional, encenações históricas, cotidiano, e a recepção a caráter (3%). Nesta questão, as respostas são reflexos do que o visitante vivencia em cada propriedade. Os proprietários respondem com base na atratividade da propriedade, em termos de acervo mobiliário, decoração, objetos de destaque e a arquitetura da casa sede.

Tabela 27: Período da Alta temporada

Período da Alta temporada	Nº	%
<b>O ano todo</b>	<b>6</b>	<b>27</b>
<b>Março a novembro</b>	<b>3</b>	<b>14</b>
<b>Maio a Outubro</b>	<b>2</b>	<b>9</b>
<b>São raras as visitas concedidas</b>	<b>2</b>	<b>9</b>
<b>Abril a outubro</b>	<b>2</b>	<b>9</b>
<b>Abril a setembro</b>	<b>2</b>	<b>9</b>
<b>Abril a fevereiro</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Janeiro fevereiro e julho</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Abril a novembro</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Maio a setembro</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Maio a outubro</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>



**Gráfico 27: Período da alta temporada**

Fonte: Elaborado pelo autor

Entre todas as propriedades (27%) confirmaram que o turismo acontece o ano todo, (14%) das casas sedes, para (9%) do total a alta temporada se dá nos meses de abril a outubro; abril a fevereiro, maio a outubro, março a novembro, maio a outubro, abril a outubro, abril a setembro. Nas demais afirmativas, há indícios, de períodos diferentes, como abril a fevereiro, abril a novembro, janeiro, fevereiro, e julho, maio a setembro, maio a outubro. Com pequenas variações a alta temporada se dá no mesmo período para todas. Nota-se um fluxo de visitantes o ano todo, nestas fazendas.

Tabela 28: Período da baixa temporada

Período da baixa temporada	Nº	%
<b>Não há baixa temporada</b>	<b>6</b>	<b>27</b>
<b>Dezembro a abril</b>	<b>3</b>	<b>14</b>
<b>Dezembro a março</b>	<b>2</b>	<b>9</b>
<b>Outubro a março</b>	<b>2</b>	<b>9</b>
<b>Novembro a fevereiro</b>	<b>2</b>	<b>9</b>
<b>Novembro a março</b>	<b>2</b>	<b>9</b>
<b>Outubro a abril</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Dezembro a fevereiro</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Só no mês de março</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>As visitas concedidas só em caso especial</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Março a junho e agosto a dezembro</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>

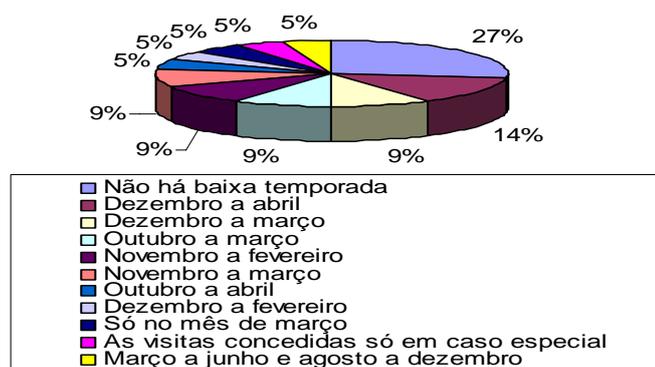


Gráfico 28: Período da baixa temporada

Fonte: Elaborado pelo autor

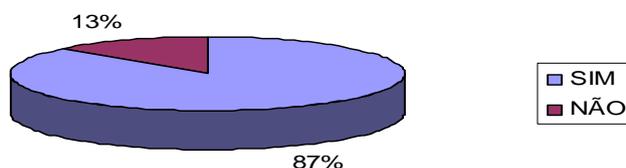
Cerca de (27%) não registram baixa temporada. Para (14%) a baixa temporada está entre os meses de dezembro a abril. Para (9%) dos entrevistados, são vários períodos, como sendo os meses de baixo movimento como, outubro a março, dezembro a março, novembro a fevereiro, e novembro a março. (5%) das propriedades com períodos diferentes a baixa temporada é percebida nos meses de outubro a abril, dezembro a fevereiro, somente no mês de março, março a junho e agosto a dezembro. Para uma parte das fazendas o turismo é sazonal, para a maioria durante o verão, o turista busca mais o turismo de sol e praia. Apesar de algumas propriedades afirmarem que não há baixa temporada, o número de visitantes neste

período, é reduzido. Talvez seja esta a razão, de falarem que recebem visitantes durante todo o ano.

## OS AGENTES E A DEMANDA PARA AS FAZENDAS DO VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE - TURISTAS ESTRANGEIROS

Tabela 29: Já recebeu turista estrangeiro?

Já recebeu turista estrangeiro?	Nº	%
<b>SIM</b>	<b>20</b>	<b>87</b>
<b>NÃO</b>	<b>3</b>	<b>13</b>
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>



**Gráfico 29: Já recebeu turistas estrangeiros**

Fonte: Elaborado pelo autor

Quase todas as propriedades, cerca de (87%) já receberam turistas estrangeiros, comprova assim, que as fazendas já é um produto conhecido internacionalmente. Somente (13%) não receberam turistas estrangeiros, isto se deve a fatores como condições de acesso à estas propriedades, este que é um problema que impede o maior fluxo às fazendas da região, por motivo da falta de estradas na zona rural. Mesmo as fazendas que recebem maior número de visitantes estrangeiros, estes reclamam da falta de conservação.

Tabela 30: O turista estrangeiro tem interesse específico

O turista estrangeiro tem interesse específico	Nº	%
<b>SIM</b>	<b>19</b>	<b>83</b>
<b>NÃO</b>	<b>2</b>	<b>9</b>
<b>Não recebe turistas estrangeiros</b>	<b>2</b>	<b>9</b>
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

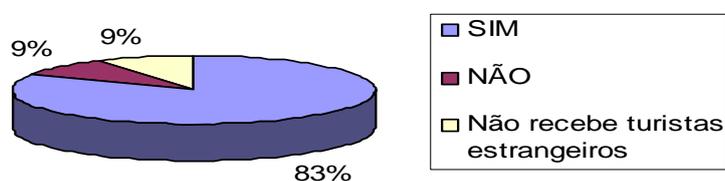


Gráfico 30: O turista estrangeiro tem interesse específico

Fonte: Elaborado pelo autor

Para (83%) dos proprietários, o turista estrangeiro já chega à casa, bem informado. Isto fica evidente pois, assim que passa a conhecer o lugar, já faz menção a algum tipo de informação, que pode ser um passeio, uma peça do mobiliário, questões sobre a região, a plantação do café, sobre a escravidão, etc. Em duas propriedades cerca de (9%), já não se observa esse lado detalhista do turista estrangeiro. Nestas propriedades o turista estrangeiro age tal qual o turista de massa, onde tudo que lhe for mostrado o deixa contente, pois não faz qualquer exigência. (9%) das propriedades declararam não receberem turistas estrangeiros, não porque não aceitam, mas, por não haver um trabalho de divulgação mais intenso, que dê visibilidade à propriedade. A questão de receber ou não visitantes, passa pela atuação das agências, depende de parcerias, entre outros fatores.

Tabela 31: Estando no Brasil de onde vêm o turista estrangeiro para a região

Estando no Brasil de onde vêm o turista estrangeiro para a região	Nº	%
<b>Rio de Janeiro</b>	<b>13</b>	<b>61</b>
<b>São Paulo</b>	<b>6</b>	<b>26</b>
<b>Bahia</b>	<b>2</b>	<b>9</b>
<b>Parati</b>	<b>1</b>	<b>4</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>

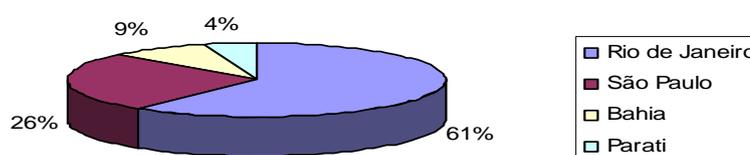


Gráfico 31: Estando no Brasil, de onde vem o turista estrangeiro para a região

Fonte: Elaborado pelo autor

A grande maioria, em 14 propriedades somando (61%), afirmam que o turista estrangeiro que chega ao Vale, vem do Rio de Janeiro. São Paulo aparece com uma parcela de (26%), e de outros Estados, como a Bahia, (9%) e Parati (4%). Há uma justificativa, é que o turista que vem para o Vale, primeiramente já sai do seu país de origem, com um pacote para essas cidades brasileiras, sendo que o complemento do pacote inclui a visita ao Vale do Café. Por esse motivo é que o visitante da região vem a maioria, através de agências ou conduzidos por guias locais regionais, estes fazem esse trabalho de intermediar o visitante para as fazendas. A pesquisa constatou existir um fluxo de visitantes estrangeiros, vindo direto do seu país de origem, em pequenos grupos, ou mesmo sozinhos sem usar os agentes do Brasil.

Tabela 32: País com maior presença de turistas estrangeiros na região

Obs.: para esta questão foram dadas mais de uma resposta pelo mesmo proprietário

País com maior presença de turistas estrangeiros na região	Nº	%
<b>França</b>	<b>12</b>	<b>28</b>
<b>Alemanha</b>	<b>5</b>	<b>12</b>
<b>Estados Unidos</b>	<b>5</b>	<b>12</b>
<b>Europeus</b>	<b>5</b>	<b>12</b>
<b>Itália</b>	<b>3</b>	<b>7</b>
<b>Portugal</b>	<b>2</b>	<b>5</b>
<b>Inglaterra</b>	<b>2</b>	<b>5</b>
<b>Japão</b>	<b>2</b>	<b>5</b>
<b>Holanda</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<b>Maldívia</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<b>Espanha</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<b>Suíça</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<b>Suécia</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<b>Rússia</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<b>China</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<b>Total</b>	<b>43</b>	<b>100</b>

Obs.: para esta questão foram dadas mais de uma resposta pelo mesmo proprietário

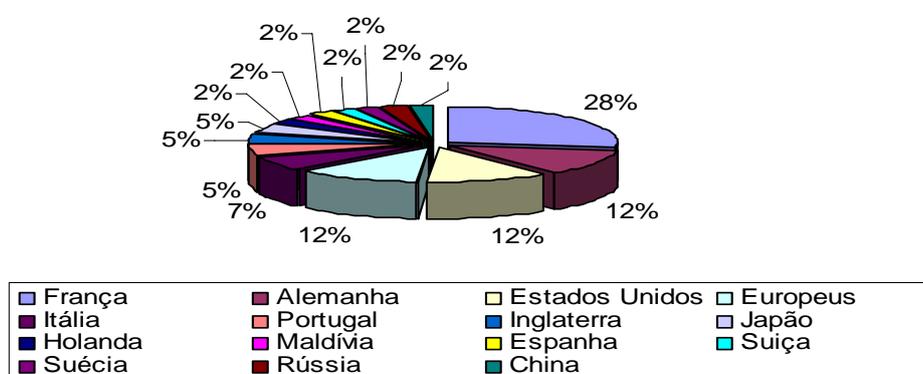


Gráfico 32: País com maior presença de turistas estrangeiros na região

Fonte: Elaborado pelo autor

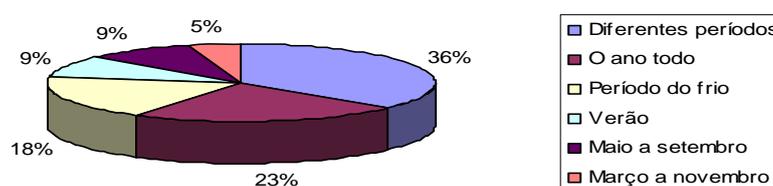
A França é o país com a maior presença de turistas na região, somando (28%) do total. O Americano e o Europeu de vários países representa (12%). A Itália representa (7%). A Alemanha em igual número com os Estados Unidos, e o Europeu de um modo geral. Na faixa dos (5%) .Portugal, Inglaterra e o Japão. São indicados por todos os proprietários, com igual número, a Holanda, Maldívia, Espanha, Suíça, Suécia, Rússia e China, isto na casa dos (2%)

do turista estrangeiro.

A presença em maior número de alguns países, como no caso da França, se deve a fatores como, a presença de empresas automobilísticas Francesas instaladas na região. Mas no geral, os turistas vêm por interesses específicos. (ver tabela 32).

Tabela 33: Período do ano mais procurado

Período do ano mais procurado	Nº	%
<b>Diferentes períodos</b>	<b>8</b>	<b>36</b>
<b>O ano todo</b>	<b>5</b>	<b>23</b>
<b>Período do frio</b>	<b>4</b>	<b>18</b>
<b>Verão</b>	<b>2</b>	<b>9</b>
<b>Mai a setembro</b>	<b>2</b>	<b>9</b>
<b>Março a novembro</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>



**Gráfico 33: período do ano mais procurado**

Fonte: Elaborado pelo autor

No período considerado como o mais procurado (36%), dos turistas estrangeiros, visitam as fazendas em diferentes períodos. (23%) a visitação acontece o ano todo, sendo que para (18%) das propriedades o período do frio é o mais procurado. O verão é o período que mais recebem os estrangeiros, (9%) de igual modo entre os meses de maio a setembro. (5%) o período mais procurado está entre os meses de março a novembro. Fica evidente que, embora com uma presença menor de visitantes, nos diferentes períodos citados, constata-se que, em maior ou em menor número, as fazendas durante praticamente todo o ano, são procuradas por

visitantes estrangeiros. O que vem reforçar as opiniões sobre as fazendas históricas como um atrativo internacional, confirmando também ser a região uma realidade em turismo, se não em números, mas em se tratando de uma destinação, o Vale do Café Fluminense, tem crescido a cada ano.

Tabela 34: Perfil do turista estrangeiro

Perfil do turista estrangeiro	Nº	%
<b>Terceira idade com bom poder aquisitivo</b>	<b>9</b>	<b>33</b>
<b>Interessa pela cultura e a história</b>	<b>5</b>	<b>19</b>
<b>Valoriza a originalidade e a autenticidade</b>	<b>3</b>	<b>11</b>
<b>É exigente e de hábitos diurnos</b>	<b>2</b>	<b>7</b>
<b>Todas as idades</b>	<b>2</b>	<b>7</b>
<b>40 a 45 anos</b>	<b>1</b>	<b>4</b>
<b>Entre 40 a 60 anos</b>	<b>1</b>	<b>4</b>
<b>Estudiosos e com bom nível intelectual</b>	<b>1</b>	<b>4</b>
<b>Casais</b>	<b>1</b>	<b>4</b>
<b>Não gostam de ver nada decadente</b>	<b>1</b>	<b>4</b>
<b>Reclamam das estradas</b>	<b>1</b>	<b>4</b>
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>100</b>

obs. Nesta questão foram dadas mais de uma resposta pelo mesmo proprietário

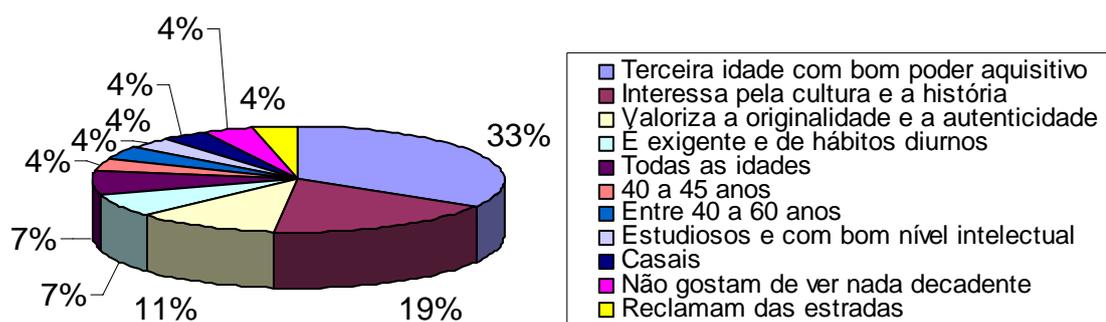


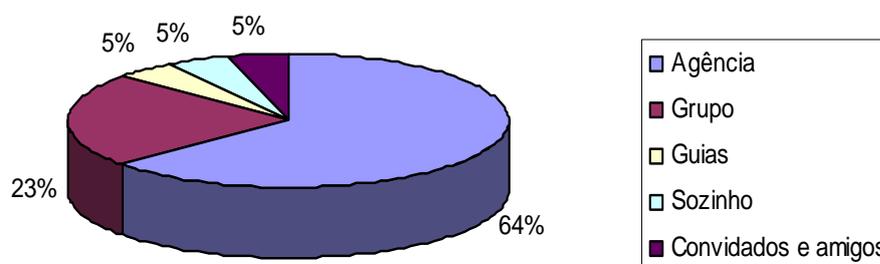
Gráfico 34: Perfil do turista estrangeiro

Fonte: Elaborado pelo autor

O perfil do público estrangeiro é formado por pessoas da terceira idade, com pode aquisitivo; interessa por cultura e história, valorizam muito a originalidade e a autenticidade de tudo que vêem, são muito exigentes e com hábitos diurnos, é um público formado por todas as idades; está na faixa de idade entre 40 a 60 anos; geralmente são casais; não apreciam a decadência; são observadores; e reclama muito das estradas. Como se vê na multiplicidade de opiniões, o público estrangeiro também é desigual em suas características, e isto é positivo porque mostra ser as fazendas um atrativo para diferentes tipos de públicos.

Tabela 35: Como chega até às fazendas

Como chega até às fazendas	Nº	%
<b>Agência</b>	<b>14</b>	<b>64</b>
<b>Grupo</b>	<b>5</b>	<b>23</b>
<b>Guias</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Sozinho</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Convidados e amigos</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>



**Gráfico 35: Como chegam até as fazendas**

Fonte: Elaborado pelo autor

Em 14 propriedades, ou seja, (64%) dos visitantes chegam através das agências, confirmando a sua importância para o turismo nas fazendas históricas do Vale do Café. Em 5 fazendas, (23%) chegam em grupos, e os demais, (5%) chegam sozinhos, vêm como convidados e amigos, ou através de guias locais e regionais.

Verifica-se uma procura por esta região do Vale do Café, em função das fazendas históricas. No começo, os visitantes chegavam através das agências, mas, na proporção em que as fazendas são mais divulgadas, o visitante passa a frequentar a região de diferentes formas. Isto significa crescimento do turismo, capacidade de atratividade das fazendas e a constatação da valorização do atrativo histórico cultural.

Tabela 36: Tempo de permanência na fazenda

Tempo de permanência na fazenda	Nº	%
<b>Suficiente para visitar a casa</b>	<b>11</b>	<b>50</b>
<b>Duas horas</b>	<b>5</b>	<b>23</b>
<b>Em caso de hospedagem 1 dia</b>	<b>3</b>	<b>14</b>
<b>Uma hora e meia</b>	<b>2</b>	<b>9</b>
<b>Mais de três horas</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>

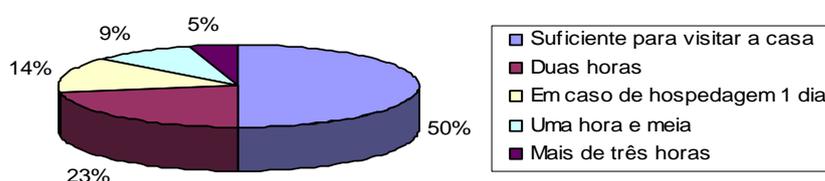


Gráfico 36: Tempo de permanência na fazenda

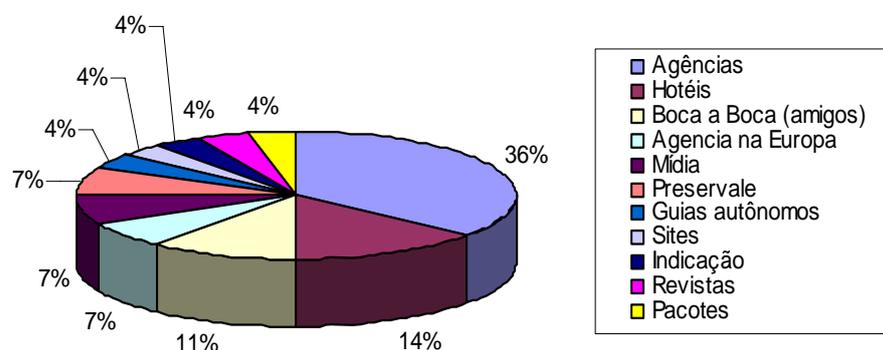
Fonte: Elaborado pelo autor

O turismo nas fazendas históricas do Vale, quando se trata de visitação, não ultrapassa o espaço de 2 horas, de acordo as informações dos proprietários. (50%) dos visitantes permanecem o tempo suficiente para conhecer toda a residência. Para (23%) a permanência se limita à 2 horas, o suficiente para fazer a visita interna e tomar um lanche (opcional), embora esteja incluso na taxa de visitação. Em (14%) das propriedades que também hospedam, o tempo de permanência é em média de um dia, quando o visitante pernoita. Para visita, a duração fica em torno de 1 hora e meia a no máximo duas. Em 2 outras propriedades (9%), a visita é feita em 1 hora e meia. Somente uma propriedade a visita dura mais de três horas, isto significa (5%) do total das propriedades pesquisadas. A diferença de tempo se dá em razão da forma pela qual a casa é mostrada. Neste caso os anfitriões se vestem a caráter para colocar o visitante no ambiente do século XIX. Esta diferença de tempo para as visitas é mais uma prova de que cada fazenda tem sua história e a apresenta, obedecendo as suas características de origem.

Tabela 37: Como ficam sabendo das fazendas

Como ficam sabendo das fazendas	Nº	%
<b>Agências</b>	<b>10</b>	<b>36</b>
<b>Hotéis</b>	<b>4</b>	<b>14</b>
<b>Boca a Boca (amigos)</b>	<b>3</b>	<b>11</b>
<b>Agencia na Europa</b>	<b>2</b>	<b>7</b>
<b>Mídia</b>	<b>2</b>	<b>7</b>
<b>Preservale</b>	<b>2</b>	<b>7</b>
<b>Guias autônomos</b>	<b>1</b>	<b>4</b>
<b>Sites</b>	<b>1</b>	<b>4</b>
<b>Indicação</b>	<b>1</b>	<b>4</b>
<b>Revistas</b>	<b>1</b>	<b>4</b>
<b>Pacotes</b>	<b>1</b>	<b>4</b>
<b>Total</b>	<b>28</b>	<b>100</b>

obs. Foram dadas mais de uma resposta pelo mesmo proprietário



**Gráfico 37: Como ficam sabendo das fazendas**

Fonte: Elaborado pelo autor

As agências são as responsáveis pela divulgação da região para o turista estrangeiro (36%). Para quatro proprietários (14%) os hotéis é que são os maiores divulgadores das fazendas. Na opinião de três proprietários (11%) o boca a boca é a melhor mídia, enquanto que para outros proprietários, os visitantes estrangeiros já saem de seu país de origem com informações sobre a região do café; a mídia se encarrega da promoção; o Preservale tem esta função, entre outras de divulgação (7%). No geral para os entrevistados, os meios de divulgação das fazendas são respectivamente, guias autônomos, sites, indicação de quem já visitou, revistas e por últimos os pacotes turísticos que incluem a região do Vale do Café (4%). A divulgação das fazendas não tem definido um veículo de comunicação que faz o marketing, este é feito da maneira indireta, como mostra o gráfico. O turismo tem essa vantagem da exposição de um destino se dá por vários mecanismos, independente de investimentos em promoção.

## ATUAÇÃO DAS AGÊNCIAS DE VIAGENS

Tabela 38: As agências são responsáveis pela vinda da maioria dos turistas ?

As agências são responsáveis pela vinda da maioria dos turistas ?	Nº	%
<b>Sim</b>	<b>14</b>	<b>64</b>
<b>Não trabalha com agência</b>	<b>3</b>	<b>14</b>
<b>Muito pouco</b>	<b>2</b>	<b>9</b>
<b>Turista brasileiro não</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Turista estrangeiro sim</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Não</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>

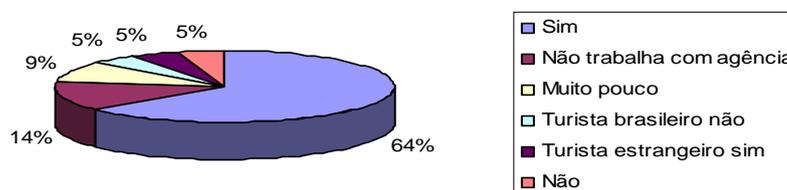


Gráfico 38: As agências são responsáveis pela vinda da maioria dos turistas

Fonte: Elaborado pelo autor

Para 14 proprietários, as agências são responsáveis diretas pela atração do visitante estrangeiro na região. 3 informaram que não trabalham com agências, duas utilizam muito pouco desse setor do turismo, e com uma resposta cada propriedade informou que o visitante brasileiro não chega às fazendas por intermédio das agências, ao contrário do visitante estrangeiro que muitas vezes já saem do país de origem com o pacote pronto, incluindo as fazendas de café. Para um único proprietário as agências não são as responsáveis pela vinda do visitante. Com uma parcela de discordância, prevalece o serviço da agência como intermediária do visitante com as fazendas do Vale do Café. Embora já há evidências e números que constataam que o visitante, não só o brasileiro, mas também o estrangeiro, já estão chegando às fazendas, sem intermediários. Uma prova disso é a tabela 39, que mostra os

vários canais de divulgação da região. Este dado é importante e até animador, pois, significa a afirmação da região do Vale do Café, como um destino que mantém uma sustentabilidade, em termos de fluxo, atestando a capacidade de atrair novos visitantes.

Tabela 39: De onde são as agências que trabalham com as fazendas

De onde são as agências que trabalham com as fazendas	Nº	%
<b>Rio de Janeiro (capital)</b>	<b>14</b>	<b>48</b>
<b>São Paulo (capital)</b>	<b>7</b>	<b>24</b>
<b>Minas Gerais (Belo Horizonte)</b>	<b>4</b>	<b>14</b>
<b>Não trabalha com agência</b>	<b>2</b>	<b>7</b>
<b>Espírito Santo</b>	<b>1</b>	<b>3</b>
<b>Paraná (Curitiba)</b>	<b>1</b>	<b>3</b>
<b>Total</b>	<b>29</b>	<b>100</b>

obs. Nesta questão foram dadas mais de uma resposta pelo mesmo proprietário

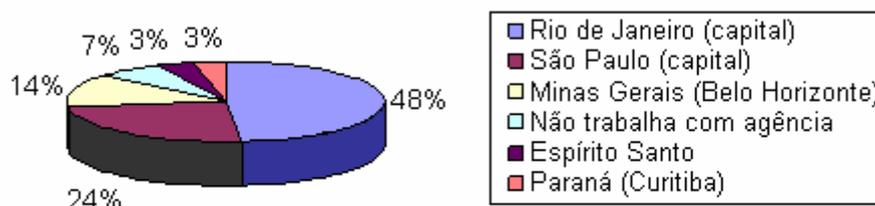


Gráfico39: De onde são as agências que trabalham com as fazendas

Fonte: Elaborado pelo autor

Prevalece como fomentador do turismo na região do Vale do Café, as agências de turismo da Capital do Rio de Janeiro. Este dado se deve ao fato da capital estar a pouco mais de 100 km da região das fazendas. Por outro lado, outro grande centro emissor, a Cidade de São Paulo, aparece em segundo lugar com 7 indicações, logo depois vem Belo Horizonte com 4 indicações e por último Espírito Santo e Curitiba respectivamente com uma indicação. Dois proprietários informaram não trabalhar com agências. Esta tabela deixa evidenciado a

vantagem do turismo na região do café fluminense, pó sua proximidade com essas três metrópoles nacionais. Em termos econômicos essas três capitais também se destacam no Brasil, não por acaso o turismo depende diretamente da condição financeira. Apesar de menor participação já aprecem cidades mais distantes, começando a descobrir as fazendas como um novo destino de turismo.

Tabela 40: Sem a participação das agências, o número de visitantes seria o mesmo

Sem a participação das agências, o número de visitantes seria o mesmo	Nº	%
<b>NÃO</b>	<b>15</b>	
<b>Não trabalha com agência</b>	<b>3</b>	
<b>SIM</b>	<b>2</b>	
<b>Não sabe</b>	<b>2</b>	
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100</b>

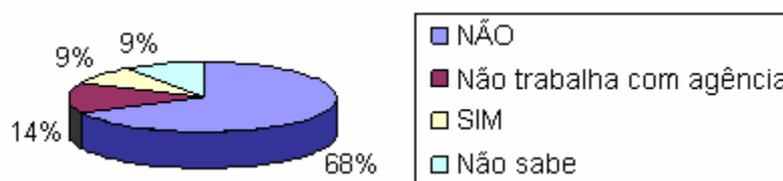


Gráfico 40: Sem a participação das agências o número de visitantes seria o mesmo

Fonte: Elaborado pelo autor

Para 15 proprietários, o movimento de turistas na região não seria o mesmo, sem que houvesse a participação das agências. Três afirmaram que não trabalham com agências. Par dois proprietários o número de turistas seria o mesmo, independente do trabalho das agências. Outros dois proprietários afirmaram não saber dar esta informação. Embora haja divergência de opiniões, é indiscutível a importância das agências para alimentar o turismo da região, não só pelas respostas confirmadas, a maioria reconhece esse trabalho de divulgação e comercialização das fazendas, mas também, a agência exerce o papel de colaborador desse

turismo, na medida em que fornece aos proprietários informações daquilo que deve ser corrigido, para melhor recepcionar o visitante. Sem esse agente observador e crítico, talvez muitos equívocos estivessem acontecendo com o turismo da região.

Opinião dos proprietários das fazendas sobre a participação do Instituto PRESERVALE no turismo da região do Vale do Café	
Proprietário 1	A fazenda apenas consta no site do Preservale
Proprietário 2	Agrega valores às propriedades e é um instrumento de união dos proprietários
Proprietário 3	Importante, é uma vitrine, internacional, nacional e estadual, sistematiza a qualidade da informação, é um veículo de mídia direcionado, que dá visibilidade às fazendas
Proprietário 4	Está ajudando muito, mas não é uma empresa de turismo
Proprietário 5	Não é órgão gestor de turismo, é uma iniciativa do setor privado que está dando certo
Proprietário 6	Foi fundado, para cuidar da atividade turístico – histórica relacionada às Fazendas
Proprietário 7	Não tem um trabalho definido, não tem potencial para recorrer ao governo Divulgação, mas não tem um trabalho mais elaborado
Proprietário 8	Tem muita dificuldade, é uma ong que simplesmente tem muito trabalho As fazendas trabalham independentes, existem projetos mas não tem verbas
Proprietário 9	Ajuda na divulgação, é muito importante na elaboração de projetos Dá um segurança e personalidade ao turismo da região
Proprietário 10	Ajuda na publicidade, (pública e revistas), não trás hóspedes, porque essa

	não é sua função, é uma associação para manter a história do ciclo do café
Proprietário 11	O primeiro instituto envolvido com turismo Foi importante no processo de implantação do turismo na região Falta ao Preservale perceber a evolução rápida desse turismo. Tem que acompanhar
Proprietário 12	A primeira associação a bancar a idéia do ciclo do café das fazendas Faz um trabalho excelente, sem ele nós não existiríamos
Proprietário 13	Ajuda na divulgação das fazendas da região É uma representatividade para a região e incentiva o turismo nas fazendas
Proprietário 14	Fundamental importância
Proprietário 15	Abre portas, é o responsável por as fazendas estarem abertas ao turismo Todos os proprietários deveriam estar associados
Proprietário 16	Integração dos dez municípios Interlocutor com o poder público, privado
Proprietário 17	Decisiva, criou um destino regional de patrimônio, incentiva a novos investimentos em restauração de fazendas históricas
Proprietário 18	Trabalha para desenvolver o turismo na região através das fazendas históricas
Proprietário 19	Muito importante, dá visibilidade ao turismo da região
Proprietário 20	Promove eventos, e oferece treinamentos para agentes, taxistas, restaurantes e pousadas
Proprietário 21	Apóia a faz contato sobre nossos interesses na Turisrio, certas revistas e agências, além da parceria internacional com Portugal

Proprietário 22	Uma ong que representa as fazendas em todas as situações que envolvem o turismo

**Quadro 1: Opinião dos proprietários das fazendas sobre a participação do Instituto PRESERVALE no turismo da região do Vale do Café**

Fonte: Elaborado pelo autor

Este quadro mostra como o Instituto Preservale é visto como uma instituição com muitas funções nesse processo de implantação do turismo nas fazendas do Vale do Café. Representa apoio e confiança dos proprietários, pelo trabalho desenvolvido em pró do turismo da região. É um veículo de mídia para as fazendas, com a função de desenvolver o turismo na região, dar visibilidade ao turismo, incentivar novos investimentos, promover eventos, interlocutor entre o poder público e o poder privado, agrega valor, leva as propriedades para várias mídias. O Como veículo de Mídia O Instituto Preservale exerce papel fundamental no processo de consolidação do destino turístico Vale do Café.

<b>Quadro 2: O turismo na região é uma realidade, tendo as fazendas como principal atrativo</b>	
Proprietário 1	É e não é. É importante, as fazendas estarem restauradas, só que estão descaracterizadas
Proprietário 2	Sim. Mas é preciso ter um foco, ser segmentado, cada propriedade tem o seu diferencial que precisa ser trabalhado individualmente
Proprietário 3	Falta criar uma marca – “O caminho do café”
Proprietário 4	Fortalecer o turismo cultural de interpretação
Proprietário 5	Falta uma política de apoio ao empresário do setor
Proprietário 6	As fazendas é que chamam a atenção do Vale do Paraíba, elas são o atrativo
Proprietário 7	Sem as fazendas acaba o turismo
Proprietário 8	Sem as fazendas não existiria turismo na região
Proprietário 9	Está crescendo rapidamente, nos últimos dois anos
Proprietário 10	O problema são as estradas e a falta de telefonia
Proprietário 11	Está crescendo, mais falta divulgação
Proprietário 12	O pessoal de São Paulo e Rio os maiores centros emissores, precisam descobrir a região
Proprietário 13	É uma realidade, mas ainda não consolidada,
Proprietário 14	vai demorar, mas está crescendo a cada ano
Proprietário 15	Sim. No turismo não tem mais volta.

Proprietário 16	Agora o nível das pessoas que vão circular no Vale será em função daquilo que as fazendas tem a oferecer
Proprietário 17	As fazendas são a principal atração. Elas é que fazem o turismo dos municípios
Proprietário 18	Sim. Quando começou recebia por ano, 1.000 pessoas. Hoje recebo mais de 5.000
Proprietário 19	A região tem pólos turísticos (Conservatória, Ipiabas) todos bem localizados, alguns desenvolvidos, outros totalmente deficientes
Proprietário 20	A proposta não é trabalhar com turismo
Proprietário 21	Em Valença não, falta ainda muita coisa.
Proprietário 22	Sim. Ainda não está totalmente consolidado, mais já é uma realidade

**Quadro 2: O turismo na região é uma realidade, tendo as fazendas como principal atrativo**

Fonte: Elaborado pelo autor

obs> foram dadas mais de uma resposta para esta questão

Esta questão aberta tem a conotação de medir o grau de confiabilidade dos proprietários com o turismo na região. Com isto foram reveladas algumas situações que devem ser resolvidas, para que o turismo se torne definitivamente uma realidade para a região. Para alguns proprietários falta criar a marca do Caminho do café da região, fortalecer o turismo segmentado, com base na interpretação patrimonial, adotar uma política de apoio ao empresário das fazendas imperiais, intensificar a publicidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O foco principal* desta pesquisa, é direcionado para as fazendas imperiais do Vale do Paraíba Fluminense, que vivem uma nova perspectiva, agora como um destino turístico. O requinte destas antigas residências rurais, despertou o interesse em realizar um estudo que traduzisse a forma e a modalidade do turismo, implementado a partir destas edificações rurais, como atrativo turístico.

*Ao término deste estudo*, conclui-se com base nos objetivos delineados e as possíveis hipóteses estabelecidas, que a atividade do turismo na região do Vale do Café, no Vale do Paraíba Fluminense, é desenvolvida dentro de um mesmo propósito, enquanto região, porém, a forma de apresentar seus atrativos, cada propriedade o faz, à sua maneira de forma individual, tomando por base a história local da propriedade.

*Os resultados da pesquisa* indicam que a *proposta de turismo praticado nas Fazendas Imperiais* tem se caracterizado como uma modalidade turística que se encaixa em vários conceitos de turismo, mas essa profusão de nomes ainda não se definiu conceitualmente a ponto de se encaixar integralmente à região.

*A denominação do tipo de turismo*, desenvolvido por cada propriedade, termina sendo “batizado” de forma aleatória, em função do que o seu proprietário entende ser o turismo ali implementado.

*O Turismo praticado no Espaço Rural do Vale do Café*, não faz referência ao ambiente rural, do ponto de vista da paisagem, sendo que em todas as fazendas, a visita limita-se à parte interna da antiga casa sede. Não são todas as fazendas que utilizam o recurso da Ambientação de Base Histórica, para atrair novos visitantes.

*As fazendas enquanto conjunto de atrativos* estão localizadas em uma mesma região, com isto, necessitam de uma definição temática através de roteiros que mostre o diferencial de cada uma delas.

*Dados da pesquisa de campo* mostram que ao investirem na compra de uma fazenda histórica, o proprietário assim o fez, em busca de uma série de valores agregados à qualidade de vida, investimento e até mesmo o status de possuir uma propriedade de valor histórico.

*A decisão de implantar o turismo* caracteriza –se como uma ação de resgate da história, uma contribuição cultural de valorização do patrimônio, uma vez que, o turismo não é visto como uma alternativa que substituirá as atividades da fazenda, e sim como uma atividade complementar.

*As pretensões com o turismo* não passam de uma iniciativa de compromisso social, onde se pretende mostrar a história do Vale do Café Fluminense, enaltecendo seus protagonistas, destacando a importância dos pioneiros e a dependência da força da mão de obra escrava, como forma de reinterpretar a história, sem reforçar preconceitos.

*A proposta através do turismo*, é conscientizar o visitante para a importância de conhecer e preservar aquele patrimônio, como um bem que não pertence a um único proprietário, mas que é, de toda a sociedade.

*Quanto ao objetivo geral* estabelecido para esta pesquisa, constatou-se que as propriedades são recursos históricos culturais, capazes de garantir o crescimento do turismo de forma segmentada, com base na história e na edificação das antigas casas, sedes de fazendas.

*O turismo desenvolvido nas propriedades rurais* que se originaram na primeira metade do século XIX, para produção de café, apresenta características diferenciadas, das atividades de turismo rural, como se conhece no Brasil.

*Quanto aos objetivos específicos*, Conforme foi implantado, o turismo em todas as fazendas, paralelamente, foi sendo conceituado de: *turismo cultural, turismo de interpretação, turismo de habitação, turismo de lazer cultural, turismo pedagógico, turismo histórico cultural rural, Turismo de origem, turismo de descanso, Turismo de acolhimento, Turismo familiar*, entre outros nomes que surgem aleatoriamente.

*Com relação às hipóteses estabelecidas - a primeira* em que as Fazendas Imperiais atraem visitantes por possuírem o elemento histórico – cultural como atrativo principal, veio a se confirmar plenamente. Os dados coletados indicam que a história é o principal elemento motivador para visitar as fazendas.

Constatou-se, até mesmo através das características do público visitante, que o elemento motivador para visitar essas propriedades não está ligado a qualquer motivação com a vida do campo. As atividades do dia a dia de uma propriedade rural, não é o que esse público procura. Ao contrário, são movidos por um sentimento saudosista de retorno ao passado, por razões pessoais, ou alguma ligação com aquele ambiente e aquela cultura, tanto a Cultura Negra, como o estilo de vida dos “Barões do Café”.

Verificou-se em visitas técnicas de acompanhamento das atividades que as propriedades oferecem cada indivíduo reage de uma forma, sempre emotiva, ao que presencia durante a visitação. Quanto à presença do visitante estrangeiro, para esta primeira hipótese o que mais valorizam são aquelas propriedades mais rústicas, mais autênticas e originais, no tocante ao mobiliário e a própria edificação. Já o visitante brasileiro, o fato de estar naquele ambiente que um dia pertenceu a um potentado barão, cria no indivíduo a sensação de pertencer àquele mundo de outrora.

*Para constatar a segunda hipótese*, de apenas em parte, o fato das fazendas, serem históricas influenciam na decisão do visitante, não veio a se confirmar.

Haja vista que, o visitante fica sabendo sobre as fazendas através da promoção do elemento histórico. O fato de não haver uma promoção destacando a fazenda relacionada à vida no campo e outros apelos de conotação à natureza e à paisagem, reforça a negativa da segunda hipótese em que o fator histórico é determinante apenas em parte, para a decisão do visitante, tanto o brasileiro, como o estrangeiro, em buscar esses ambientes. A pesquisa mostrou ser o fator história cultura e o patrimônio, e elemento de decisão final para que visitem as fazendas.

O turismo na região do Vale do Café Fluminense, de acordo com o que foi constatado em entrevistas aos proprietários, não existiria, sem a existência das fazendas históricas. A presença de propriedades rurais com estas características arquitetônicas e históricas, é que caracterizam o diferencial da região.

*A terceira hipótese* que questiona a qualidade da visita se são compatíveis, com a importância histórica que representam as fazendas Imperiais; a pesquisa comprovou ser estas uma experiência inesquecível. A própria casa sede, por si só, garante a sua satisfação.

A maneira de recepcionar, em várias fazendas, os anfitriões vestidos a caráter, as apresentações de Saraus, a culinária e o requinte que transparece em cada fazenda, as curiosidades envolvendo a vida dos barões e os escravos, somados à raridade de peças de decoração, objetos de uso das famílias, obras de arte e o luxo dessas residências rurais palacianas, não deixam dúvidas que a qualidade da visita só é possível, graças a esse acervo existente em cada uma das vinte e duas propriedades pesquisadas.

Em todas as questões levantadas, o elemento histórico é marcante para as pretensões do turismo na região. O diferencial em termos de atrativo, entre as Fazendas Imperiais e uma fazenda comum que desenvolva alguma atividade de produção, está na edificação, no seu mobiliário, na sua decoração e o acervo de objetos e peças, que se transformam em um

cenário épico, não encontrado em qualquer outro lugar do Brasil, pelo menos do ponto de vista quantitativo.

*Na busca por dados*, no decorrer da pesquisa, constatou-se não existir inventários que confirmem a quantidade de fazendas históricas existentes em todo o Vale do Paraíba Fluminense, surgidas em função da plantação de café.

*Os resultados com o turismo da região*, conforme informações do Instituto Preservale, já se sabe estar havendo uma nova procura pela compra de propriedades desse período, para serem restauradas e destinadas à atividade turística.

*A pesquisa revelou* que os atuais proprietários, têm diferentes perfis e vêm individualmente, uma nova perspectiva para sua propriedade. Existe o grupo dos investidores, estes são proprietários que adquiriram a fazenda com a visão de mercado. E por esta razão investiram no turismo, entendendo ser esta uma área com perspectivas de crescimento.

Há os proprietários que têm na atividade do turismo um negócio, como outro qualquer. Para estes, o turismo já traz retorno.

Em outro grupo de proprietários, observou-se uma preocupação com o patrimônio, muito além da questão econômica. Não se interessam pelo turismo enquanto atividade de renda, por tanto não projetam para o futuro, retorno financeiro.

Chegou a uma conclusão em que a única saída para o turismo cultural na região, ser consolidado é necessário criar roteiros regionais como a “Rota das Fazendas Históricas do Vale do Café”, nos moldes de outras rotas, como por exemplo “O Caminho do Ouro”.

Com relação à questão do mercado, a região tem todos os recursos capazes de transformá-la em um pólo receptor. A localização geográfica, faz do Vale do Café, um destino privilegiado e de fácil acesso aos dois maiores centros emissivos do país, facilitando a chegada do visitante.

*Os resultados conclusivos*, apontam ser uma realidade, o turismo nas fazendas históricas do Vale do Café Fluminense. È possível afirmar que, com a atividade do turismo, uma nova fase se inicia para as fazendas do Vale do Café Fluminense.

Quanto às reformas, as vezes considerada como uma descaracterização, que desvaloriza a originalidade das casas antigas, confirma-se serem estas reformas providenciais, uma vez que informações, dão conta que as sedes das fazendas hoje com a atividade turística, encontravam-se em estado de ruínas ou abandonadas.

Certificou-se com as reformas, que estas são por razões estruturais, evitando a degradação do imóvel. Embora todas tenham passado por obras de restauração, que implicam em adaptações na arquitetura interna, tendo também que repor o mobiliário, o resultado final não descaracteriza edificação. As antigas sedes das fazendas são utilizadas como residência e segunda residência, ao tempo que estão abertas para a visitaçãõ, e outras adaptadas para hospedagem.

Supõe-se que o status de possuir uma propriedade do século XIX em boas condições, sirva em grande parte ao status do seu proprietário, mais que os ganhos econômicos oriundos da atividade turística

Como contribuição a ser considerada com esta pesquisa, acredita-se estar auxiliando os proprietários das fazendas históricas, ao mostrar através de um estudo acadêmico, a região e seu patrimônio passivos de aproveitamento na atividade turística, também é um estudo que acrescentará a área do turismo no campo acadêmico.

Uma vez reveladas as características das fazendas, abrirá um novo espaço para dar maior ênfase à prática do turismo pedagógico, passando a haver um maior entrosamento entre os setores envolvidos para aulas in loco.

A atuação do Instituto Preservale poderá fazer uso dos resultados alcançados, passando a orientar aos proprietários com maior rigor quando às encenações que exploram os aspectos históricos e a vida cotidiana do século XIX que as fazendas pretendem retratar.

As informações processadas por certo servirão como fonte de pesquisa a novos projetos de turismo na região, dependendo da destinação que se dará para os dados aqui analisados.

## REFERÊNCIAS

ABIC. Disponível em <http://www.abic.com.br>. Acesso em mar 2007.

ANDRADE, Manoel Eloy dos Santos. O Vale do Paraíba. Rio de Janeiro: Real Rio Gráfica, 1989

CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL, 1999, Piracicaba, Anais, Fealq, 1999

BOULLON, Roberto C. Planificación Del espacio turístico. 2ª ed. México: Rillas, 1994

CASA DE FAZENDA: As mais belas e Tradicionais Fazendas Brasileiras. São Paulo: Editora Abril, 1996. Coordenação e revisão, Evelyn Schulke Silveira.

CUNHA, Karina Poli Lima da. Patrimônio e Lugar: O Turista no Espaço Rural de Mococa e seu interesse no atrativo Histórico Cultural. São Paulo, 2003. 193 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. Métodos e técnicas de pesquisa em turismo. São Paulo: Futura, 1998

DIAS, Célia Maria de Moraes. Ribeirão Preto, “Lê pays du Café”. São Paulo, 1996. 149 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo.

ECO, Humberto. Como se faz uma tese. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999

ESPINOSA, Pablo Szmulewicz. Agroturismo y turismo rural en Chile. Instituto de Turismo. Facultad de Ciencias Económicas y Administrativas. Universidad Austral de Chile. Valdivia: 1997,

GODOY, Arlinda Schmidt. Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas possibilidades. ERA - Revista de Administração de Empresas, São Paulo: V. 35, nº 2 p. 57-63, Mar/Abr. 1995

GONÇALVES, Hortência de Abreu. Manual de Monografias, dissertação e tese: São Paulo, Avercamp editora, 2004.

ISHIY, Morupi. Experiências brasileiras em Agroturismo. O exemplo de da Fazenda Floresta (Lupércio – SP). São Paulo, 2002. 98 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo

JANELAS E PORTAS DO CAFÉ. Vale do Paraíba Fluminense. SESC Rio de Janeiro. Leila Vilela Alegrio. Curadoria Francisco da Costa. S/D.

KOCHE, José Carlos. Fundamentos de Metodologia Científica. Teoria da ciência e prática da pesquisa. Petrópolis: RJ. Editora Vozes, 2001.

LAMEGO, Paulo. O Brasil é o Vale. São Paulo: Gráfica Estadão, 2003

LEMOS, Carlos A. C. O que é patrimônio Histórico. São Paulo, Brasiliense, 2000. – Coleção Primeiros Passos

MACHADO, Lielza Lemos. Vassouras, recanto histórico do Brasil. Vassouras. RJ: Gráfica Palmeiras, 2000

MELGAÇO, Ycarim Barbosa. O despertar do turismo: uma visão crítica dos não lugares. São Paulo: Aleph, 2001

MILLIET, Sérgio. Roteiro do café e outros ensaios: contribuição para o estudo da história econômica e social do Brasil. 4ª edição São Paulo: Hucitec 1982

MOLETTA, Vânia Florentino & Goldanich, Karin Leyser. Turismo Rural. 2ª ed. – Porto Alegre : Sebrae – RS, 2000 (Série desenvolvendo o Turismo, 6)  
\_\_\_\_\_. Turismo Cultural 2ª ed. Porto Alegre: Sebrae – RS. 2000 (Série desenvolvendo o Turismo, 4)

MOREIRA, Fernando João. O turismo em espaço rural. Enquadramento e Expressão Geográfica no Território Português. Centro de Estudos Geográficos. Portugal - Lisboa. 1994, 225 p.

OLIVEIRA, Cássio Garklans de Souza. Turismo Rural. Procedimentos para implantação dessa atividade em propriedades rurais do Estado de São Paulo. São Paulo. 2001. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo

OLIVEIRA, Sílvio Luiz de. Teoria, técnica e prática São Paulo, I.M.S. 1985

PIRES, Fernando Tasso Fragoso. Antigas Fazendas de Café da Província Fluminense. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980 (Coleção Memória Brasileira)

\_\_\_\_\_. Fazendas Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986 (Coleção Memória Brasileira)

PIRES, Mário Jorge. Raízes do Turismo no Brasil. Hóspedes Hospedeiros e Viajantes no século XIX. São Paulo: Manole, 2001

RODRIGUES, Adyr Balastrieri.(org.) Turismo rural práticas e perspectivas – São Paulo: Contexto, 2001 – (Coleção Turismo Contexto)

\_\_\_\_\_. Turismo e Espaço . Rumo a um conhecimento transdisciplinar. São Paulo: Hucitec, 1997

SANT'ANA, Sônia. Barões e escravos do café: uma história privada do Vale do Paraíba. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. ,2001

SILVEIRA, Adalgiso Silva. Ambientação de Base Histórica: Ferramenta de incremento do Turismo – O exemplo de Vassouras – RJ. São Paulo 2002. 160 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo

SOBRINHO, Alves Motta. A civilização do café. 3ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1978

STEIN, Stanley Julian. Vassouras: um município brasileiro do café, 1850-1900. Tradução de Vera Bloch Wrobel. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

TAUNAY, Affonso de E. História do café no Brasil. Rio de Janeiro, Departamento Nacional do Café, 1939, 2 volumes.

THEOBALD, F. William. Turismo global. Tradução Ana Maria Capovilla, Maria Cristina Guimarães Capertino, João Ricardo Barros Penteado. São Paulo: Editora SENAC, São Paulo, 2001

TROPIA. Fátima. Turismo no Meio Rural. Belo Horizonte: Autêntica editora,1998. 2ª edição.

TULIK, Olga. Turismo Rural. São Paulo: Aleph, 2003. (Coleção ABC do Turismo)

Turismo: espaço, paisagem e cultura. Eduardo Yázigi, Ana Fani Alessandri Carlos, Rita de Cássia Ariza Cruz. (orgs.) 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999

Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais (org) Adyr Balastrieri Rodrigues -3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2001 In: *Turismo rural e desenvolvimento local Carminda Cavaco p. 94- 121*

TURISMO EM FAZENDAS. Sítio & Cia. Especial. Nº 4. São Paulo: Casa Dois Editora

Turismo no Espaço Rural Brasileiro. Anais do 3º Congresso Brasileiro de Turismo Rural: editado por Cássio Garkalns de Souza Oliveira, José Carlos de Moura, Marco Sgai – Piracicaba: Fealq, 2001

Turismo rural: ecologia lazer e desenvolvimento (ors) Joaquim Anécio Almeida, Mário Riedl. Bauru – SP. Edusc, 2000

Turismo rural e desenvolvimento sustentável. Joaquim Anécio Almeida, José Marcos Froehich, Mário Riedi (orgs). Campinas, SP: Papirus, 2000 (Coleção Turismo)

Turismo rural: tendências e sustentabilidade. Mário riedl, Anécio Almeida, Andyara Lima Barbosa Viana. (orgs.) Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002

URRY, John. O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. 3ª ed. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001. (Coleção Megalópolis)

VALE DO CAFÉ. Instituto Preservale. Fazendas do Brasil, Rio de Janeiro. Sônia Mattos Lucas. S/D. “Catálogo das Fazendas.”

VIEIRA, Sônia. Como escrever uma tese. São Paulo, 5ª edição, Thomson, 1991

Instituto PRESERVALE. Disponível em  
<<http://www.preservale.com.br>. Acesso janeiro de 2007

As fotos montadas, que introduzem os capítulos foram produzidas pelo autor e extraídas da folheteria das fazendas pesquisadas e da bibliografia citada.

## APÊNDICE

### Apêndice A

Universidade de São Paulo – Escola de Comunicações e Artes  
 Programa de Pós - Graduação  
 Turismo nas Fazendas Imperiais do Vale Paraíba Fluminense  
 QUESTIONÁRIO – PROPRIETÁRIOS

#### 1. SOBRE AS ORIGENS DAS FAZENDAS-

Fazenda \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
 Município \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

1 .Data de fundação Século XIX [ ] Século XX [ ]

Área territorial da fazenda permaneceu [ ] diminuiu [ ] aumentou [ ]

Atividade produtiva de origem – café [ ] pecuária [ ] agricultura de subsistência [ ]  
 ] outras [ ]

A sede atual é a mesma desde a época da fundação sim [ ] não [ ]

O mobiliário é o mesmo desde a fundação da fazenda sim [ ] não [ ]

#### SOBRE OS ATUAIS PROPRIETÁRIOS

Qual o motivo de adquirir a fazenda

Proprietários Herdeiros [ ] SIM [ ] NÃO

Qual o estado de conservação da casa, ao adquiri-la ruínas [ ] mau conservada [ ]  
 abandonada [ ] perfeito estado de conservação [ ]

Realizou alguma obra de restauração na casa sim [ ] não [ ]

Estas obras modificaram a arquitetura externa e interna da casa sim [ ] não [ ]

O que mudou na casa sede : criou novos compartimentos [ ] eliminou  
 compartimentos [ ]

Mudou de lugar alguns compartimentos [ ]

Exemplo:

Qual o interesse pela fazenda: Turismo [ ] agro-negócio [ ] Agricultura [ ]  
 pecuária [ ] Gado leiteiro [ ] Morar no campo [ ] Outros

Em caso de proprietários herdeiros :

A quanto tempo está sob a direção dos atuais proprietários

Atividade produtiva atual: Pecuária [ ] Agricultura [ ] Agro – negócio [ ] Gado  
 leiteiro [ ] Turismo [ ]

Outras [ ]

Em caso de proprietários não herdeiros ou arrendatários:

A quanto tempo está sob a direção dos atuais proprietários ou arrendatários

Atividade produtiva atual: Pecuária [ ] Agricultura [ ] Agro – negócio [ ] Gado  
 leiteiro [ ] Turismo [ ]

Outras [ ]

Em caso de proprietário ou arrendatário, não herdeiros:

**A forma de administração da propriedade, atualmente**

**A quanto tempo adquiriu a propriedade**

**O que implantou na propriedade, após adquiri-la**

**Qual a destinação da produção atual: consumo próprio**  **comercialização**  **outros**

**A escala da produção comporta a comercialização, ou é suficiente apenas para consumo da própria fazenda**

**Atividade produtiva atual: Pecuária**  **Agricultura**  **Agro – negócio**  **Gado leiteiro**  **Turismo**

**Outras**

Receita gerada pela fazenda:

**Atividade principal: Pecuária**  **Agricultura**  **Agro – negócio**  **Gado leiteiro**  **Turismo**

**Outras**

Em caso de produção em larga escala:

**O mercado consumidor: local**  **regional**  **nacional**

## 2. SOBRE A ATIVIDADE TURÍSTICA DA FAZENDA:

Em caso de arrendatários, ou proprietário não herdeiro:

**Qual a atividade da fazenda, quando a adquiriu**

**Porque turismo e não outra atividade produtiva**

A implantação do turismo, como atividade de renda da fazenda:

**Quando começou a operar com o turismo**

**O início do negócio: foi necessário um projeto: Sim**  **Não**   
**em caso afirmativo**

**Por quem foi elaborado: profissional do Turismo**  **Outra área:**   
**Qual** \_\_\_\_\_

**Obteve incentivo, seja financeiro, ou consultoria de órgãos ligado ao turismo, do Estado, ou do país.**

A decisão de trabalhar com turismo se deu:

**Influenciado pelo turismo no Brasil**

**Acredita no potencial atrativo d fazenda**

**Pela riqueza histórica – cultural da região**

**Pela riqueza histórica – cultural da fazenda**

**Pelo que representa a propriedade, como patrimônio histórico – cultural**

**Outros motivos:**

Serviços oferecidos:

**Hospedagem e visitaçã**  **visitaçã**

Em caso de hospedagem e visitação:

**Porque trabalhar com os dois serviços (vantagens)**

**O que é oferecido ao hóspede / visitante durante sua estadia**

Em caso de visitação:

**Porque não trabalhar com hospedagem**

**Quais as vantagens de trabalhar só com visitação**

O que é apresentado como principal atrativo

**Visita monitorada [ ]**

**Culinária típica [ ]**

**Recital de música [ ]**

**Festas tradicionais [ ] Outras [ ]**

**Sarau com recital de música clássica, acompanhada com piano [ ]**

**Chá imperial [ ]**

**Encenação sobre a história da fazenda, ligada a algum barão [ ]**

**Temas ligados à história da fazenda, ou da região, durante o século XIX [ ]**

**Atividades de lazer nas dependências da fazendas [ ]**

**atividades relacionadas ao dia a dia de uma fazenda [ ]**

**Arquitetura [ ]**

**Documentos do período da escravidão[ ]**

O turista e ou o visitante:

**O que mais desperta o seu interesse na fazenda**

**O que as pessoas buscam nesta visitação, independente de lhe ser oferecido , ou não**

### 3. A PARTICIPAÇÃO DO INSTITUTO PRESERVALE NA IMPLANTAÇÃO DO TURISMO NAS FAZENDAS IMPERIAIS:

Qual o papel do Preservale, nesta fase de implantação do turismo nas fazendas

**Abre portas – responsável pela fazenda estar aberta ao turismo**

**Fundamental importância – divulga a região e as fazendas**

**Com funciona o sistema de rede transatlântica de informações entre os Solares de Portugal e as Fazendas**

**do Brasil através do Preservale**

**O turismo na região já é uma realidade, ou está faltando algo para se consolidar**

**Existe um bom relacionamento entre os proprietários das fazendas nos diferentes municípios, ou**

**trabalham de forma isolada**

**O turismo na região, já é uma realidade, tendo as fazendas como atrativo principal**

**O volume de turistas por mês ou por ano já atingiu o limite que as fazendas comportam**

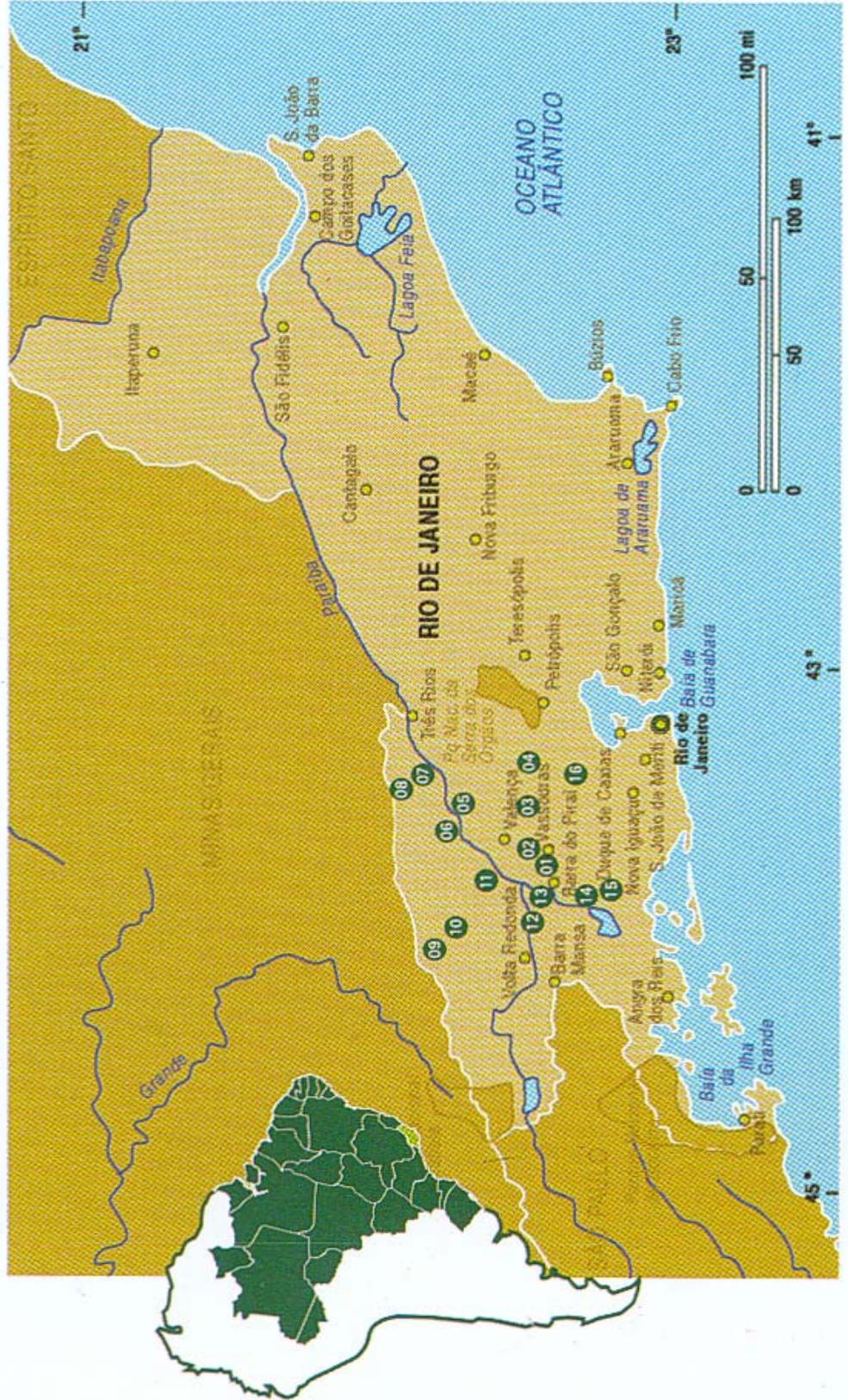
**A atratividade das fazendas por si só garante a presença do turista**

**4.OS AGENTES E A DEMANDA PARA AS FAZENDAS DO VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE****TURISTAS ESTRANGEIROS****Já recebeu turista estrangeiro SIM [ ] NÃO [ ]****O turista estrangeiro tem interesse específico quando vem visitar a fazenda****Estando no Brasil de qual(s) cidades vem o turista estrangeiro para visitar o Vale****Qual o país com mais presença de turista na região****Qual o período do ano mais procurado****Qual é o perfil do turista de cada país****Vem através de agências, em grupo, ou sozinhos****Quanto tempo permanecem, na fazenda e na região****Como ficam sabendo das fazendas****5. A ATUAÇÃO DAS AGÊNCIAS DE VIAGENS****São responsáveis pela vinda da maioria dos turistas****De onde são as agências que trabalham com as fazendas****O que as agências procuram nas fazendas para oferecer ao turista****Como elas divulgam as fazendas****O que mais os agentes reclamam do turismo na região, ou nas fazendas****Sem a participação das agências, o número de turistas seria o mesmo****Os grupos por agências visitam mais de uma fazenda na região****Qual o período do ano, com mais participação das agências****Fazem alguma exigência para trazer o turista****6.CONTATO : - Email – Tel – Fax – Site - Como chegar****OBSERVAÇÕES:**

ANEXOS

ANEXO A

ESTADO DO RIO DE JANEIRO PRESERVALE





## ANEXO C



Nossa história começa em 1994, quando 60 pessoas, dentre elas fazendeiros, pesquisadores, ambientalistas, arquitetos, agentes de viagem, historiadores, e apaixonados pela história e pelo patrimônio do Ciclo do Café, assinaram a Ata de Fundação do Instituto de Preservação e Desenvolvimento do Vale do Paraíba, em cerimônia realizada no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro. De lá para cá, um longo caminho, percorrido em boa companhia, passo a passo. Confira!

- I.        Introdução
- II.       Objetivos Gerais
- III.      Estratégias de Atuação
- IV.      Parcerias
- V.        Estatutos
- VI.      Conselho Diretor
- VII.     Conselho Fiscal
- VIII.    Conselho Consultivo
- IX.      Diretoria Executiva

### **I. INTRODUÇÃO**

#### ***BREVE HISTÓRIA***

A história do Ciclo do Café se confunde com a própria História do Brasil, especialmente na segunda metade do século XIX, um momento de transformações conjunturais decisivas para os períodos posteriores da vida de nosso país. Ela reúne, no espaço de pouco mais de um século, o apogeu e a ruína de um importante ciclo econômico do Brasil ocorrido em meio à transição política para a república, o fim do modo de produção escravocrata e a crise de desenvolvimento que se configurou nas primeiras décadas do século XX. Este contexto atingiu o Brasil em plena passagem de um sistema político, econômico, social e fundiário pré-capitalista, para a realidade industrial que se impôs no mundo a partir de então.

A região do Vale do Rio Paraíba do Sul foi o cenário privilegiado deste ciclo, que promoveu a riqueza do país através da derrubada da Mata Atlântica. A implantação da lavoura cafeeira deixou como legado histórico o patrimônio arquitetônico dos solares coloniais e a pecuária extensiva, ocupando desde então toda esta região, já desgastada pela monocultura. A profunda crise conjuntural em que mergulhou o Vale estendeu-se até recentemente, não obstante a industrialização que floresceu a partir das primeiras décadas do século atual.

Já nos anos setenta, esboçou-se a retomada da vocação regional, através do interesse pelas antigas Fazendas de Café, que foram, em grande parte, salvas da ruína por novos proprietários, dedicados à recuperação destes patrimônios. Motivados também pela perspectiva do investimento e em um novo alento para a economia regional, diversas foram as fazendas restauradas por proprietários que, nesta tarefa, conseguiram também resgatar a memória aristocrática do Vale, promovendo a revitalização econômica e cultural da vida e dos valores rurais, historicamente predominantes no médio Paraíba .

## ***CIDADANIA CULTURAL***

A partir dos anos noventa, com o surgimento de um novo sentimento de cidadania participativa, o Vale vem recriando, através da congregação de esforços da comunidade e de diversos segmentos envolvidos com a região, uma nova possibilidade de florescimento cultural e econômico, calcada em pressupostos contemporâneos e voltada para a valorização dos potenciais regionais. O ponto de partida para as ações do INSTITUTO PRESERVALE, é o binômio Preservação e Desenvolvimento, que conjuga o Patrimônio Histórico e Ambiental para promover o Desenvolvimento Sustentado, através do Turismo no espaço Rural.

A iniciativa do PRESERVALE vem estimulando e promovendo a viabilização de projetos através da ação coordenada entre os poderes públicos, a iniciativa privada, a cooperação e a mobilização das comunidades regionais. Focalizando a revitalização dos patrimônios históricos, culturais e ambientais que são a marca exclusiva desta região, o Instituto vem somando esforços em parcerias e compartilhando o crescimento do turismo e das economias locais, bem como o aumento do interesse acadêmico, cultural, histórico e ecológico sobre o Vale do Paraíba, o Ciclo do Café e a Mata Atlântica. As propostas do PRESERVALE representam alternativas de desenvolvimento econômico sustentável que demandam hoje por uma estratégia de intervenção de múltiplas interfaces.

## **II. OBJETIVOS**

O INSTITUTO PRESERVALE pretende fomentar o desenvolvimento sustentável na região, configurando uma proposta-piloto, que é passível de ser aplicada a outras regiões do estado e do país. Neste sentido, atuamos em parceria com entidades em âmbito local, regional, nacional e internacional, concorrendo para que o conjunto de iniciativas promova o turismo, a preservação cultural e ecológica e a revitalização do espaço rural na região.

Os temas da Cultura e do Patrimônio Histórico, associados aos interesses de Conservação Ambiental e do Turismo Sustentável, são articulados pelo PRESERVALE através de ações e projetos, visando também ao fortalecimento da cidadania e à valorização das tradições regionais. O Instituto promove também a valorização da imagem do Brasil no exterior, através da divulgação internacional dos potenciais culturais, ecológicos e turísticos que são alvo das nossas estratégias de Preservação e Desenvolvimento.

[Voltar ao Topo ▲](#)

## **III. ESTRATÉGIAS DE ATUAÇÃO**

### ***QUADRO SOCIAL***

O PRESERVALE reúne, aliados às comunidades, empresários, prefeituras municipais e instituições diversas, um crescente número de associados, dentre os quais proprietários de fazendas históricas, hotéis, restaurantes e pousadas; arquitetos, pesquisadores, historiadores e cientistas; professores, agentes de viagens, jornalistas; representantes de entidades locais, regionais, estaduais e federais;

### ***TURISMO***

- Através do apoio e da orientação técnica a proprietários de fazenda, comunidades, empreendedores e agentes institucionais, o PRESERVALE vem ajudando a

formatar, aperfeiçoar e qualificar o produto turístico regional, promovendo o aumento da oferta, a identificação e a melhoria de seu diferencial de qualidade;  
ü Promovemos roteiros turísticos (clique aqui), divulgados na mídia nacional e internacional, que oferecem visitação às Fazendas, cavalgadas, passeios e caminhadas ecológicas, visitas a museus e parques, palestras e espetáculos culturais;

- O intercâmbio institucional entre o Instituto e demais entidades locais, estaduais, nacionais e internacionais de âmbito público e privado, vem agregando e dinamizando iniciativas de divulgação, promoção e marketing turístico da Região do Ciclo do Café no Brasil e no exterior;

- O modelo desenvolvido pelo PRESERALE consiste na abertura à visitação turística de Fazendas e demais patrimônios históricos, aonde grupos são guiados por proprietários que pesquisam e divulgam os aspectos culturais das propriedades preservadas ou restauradas.

- A proposta inclui, em algumas situações, a interpretação e animação dos patrimônios através de encenações históricas, degustação de culinária tradicional, eventos artísticos e teatrais variados, que recriam episódios de época com personagens vestidos a caráter e permitem ao visitante a compreensão mais aprofundada e uma experiência mais completa do produto turístico cultural.

- Este modelo vem sendo estudado, pesquisado e multiplicado por outras regiões, aonde proprietários, estudantes e pesquisadores, interessados também no desenvolvimento desta modalidade de turismo cultural em outras localidades, vêm seguindo os mesmos fundamentos do PRESERALE. Já existem cinco teses acadêmicas escritas sobre o modelo do Vale do Paraíba, e diversas outras regiões brasileiras vêm implantando circuitos culturais, gastronômicos, históricos e/ou ligados a ciclos econômicos, em todo o Brasil.

- Em conjunto com a **TURISRIO**, participamos do Programa de Turismo Rural do Estado do Rio de Janeiro;

## ***CULTURA E PATRIMÔNIO***

O PRESERALE realiza, com parcerias diversas, projetos e eventos, visando a preservação do patrimônio histórico e cultural, bem como a sua promoção e revitalização para o uso turístico sustentável.

### **Exposições**

Com a parceria da Secretaria de Estado de Cultura e Esportes do Rio de Janeiro, realizamos a Exposição "Fazendas de Café da Província Fluminense", em Setembro de 95 e Janeiro de 96, em Niterói e Petrópolis respectivamente, apresentando fotografias, mobiliário, acervos artísticos e documentais. Com o IPHAN e o SEBRAE-RJ, realizamos em 98 e 99 a exposição "Uma Viagem no Tempo" (Esquina do Patrimônio, RJ), com mostra de arte, mobiliário e seminários temáticos sobre o Ciclo do Café, bem como a promoção dos Roteiros Culturais das Fazendas Históricas.

### **Publicações**

Estamos publicando o livro "Vale a Pena Preservar: Turismo Cultural e Desenvolvimento Sustentável", com o apoio da EMBRATUR. Vimos também apoiando, estimulando e fornecendo material de pesquisa para diversos artigos, teses e ensaios sobre o tema do Café, desenvolvidos no Brasil e no exterior.

### **Projetos**

Estamos desenvolvendo, com a Pequena Obra da Divina Providência, o Centro de Documentação Histórica da Universidade Severino Sombra, de Vassouras e a Prefeitura Municipal de Valença o projeto de Preservação do Acervo Histórico, Artístico e Documental da Fazenda Santo Antonio do Paiol, visando a sua preservação e preparação da Fazenda para abertura a público. Em virtude de nossa atuação,

recebemos menção de destaque do IPHAN, no Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade/2000 como exemplo a ser multiplicado.

### **Seminários**

O PRESERVALE coordenou o Seminário da I FECULTE do Médio Paraíba, em Valença, 1994, e realizou o Seminário conjunto à Exposição "Fazendas de Café da Província Fluminense", em Niterói, 1995, como também o já mencionado "Uma Viagem no Tempo" na sede do IPHAN/Rio, em 1998 e 1999.

Em Maio de 2000 realizamos o I Encontro de Turismo de Patrimônio no Espaço Rural, reunindo cerca de 60 participantes na sede da Fazenda Ponte Alta, em Barra do Piraí, para a definição de conceitos, estratégias e a qualificação de parâmetros voltados para a utilização do Patrimônio Histórico para o Turismo Sustentável no meio rural.

Participamos também da II Jornada Luso-Brasileira de Patrimônio e Reabilitação Urbana, promovido no Rio de Janeiro em Maio de 2000, apresentando o "case" PRESERVALE. O I Encontro de Turismo de Patrimônio no Espaço Rural foi realizado em Maio/2000, na Fazenda Ponte Alta em Barra do Piraí, visando o estabelecimento de critérios técnicos para o desenvolvimento deste tipo de Turismo.

Em Junho de 2002, através de parceria entre o PRESERVALE e o Instituto Virtual de Turismo (IVT) COPPE/ UFRJ, foi realizada uma pesquisa sobre a sustentabilidade do produto "Fazendas Históricas da Região do Ciclo do Café", que foi apresentada em seminário com a presença de proprietários e atores institucionais da região; o relatório final da pesquisa, produzido pelo IVT, será entregue em breve.

Ainda em Junho de 2002, foi realizado no Hotel Fazenda do Arvoredo o II Encontro Luso-Brasileiro de Turismo Cultural no Espaço Rural, com a presença da comitiva de 14 representantes de entidades de desenvolvimento rural da União Européia, constando de instituições portuguesas, italianas e espanholas. O evento teve um comparecimento de cerca de 100 pessoas, entre empresários do Turismo Rural, proprietários de Fazendas Históricas, pesquisadores e estudantes, secretários municipais de Cultura, Meio Ambiente e Turismo da região do Ciclo do Café, Secretários Estaduais de Turismo, Planejamento e Desenvolvimento Econômico do Rio de Janeiro, Prefeitos Municipais (Piraí, Barra do Piraí), professores, além do Reitor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Na oportunidade, foi assinado o Acordo de Cooperação para Ações Integradas, entre as diversas entidades presentes.

### **MEIO AMBIENTE**

O PRESERVALE vem atuando na região do Médio Paraíba com projetos em parceria, visando à conscientização e educação ambiental, bem como à preservação de áreas particulares e públicas de conservação.

### **ECO-ÔNIBUS**

Em parceria com a Prefeitura Municipal de Barra do Piraí e o Senac Rio, foi realizado o projeto "Ecoônibus na Escola", que levou alunos das escolas municipais da região à visitação em Fazendas Históricas, numa programação associada à exibição de vídeos educativos, tendo como destaque o vídeo Fazendas Históricas do Vale do Paraíba, produzido em parceria com o SEBRAE/RJ.

### **CETAR**

Centro de Tecnologias Agroflorestais - projeto desenvolvido no Santuário de Vida Silvestre da Serra da Concórdia, entre os municípios de Valença e Barra do Piraí, que conta também com a parceria da EMBRAPA.

## **IV. PARCERIAS**

O **PRESERVALE** trabalha com três níveis de parcerias estratégicas:

### ***COMUNITÁRIAS***

Os elementos comunitários que constituem a rede de agenciamentos civis: moradores, proprietários de fazendas, pequenos e médios empresários regionais dos setores hoteleiro, de alimentação, comércio, indústrias e serviços, organizações não-governamentais de preservação e educação ambiental e cultural, artesãos, arquitetos, pesquisadores, ecologistas, historiadores.

### ***EMPRESARIAIS***

- 1- Empresas de médio e grande porte, diretamente envolvidas com a região no processo de produção e/ou circulação de bens e serviços;
- 2- Empresas indiretamente relacionadas com a região e/ou tema do Programa, interessadas no retorno institucional;
- 3- Empresas estatais ou privadas interessadas no desenvolvimento regional;

### ***INSTITUCIONAIS***

- 1- Entidades privadas e públicas de Ensino, Pesquisa e Preservação, ligadas aos aspectos Culturais, Históricos, Arquitetônicos e Ambientais.
- 2- Organismos governamentais de âmbito Municipal, Estadual e Federal, envolvidos com os temas do PRESERVALE ou comprometidos com programas de desenvolvimento da região;
- 3- Instituições privadas ou públicas, nacionais e estrangeiras, vinculadas às causas da Preservação e do Desenvolvimento cultural, ecológico e sócio-econômico.

Temos, até o momento, convênios e protocolos de intenções já assinados com diversas entidades e alguns em fase de formatação final. Nossos convênios são com:

SEBRAE - RJ - Publicação de livros, Seminários, documentação fotográfica;  
UNIVERCIDADE - Cursos, Pesquisas, Estudos;  
TURIHAB - Divulgação Internacional, Intercâmbio de Modelos;  
TURISRIO - Programa de Turismo Rural;  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA - CDH - Catalogação de Acervo Documental - Fazenda Santo Antonio do Paiol - Valença  
PREFEITURA MUNICIPAL DE VALENÇA: Operação de grupos à Fazenda Santo Antonio do Paiol, receptivo com guia profissional.  
Pequena Ordem da Divina Providência (em finalização): Abertura à Visitação de Sede Histórica;  
Casa de Cultura de Conservatória - Instalação do Escritório Regional do PRESERVALE.

## **V. ESTATUTO**

O estatuto está em formato PDF e necessita do Adobe Reader.

Para visualizar ou imprimir o estatuto **[clique aqui!!!](#)**

Para baixar o Adobe Reader **[clique aqui!!!](#)**

[Voltar ao Topo ▲](#)

## **VI. CONSELHO DIRETOR**

**Presidente** - Professor Mauro Ribeiro Viegas

Arthur Mário Vianna  
Carlos Augusto Lacerda Soares  
Delio Aloísio de Mattos Santos  
Embaixador João Hermes Pereira de Araújo  
Fernando Tasso Fragoso Pires  
Hecilda Martins Fadel  
Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão  
Maria Eugenia Stein  
Ronaldo Cezar Coelho

[Voltar ao Topo ▲](#)

## **VII. CONSELHO FISCAL**

**Presidente** - Cloves José Francisco Leal

**Suplente** - João Carlos Streva

**Conselheiro** - José Roberto Barbosa de Freitas

**Suplente** - Luiz Geraldo Muniz

[Voltar ao Topo ▲](#)

## **VIII. CONSELHO CONSULTIVO**

### **Núcleo de Cultura e Patrimônio**

Arnaldo Danemberg Filho  
Dilma Dantas Moreira Mazzêo  
Gabriel Fonseca  
José Carlos Barbosa de Oliveira  
Lília Maria Gilson de Oliveira Rangel  
Maria de Lourdes Parreiras Horta  
Marta Ribeiro Britto  
Mary Del Priore  
Paulo Raulino Lamego  
Paulo Roberto Belfort Carneiro da Silva  
Roberto Guião de Souza Lima  
Rogério Van Rybroek

### **Núcleo de Meio Ambiente**

Alberto Henrique Frisbee Machado  
Ana Patrícia Kranz  
André Zabłudowski  
Ariane Elisabeth V. S Janér  
Arthur da Silva Pereira  
Axel Schmidt Graef  
Cyrene Mendes Baptista  
Roberto Raulino Lamego

Theodoro Hungria Machado

## **Núcleo de Turismo**

Ana Maria da Silveira Streva  
Ayrton Lopes Violento  
Cristina de Paula Fernandes Braga  
João Manoel dos Reis Filho  
José Inácio de Sá Parente  
Magide Breves Muniz  
Maria Cecília Aparecido de Oliveira  
Nilza de Freitas Froment Rozemberg  
Núbia Vieira Monteiro Vergara Caffarelli  
Simone Marques Coimbra Pio da Fonseca

[Voltar ao Topo ▲](#)

## **IX. DIRETORIA EXECUTIVA**

**Diretora Geral** - Paulo Roberto dos Santos

**Diretora de Cultura e Patrimônio** - Marta Pereira Reis da Fonseca  
**Suplente** - Marta Martins Fadel Lobão

**Diretor de Meio Ambiente** - Elvio Divani  
**Suplente** - Guilherme Fernandes Cezar Coelho

**Diretora de Turismo** - Ana Maria Bastos Seraphim  
**Suplente** - Adilson Adriano dos Reis Novaes

**Secretária de Comunicação** - Regina Coeli Garcia Domingues

[Voltar ao Topo ▲](#)

[Voltar](#)



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)